

ESCOLA MINISTERIAL ANTIOQUIA

Ana Paula Gomes

**IGREJA MISSIONAL:
UM ESTUDO BÍBLICO DA UNIDADE NA DIVERSIDADE
Fundamento para o cumprimento da Missão**

**São Paulo
2025**

ESCOLA MINISTERIAL ANTIOQUIA

Ana Paula Gomes

**IGREJA MISSIONAL:
UM ESTUDO BÍBLICO DA UNIDADE NA DIVERSIDADE
Fundamento para o cumprimento da Missão**

Dissertação apresentada a Escola Ministerial Antioquia, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Artium* na área de Teologia Missional. Orientador Professor Ricardo Augusto.

São Paulo

2025

Ana Paula Gomes

**IGREJA MISSIONAL:
UM ESTUDO BÍBLICO DA UNIDADE NA DIVERSIDADE
Fundamento para o cumprimento da Missão**

Dissertação apresentada a Escola Ministerial Antioquia, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Artium* na área de Teologia Missional. Orientador Professor Ricardo Augusto.

Aprovação ____ / ____ / ____

Orientador: Prof. Ricardo Augusto

RESUMO

O trabalho desenvolvido tem como objetivo abordar a importância dos relacionamentos entre os cristãos, pois a Igreja que o Senhor Jesus morreu para estabelecer tem sido ferida e afligida desde o começo com maus comportamentos, incluindo desentendimentos e divisões. Por tais razões, oportuno enfatizar o tema da unidade da Igreja em meio a diversidade para edificação do corpo e adoração a Deus, pois a Igreja como corpo de Jesus Cristo necessita buscar a paz e a unidade para que haja harmonia entre os cristãos. Portanto, carecemos desenvolver um espírito de união e amor dentro da comunidade eclesial assim como é ensinado pelo próprio Senhor Jesus em sua oração sacerdotal em João, capítulo 17, versículos 20-21, pois assim, cumprimos com o nosso chamado e com a missão que o Senhor Deus estabeleceu para sua Igreja.

Palavras-chaves: Igreja, Unidade, Diversidade, Amor, Missão.

ABSTRACT

This work aims to address the importance of relationships among Christians, as the Church that the Lord Jesus died to establish has been wounded and afflicted from the beginning by bad behavior, including disagreements and divisions. For these reasons, it is appropriate to emphasize the theme of the Church's unity amid diversity for the edification of the body and worship of God, as the Church, as the body of Jesus Christ, needs to seek peace and unity for harmony among Christians. Therefore, we need to develop a spirit of unity and love within the ecclesiastical community, as taught by the Lord Jesus himself in his high priestly prayer in John, chapter 17, verses 20-21, for in this way, we will fulfill our calling and the mission that the Lord God established for his Church.

Keywords: Church, Unity, Diversity, Love, Mission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
IGREJA MISSIONAL: UMA COSMOVISÃO BÍBLICA CRISTÃ.....	16
A IGREJA VITORIOSA DO SENHOR: UNIDADE NA DIVERSIDADE.....	37
A IGREJA SANTIFICADA: UNIDOS NO PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO.....	75
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”. (Jo 17 20-21 NAA)¹

INTRODUÇÃO

Quando observamos a história bíblica da Igreja² notamos que a unidade é essencial para que Deus seja glorificado. As Escrituras demonstram que a humanidade, a qual ficou destituída da glória de Deus, só pode ser restaurada a Igreja por meio da obra reconciliadora de Cristo. E que o propósito de Deus é formar um corpo para expressar a plenitude de Cristo na terra, unir os povos, tanto os judeus quanto os gentios, dentre os quais Deus habita para equipar, habilitar e amadurecer seu povo a fim de que vivam em união, expressando o amor que nos fora revelado por meio da Trindade³.

Nesse sentido, a Igreja do Senhor precisa entender que foi constituída para o louvor da sua glória, e que o Senhor Jesus tem o compromisso de constituir uma Igreja gloriosa, madura e de um ministério sem mácula, nem ruga (Ef. 5. 26-27)⁴. E que o *Deus trino* revelado nas Escrituras é a base e modelo para Igreja e sua unidade. Portanto, á medida que a nossa compreensão de Deus é ampliada por meio de um estudo sério da Palavra e de uma crescente conscientização da obra de Cristo ao longo da história

¹ Os discípulos formam o núcleo da comunidade da nova era. Em resultado do envio deles ao mundo com a mensagem da vida, outros crerão em Jesus através do testemunho deles. Por estes outros Jesus ora também, especificamente para que todos sejam unidos. A unidade pela qual ele ora é uma unidade de amor; na verdade trata-se da participação deles na unidade de amor que existe eternamente entre o Pai e o Filho. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos”, Jesus tinha dito aos onze, “se tivesse amor uns aos outros” (Jo 13.35). A sua unidade em amor manifesta daria confirmação pública do relacionamento deles com Jesus e deste com o Pai. O mundo, que até então não lhe tinha dado crédito, aprenderá com o testemunho do amor dos discípulos que de fato, ele é o enviado de Deus; o mundo aceitará o seu testemunho de que “o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo” (1Jo 4.14). Então o domínio do usurpador será desmantelado e o mundo, por fim reconhecendo seu Senhor de direito, responderá com fé a seu amor por ele (BRUCE, 2002, p.285).

² Como Igreja Missional, nossa função nessa história é participar na missão de Deus; devemos estar envolvidos na obra de Deus de restauração e cura. Isso define a identidade e o papel da Igreja. (GOHEEN, 2015, p.38).

³ Como podemos notar o termo técnico “Trindade” não está expresso, mas implícito nas Escrituras, à doutrina fica tão claramente subentendida em tudo o que as Escrituras dizem e na lógica da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Deus é um, no que diz respeito à sua natureza, substância, essência, divindade; sendo Pai, Filho e Espírito Santo, ele subsiste nessas três pessoas distintas; através das quais se dá os seus mútuos relacionamentos (OWEN, 2021, p.8).

⁴ Nesses versículos Paulo resumiu todo o processo com o qual Cristo se comprometeu em sua relação com a Igreja: Cristo a lavou da corrupção do pecado e agora a está preparando para um glorioso destino com ele (Bíblia de Genebra, 2009, p.1576).

humana, obteremos uma compreensão mais precisa do nosso mundo, de nós mesmos e do que Deus espera de nós.

Na estrutura do domínio, temos Cristo como Senhor da comunidade. Como podemos testificar na Reforma a ideia de domínio demonstrou ser significativa para que houvesse total compreensão da Cristologia.

Neste sentido, aprendemos com Bonhoeffer,

Como Senhor, Cristo julga nossos pecados na cruz, nos concede sua misericórdia, nos justifica. Como Senhor enaltecido, advoga também por nós, está diante de Deus como o que intercede constantemente por sua comunidade. Por isso, Deus não pode ver a comunidade sem Cristo, e deve atuar nela através dele. Cristo conduz após si aos que tem elegido. O Cristo intercessor nos faz estar seguros da graça de Deus. Só por este caminho se alcança uma segurança real.⁵

Portanto, diante desse entendimento, a comunidade não pode sustentar-se a si mesma, mas espera a justiça e o juízo do seu Senhor. Assim, até a hora do juízo final deve colocar sua confiança na intercessão de Cristo diante de Deus, não caindo na sua própria segurança, pois Cristo permanece como Senhor da comunidade que lhe está submetida.⁶

Vejamos o ensino de Guthrie, em seu comentário a carta aos Hebreus, capítulo 7, versículos 24-25, referente a intercessão de nosso Senhor pelo seu povo:

Nesta carta, a obra intercessora de Cristo já foi aludida de modo indireto. Sua simpatia e sua ajuda estão em harmonia com esta obra, mas é nesta passagem que é ressaltada mais claramente. A função do nosso Sumo Sacerdote é pleitear a nossa causa. Isto, também, Ele pode fazer de modo mais eficaz do que Arão⁷ ou qualquer dos descendentes deste poderia fazer. Este ministério intercessor de Cristo demonstra Sua atividade atual em prol do Seu povo e é uma continuação direta de um sumo sacerdote ideal que são vistas perfeitamente em Cristo.⁸

Observamos, também, que as paginas iniciais das Escrituras revelam claramente a existência de um único Deus verdadeiro, que existe eternamente como Pai, Filho e Espírito Santo. E como três pessoas, Deus é um ser relacional em que a unidade e a diversidade estão perfeitamente em harmonia, não só revelando a natureza de Deus,

⁵ BONHOEFFER, Dietrick. **A essência da igreja**. Tradução Dr. Daniel Sotelo. Giânia: Editora Cruz, 2017, p. 51.

⁶ Ibid., p.51.

⁷ Arão foi escolhido sumo sacerdote, tendo os filhos por sacerdote para ministrar no tabernáculo (Ex 28. 1ss; Lv 8 1ss.). Assim, tornou-se a primeira pessoa a entrar no Santo dos Santos (o santuário anterior) no Dia da Expição, para apresentar o sangue de um sacrifício pelo pecado do povo. Mais tarde, o sacerdócio israelita passou a ser conhecido coletivamente como "os filhos de Arão". No NT, seu sacerdócio é contrastado com o ministério perfeito e eterno de Jesus (Hb 5.4; 7.11). (Dicionário Bíblico Vida Nova, Derek Williams, ED).

⁸ GUTHRIE, Donald. **A Carta aos Hebreus: Introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão. São Paulo, 1983, p.157.

mas também nos permitindo compreender o significado e o valor da diversidade em todas as relações humanas. Logo, a Trindade é uma unidade de compreensão íntima, amor perfeito e funcionamento integrado, pois se relacionam e existem eternamente umas com as outras, como seria esperado, a perfeição relacional de Deus é revelada nesta unidade.⁹

Esse entendimento é importante para a Igreja porque, à medida que crescemos espiritualmente, somos transformados à imagem de Deus de várias maneiras, inclusive de forma relacional. E essa capacidade de trabalharmos juntos de forma harmoniosa, apesar das diferenças, desempenha um papel importante no processo de santificação. Portanto, quanto mais nos aproximarmos de Deus, mais próximos devemos estar uns aos outros, e assim, influenciaremos de forma direta na unidade da Igreja, pois se espera que a *unidade da Trindade* seja expressa na *unidade da Igreja*.¹⁰

Outro ponto importante é observarmos a diversidade revelada na própria natureza da Trindade, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo existem como pessoas distintas e diferentes, e isso é consistentemente apresentado em toda Bíblia. E como seres humanos relacionais, fomos criados não só para termos um relacionamento com Deus, mas para nos relacionarmos com aqueles que são semelhantes a nós, pois sem esse relacionamento seríamos pessoas incompletas.

Podemos identificar essa diversidade, também, quando estudamos a Palavra de Deus, pois encontramos sessenta e seis livros, dois testamentos e uma só Bíblia. E apesar dessa diversidade presente na Bíblia, é impossível deixar de perceber toda a unidade que se encontra em suas páginas. E isso não decorre de algum dogma da igreja, mas excede muito a isso. Assim, notamos que essa unidade é devida ao seu autor divino, pois ela é sem par entre os escritos da antiguidade e tem importância fundamental para interpretação da Bíblia.¹¹

O apóstolo Paulo fala sobre a graça da unidade, não da uniformidade, pois unidade vem do interior, é uma graça espiritual, enquanto uniformidade é resultado de pressão exterior. Portanto, essa unidade não é externa nem mecânica, mas interna e orgânica, como nos ensina nos seguintes termos:

⁹ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 25.

¹⁰ A doutrina correta é fundamental para a igreja, e essa doutrina deve ter seu ponto de partida no Deus Trino e uno, que atua na história e nos chama a sermos agentes nela também (VANHOZER, 2015, p. 12).

¹¹ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.

Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós. (Ef 4 . 1- 6).

Notamos que essa unidade, de acordo com Hernandes (2017, p.102), não é imposta por força exterior, senão que, pela virtude de Cristo que habita o cristão e, procede de dentro do organismo da Igreja. Não é criada, mas preservada, já existi por obra de Deus, não do homem. Essa unidade é um presente de Deus, mas é um presente que deve ser conservado, pois pode ser destruída.

Ao olharmos para o cenário das igrejas evangélicas é notável os perigos que ameaçam a unidade da Igreja de Cristo. Nada debilita mais a unidade da Igreja do que os cristãos estarem engajados servindo a Deus sem unidade, pois a obra de Deus não pode avançar quando cada um defende um lado, quando cada membro busca seus próprios interesses do que a glória de Cristo. Vejamos o que Paulo nos ensina em sua carta a igreja de Éfeso, quando aborda a importância da unidade da Igreja:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como crianças, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina, pela artimanha das pessoas, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo de quem todo o corpo, bem-ajustado e consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor (Ef 4. 11-16, NAA).¹²

Conforme observamos o que nos ensinam os evangelhos e todas as cartas do Novo Testamento, com referência a essa unidade da Igreja, percebemos que esses ensinamentos são tão atuais, pois notamos que na maioria das igrejas evangélicas seus líderes buscam seus próprios interesses são amantes dos holofotes; não buscam a glória de Deus nem a edificação da igreja, mas a construção de monumentos aos seus próprios nomes.

¹² Temos aqui a visão de Paulo para a Igreja. A nova sociedade de Deus deve demonstrar amor, unidade, diversidade e maturidade sempre crescente. Essas são as características de uma vida digna da vocação do nosso chamado (LOPES, 2009, p. 113).

O mundanismo também é evidente em muitas igrejas evangélicas, pois seus líderes são libertinos e imorais, inimigos da cruz de Cristo, só se preocupam com as coisas terrenas, comilões, beberrões e imorais, com uma visão muito liberal da fé cristã, do tipo que está sempre dizendo: “isso não é pecado, não tem problema”. Neste sentido, somos advertidos por Paulo em sua carta aos Filipenses, vejamos o texto:” Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas” (Fp 3.18-19 NAA).

Hendriksen corrobora com esse entendimento, orientando nos com seus argumentos, nos seguintes termos:

Falando sobre esses inimigos da cruz de Cristo, Paulo continua: cujo fim será a destruição. Este é o seu destino decretado, pois Deus ordenou que “o fim deles será conforme suas obras” (II Co 11.15b). Este fim é o fruto de suas vidas ímpias (Rm 6.21). É o salário conquistado por seus pecados (Rm 6.23). Destruição (ou perdição), contudo, não é o mesmo que aniquilamento. Não significa que cessarão de existir. Ao contrário disto, significa punição eterna (Mt 25.46), pois esta destruição é uma destruição eterna (II Ts 1.9). Esta destruição inicia-se na presente vida, porém é consumada na morte. Em vez de procurar manter seus apetites físicos sob controle, compreendendo, que nossos corpos são o templo do Espírito Santo, no qual Deus deve ser glorificado, estas pessoas se entregam a glotonaria e a licenciosidade. Adoravam sua natureza sensual. A isto eram eles impelidos, sem dúvida, devido a causas tais como: antecedentes imorais, ambiente pagão e perverso, gnosticismo incipiente e licencioso, perversão da doutrina da graça, e, por último, ainda que não de menos gravidade, a concupiscência do coração (Tg 1.14).¹³

Também notamos que há muitos conflitos entre a liderança da igreja local, pois ocorre uma disputa em chamar a atenção para si e nos espaços de atuação na igreja. Essa disputa é caracterizada como vanglória, ou, egoísmo, e denota uma inclinação orgulhosa que busca tomar o lugar de Deus, e a estabelecer como status auto-assertivo que rapidamente induz ao desprezo do próximo, destruindo a verdadeira vida comunitária.¹⁴

Conseqüentemente, a divisão das igrejas, a competição entre muitas denominações, o desentendimento entre líderes, tudo isso nos indica que a unidade da

¹³ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Exposição de Filipenses**. Trad. Valter Graciano Martins. Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1992, p.236.

¹⁴ A Igreja é uma comunidade de pessoas numa jornada rumo a Deus, Onde quer que haja unidade sobrenatural e movimento dirigido pelo Espírito, aí está a Igreja – uma comunidade espiritual. A união espiritual, aquilo que domino como conexão, gera movimento: união em Cristo estimula movimento rumo a Cristo (CRABB, 2022, p. 50).

Igreja está se perdendo e que ela deve ser buscada. Mas ao olharmos com cuidado para o que nos ensinam os textos bíblicos, notamos que somos lembrados que é preciso fazer “tudo para conservarmos, por meio da paz que nos une a união (unidade) que Cristo nos dá”. Embora a unidade seja um dom, presente que Deus dá, ela pode ser perdida. Por esse motivo, precisa ser conservada.¹⁵

Na oração sacerdotal evangelho de João, capítulo 17, o Senhor Jesus fala da unidade que há no relacionamento entre a Trindade e diz que essa unidade deve ser desenvolvida também pelos discípulos¹⁶. Mas essa unidade tem consequência prática, por ser repetida duas vezes nesses versículos: “Para que o mundo creia...” ou: “A fim de que o mundo saiba...”. Portanto, a falta de unidade do povo escolhido de Deus dificulta que as pessoas creiam que o Filho de Deus foi enviado para reconciliar os perdidos com Deus. Causa um escândalo que provoca a descrença.¹⁷

O que tem provocado essa divisão são os mais diversos motivos. Pode ser mesquinhos, como orgulho, poder, desentendimentos diversos e pessoais. Em algumas situações são mais complexos, como por exemplo, divisões por entendimentos doutrinários diferentes, não concordância em torno do que seja a verdade. Parece que estabelecer ou reconhecer o que seja a verdade sempre é difícil, por isso, precisamos

¹⁵ Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas (Ap 3.22). Este verso é repetido por sete vezes consecutivas nos segundo e no terceiro capítulo do livro de Apocalipse. O Senhor Jesus enviou sete cartas diferentes à sete igrejas da Ásia, pelas mãos de seu servo João. Por sete vezes consecutivas, Ele finaliza sua carta com as mesmas palavras solenes: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz as igrejas” (RYLE, 2016, p. 293).

¹⁶ Jesus não considera a unidade organizacional, que pode ser mantida com instrumentos de poder. Mas tampouco se trata apenas de uma unidade de ideias afins ou uma coligação com base em sentimentos convergentes. Não, a unidade que Jesus pede para a Igreja tem como paradigma a unidade do Pai e do Filho no Espírito Santo. Essa unidade nos é continuamente demonstrada no agir e falar de Jesus. Ela é caracterizada pela liberdade e integralidade, mediante uma preservação nítida e intencional das diferenças. Jesus pode afirmar: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Ainda assim o Filho continua sendo integralmente aquele que espera, obedece, ao passo que o Pai é totalmente aquele que envia, ordena, atende e concede. Porém justamente nessa distinção vive o amor que une o Pai e o Filho. É assim que Jesus deseja a unidade de sua Igreja. Ele vê diante de si a grande multidão dos que creem, em plena multiformidade. Por isso ele diz que “todos” devem ser um. Esses “todos” podem e devem permanecer o que são, até mesmo nas suas diferentes espécies, maturidades, percepções. Porém é exatamente nessa diversidade que o amor atua, suprimindo as carências de uns com os dons e as forças dos demais, gerando assim aquele “edificar-se uns aos outros”, “consolar-se uns aos outros”, “exortar-se uns aos outros” (Cl 3.16; 1Ts 4.18; 5.11) pelos quais “vive” a Igreja (BOOR, 2002, p. 140).

¹⁷ A igreja está envolvida com missões, porque a Jesus foi dado um nome que está acima de todos os nomes e se declarou Filho de Deus com Poder, pela sua ressurreição dentre os mortos, porque Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo e judeus e gentios num só corpo, para si mesmo, por meio da cruz. Se a igreja está “em Cristo”, ela está envolvida em na missão o que faz que toda a sua existência tenha caráter missionário. Sua conduta, bem como suas palavras, convencerão os incrédulos e emudecerão sua ignorância e insensatez (PERSPECTIVAS, 2009, p. 67/68).

sempre recorrer as Escrituras que nos ensinam, por meio do apóstolo Paulo que “o amor é o vínculo da paz¹⁸. O amor torna possível a coexistência, mesmo quando há divergências. O amor orienta um coração humilde, bem-educado e paciente”. Logo, quando há tensão entre a verdade e a unidade, o amor entra em cena, com humildade. O amor é o vínculo da paz e estimula a humildade. E assim, como consequência, fica mais fácil de buscar a verdade e a unidade em meio à diversidade.

Vejamos o que nos ensina o apóstolo Paulo acerca de andarmos em amor e sermos imitadores de Deus, como seus filhos: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; E andai em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave (Ef 5.1-2). Paulo argumenta que os filhos são como seus pais. Os filhos aprendem pela imitação. Deus é amor (1Jo 4.8); por isso, os cristãos devem andar em amor. Deus é luz (1Jo 5.8); portanto, os cristãos devem andar na luz. Deus é verdade (1Jo 5.6); por isso, os cristãos devem andar em sabedoria.¹⁹

É evidente que não existe unidade com desprezo a verdade, mas é fato também que a verdade não elimina a unidade. Por isso, precisamos do amor, que é outro dom precioso que recebemos de Deus e aprendemos dele. Deus nos ama em Cristo sabe quem nós somos e conhece nossas falhas e imperfeições. Ele sabe a verdade a nosso respeito, e mesmo assim, não deixa de nos integrar à sua família. O amor de Deus, que excede o nosso humano entendimento, é o que nos permite termos comunhão com Ele e com a Igreja do Senhor Jesus Cristo.²⁰

Na carta do apóstolo Paulo aos Colossenses, capítulo 3, versículos 12-17²¹, somos exortados a adotarmos um estilo de vida santo, a nos vestirmos de “ternos afetos

¹⁸ Para o apóstolo Paulo, a paz é um vínculo afetivo entre as pessoas, que se baseia no amor. O vínculo da paz é uma conexão, uma ligação, que não implica em domínio ou subserviência, e o amor é o vínculo da perfeição. A unidade é a responsabilidade de cada cristão e deve-se busca-la com seriedade (Bíblia de Estudo Plenitude, 2009, p. 1344).

¹⁹ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p 128.

²⁰ O conhecimento do amor de Cristo deve ser obtido no contexto da comunhão fraternal. Paulo diz: “Vos seja possível compreender, juntamente com todos os santos. O isolamento e a falta de comunhão com os crentes é um obstáculo a compreensão do amor de Cristo pelos homens. Precisamos da totalidade da Igreja, sem barreira de etnia, cultura, cor e denominação, para compreender o grande amor de Cristo por nós (LOPES, 2009, p. 94).

²¹ Paulo previu os cristãos assumindo o caráter do próprio Senhor. O “novo homem” não é algo que os cristãos devem construir pelo seu próprio poder. A nova identidade do cristão vai tomando forma à medida que ele vai conhecendo melhor a Cristo, a imagem do Deus invisível e Aquele em quem todos

de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade (3.12). E que acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (3.14). Portanto, é importante entendermos que a nova identidade do cristão vai tomando forma à medida que ele vai conhecendo melhor a Cristo, a imagem do Deus invisível e Àquele em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos. Por tais razões, devemos desenvolver um comportamento ético, um comprometimento emocional com o ferido e o desalentado. Prontidão para fazermos o bem, mesmo quando essa atitude não é merecida pelos favorecidos, uma postura de inferioridade e serviço, uma forma suave de oferecer ajuda; uma abordagem não coercitiva para incentivar mudanças positivas nos outros e uma disposição para sermos tolerantes tendo em vista a fragilidade humana²².

Além disso, notamos que a consagração do Senhor Jesus na oração sacerdotal não tem propósitos egoístas, para que possamos desfrutar de sua própria santidade, mas para o propósito da missão. Porém, não só a santificação deve resultar em missão, mas, inversamente, a missão deve ser realizada por pessoas santificadas, que são habitadas pelo Espírito e obedientes à Palavra de Deus, e que amam uns aos outros e estão unidas em sua lealdade comum a Cristo e seu propósito na missão para o mundo. E assim, a missão unificada da comunidade dos cristãos, sustentada pelo amor uns pelos outros moldados pelo Espírito Santo, é, portanto, um dos propósitos da oração sacerdotal do evangelho de João, capítulo 17.

Vejamos o que diz Whitlock, neste sentido:

Também é essencial perceber que Jesus ora para que os crentes, por causa de seu sacrifício expiatório, se tornem um como ele e o Pai são um (Jo 17. 21-22) e, ao fazê-lo, que sejam aperfeiçoados na unidade (v. 23). João já havia mencionado o desejo de Cristo por apenas um rebanho com um só pastor (10.16). Esta petição, particularmente tão perto do fim de sua vida na terra, marcou claramente a prioridade que Jesus colocou na necessidade de unidade entre todos os crentes. Esta unidade espiritual, que transcende qualquer tipo de unidade organizacional, é primordial para os crentes que são um só em e através de Cristo, e da verdade revelada nele. Essa unidade pertence a todos

os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos. Paulo ampliou a sua visão da maneira na qual as instruções deveriam ser dadas na comunidade cristã ao conjunto da vida com a nova humanidade. À luz da supremacia e suficiência de Cristo – um ponto focal nesta carta – todas as coisas devem ser feitas “em nome do Senhor Jesus”, ou seja, sob a sua autoridade e para a sua glória. Além disso, todas as coisas devem ser feitas dando “por ele graça a Deus Pai” porque ele tem dado todas as bênçãos que nós temos em Cristo (Bíblia de Est. de Genebra, 2009, p.1600).

²² Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

os crentes em diversas nações, etnias, culturas e organizações eclesiais. Sem ele, estamos sem Deus e sem esperança.²³

Com efeito, a unidade da Igreja é um mistério desafiante e desejável, pois a glória de Cristo repousa na sua unidade com o Pai, e a glória da Igreja está na união com Cristo, com o Pai, sob o repousar sobre nós do “Espírito da glória e de Deus” (I Pe. 4.14). A unidade em meio à diversidade da Igreja é o testemunho de que vivemos pela graça, pela verdade, pelo amor de Deus, pois Cristo nos deu esse glorioso estado de glória. Portanto, devemos estabelecer em nosso coração o *reino de Deus*²⁴ por Cristo na operação do Espírito Santo segundo ordenam as Escrituras sagradas. Dedicarmos nosso tempo e nossas forças em prol do outro é um ato de amor, e esse amor só é possível porque fomos chamados a praticá-lo por meio do amor de Jesus na cruz. Viver o reino de Deus no presente é estar ligado ao irmão, compartilhar as lutas e vitórias. Ser pertencente do corpo de Cristo exige que vivamos comunitariamente, rejeitando o individualismo e o egoísmo, pois o evangelho é comunitário.²⁵

Para Goheen, devemos ter um modo de vida distinto, vejamos o que diz o autor:

Uma dádiva sempre envolve responsabilidade, e o privilegio conduz a obrigação. A dádiva do *reino de Deus* exige uma vida que encarne a boa notícia de que chegou o poder divino de renovação do fim dos tempos. Jesus gasta uma porção considerável do seu tempo ensinando a sua comunidade de discípulos um modo de vida diferente que servirá como contraste para a cultura ao seu redor e tornará evidente que o reino de Deus já despontou. (GOHEEN, 2014, p. 114).

Expressa o autor, nesse sentido, que a vida dos seguidores do Senhor Jesus deve testemunhar como sinal do reino, do poder curador e libertador de Deus que irrompe na história. Que traz a restauração da humanidade, que o reino se volta ao plano original que Deus tinha para humanidade na criação. Que o ensino do Senhor, também possui ênfase comunitária, pois busca formar uma comunidade visível que pode ser reconhecida como um corpo sob o governo de Deus.

²³WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 34.

²⁴ Estabelecer o reino de Deus em nosso coração implica em entendermos que a identidade da Igreja é definida pelo Evangelho: o Evangelho do reino revelado em Cristo Jesus. Portanto, a Igreja é a comunidade que experimenta em vida o poder da obra renovadora de Deus, e desse modo, vive a salvação abrangente e restauradora do Reino em favor do mundo (GOHEEN, 2014, p. 116).

²⁵ PESSOA, Geicyara Suellen dos Santos. A importância da Unidade da Igreja. Acesso 24.06.25, às 16h47.

Diante dos desafios apresentados, será abordado a importância de desenvolvermos, de acordo com as Escrituras, uma cosmovisão bíblica sobre a missão de Deus para a Igreja e o nosso papel como agentes nessa missão (*Missio Dei*). Sendo integrantes da Igreja missional, como nos organizaremos para participarmos dessa missão com o objetivo de proclamarmos a verdade em prol da restauração do mundo²⁶. Veremos os fundamentos bíblicos referentes a nossa caminhada em amor uns pelos outros, estando inseridos na sociedade, como discípulos que testemunham a verdade, amando e glorificando a Deus unidos na diversidade. Como podemos caminhar e crescer no processo de santificação em unidade, trazendo para nossas vidas absolutos morais do Deus vivo de tal maneira que eles venham afetar nossa forma de viver, e, assim, cumprirmos com o propósito missional da Igreja do Senhor.

Também será exposto, por meio do exemplo do relacionamento mútuo da “Trindade”, como podemos buscar essa unidade na diversidade para cumprirmos com os propósitos missionais da Igreja. E como os teólogos²⁷ podem contribuir para que a Igreja evangélica não continue negligenciando a doutrina²⁸ e o conhecimento de Deus, caminhe em unidade na diversidade lutando pela fé do evangelho, pois é mais fácil ser enganado e levado a adorar o que não é Deus quando não há um conhecimento adequado sobre Ele.

É a unidade do corpo místico de Jesus Cristo, do qual todos os crentes são membros. Esta unidade implica que todos os que pertencem a igreja participam da mesma fé, são solidamente interligados pelo comum laço do amor, e têm a mesma perspectiva gloriosa do futuro. (BERKHOF, 2009, p.525).

²⁶ Como podemos notar, a Palavra de Deus nos ensina que a queda afeta toda a extensão da criação terrena; que o pecado é um parasita sobre a criação, e não parte dela; e que, à medida que afeta toda a terra, o pecado profana todas as coisas, tornando-as “mundanas”, “seculares”, “terrenas”. Consequentemente, cada área do mundo criado clama por redenção e pela vinda do reino de Deus (WOLTERS, 2009, p. 71).

²⁷ No conceito de Vanhoozer (2015, p.88), teólogos são médicos que cuidam do corpo de Cristo, administrando remédios doutrinários, quer para curar o corpo, quer para que ele se desenvolva, como no caso das vitaminas.

²⁸ A doutrina não é inimiga da história, mas uma forma de apreciá-la. À semelhança da apreciação musical, o objetivo principal de ensinar teologia é permitir uma participação efetiva e afetiva na atividade (VANHOOZER, 2015, p. 95).

1

IGREJA MISSIONAL: UMA COSMOVISÃO BÍBLICA CRISTÃ

Em um primeiro momento, oportuno ressaltar a importância de termos uma cosmovisão²⁹ bíblica cristã, para que possamos entender o papel da Igreja missional que está alicerçada nos fundamentos bíblicos. Uma cosmovisão pode ser definida como um modo de vermos o mundo. Como uma interpretação que fazemos da realidade derradeira, ou seja, é o sistema de interpretar nossa experiência da vida. É, portanto, nossa visão do cosmo³⁰.

Para Goheen e Bartholomew (2016, p.52), “cosmovisão é uma enunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais estão arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa vida individual e coletiva”.

Na opinião dos autores, todas as cosmovisões têm origem em uma grande narrativa de um ou outro tipo. E que foi propósito de Deus encontrarmos significado em nossa vida mediante nossa participação em uma história maior que nos dá sentido e direção explicando o nosso mundo. Portanto, quando rejeitamos a narrativa cristã não viveremos simplesmente sem uma grande narrativa, mas, pelo contrário, encontraremos uma grande narrativa alternativa e viveremos de acordo com ela. E como criaturas comunitárias, essas grandes narrativas são, de forma inevitável, compartilhadas entre nós, pois fomos criados em contextos que envolvem grandes narrativas que moldam nossa cultura, mesmo que não estejamos conscientes desse processo.

Como o livro do Eclesiastes, no capítulo 3, versículo 11³¹ nos ensina, nossa existência neste mundo é uma mistura de alegria e dor, harmonia e conflito, vida e

²⁹ A palavra cosmovisão é traduzida do termo alemão Weltanschauung (visão de mundo) e foi usada pela primeira vez pelo filósofo iluminista Immanuel Kant em sua obra *Crítica da faculdade do juízo* (1790). (Goheen e Bartholomew, 2016, p.35).

³⁰ Ferreira, Franklin e Alan Myatt. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 5.

³¹ Quando Deus criou o mundo, Ele pronunciou que tudo era muito bom (Gn 3.1). Visto que o Pregador não pode melhorar a ordem da criação, a melhor coisa para o ser humano é reconhecer isso desfrutando da vida. O “Pregador” diz que se você conhece a Deus e procura viver sua vida diante dele de uma maneira que o agrade, então você estará vivendo sabiamente. Um viver sábio envolve aprender a avaliar o valor relativo das escolhas que alguém pode fazer. O indivíduo sábio escolhe aquelas coisas

morte. Cada um deles tem o seu momento adequado e nós, como criaturas temporais, devemos nos conformar com as limitações do tempo que fazem parte do ciclo de vida. Por isso, não existe nenhum estado permanente neste mundo, e isso, nos traz uma grande fonte de frustração, pois ansiar pela eternidade é algo que se encontra plantado dentro de nós³². E conseqüentemente, todos os seres humanos se apropriam, de uma forma ou de outra, de uma grande narrativa porque nosso coração, o âmago religioso de nosso ser, está voltado ou para o Deus divino ou para um ídolo, e a grande narrativa que vivemos é uma expressão dessa inclinação de nosso coração. Por tais razões, as raízes mais profundas das grandes narrativas e cosmovisões estão na fé religiosa, quer a fé esteja no Deus vivo, na capacidade humana, em algum outro aspecto da criação divina, em um espírito pessoal que permeia o universo, ou em qualquer dos ídolos fabricados pelo ser humano.³³

Entende -se, portanto, que uma cosmovisão não só descreve o mundo para nós, como também dirige a nossa vida no mundo. Por ela temos uma perspectiva de como o mundo é (função descritiva), e também funciona como guia de como o mundo deve ser e como vivermos nele (função normativa).

Goheen e Bartholomew observam ainda que:

Na narrativa cristã, a crença na Criação é de importância fundamental, pois, tal crença, significa que os cristãos veem o mundo de uma maneira totalmente diferente de um tipo de cosmovisão científica". Neste sentido, do ponto de vista cristão o mundo é a boa criação de Deus Pai, sendo ordenada por Ele e ostentada por todos os lados por sua maestria. E podemos também entender o que há de errado com o mundo quando olhamos com uma perspectiva cristã, pois a narrativa cristã, com sua crença na Queda, nos ajuda a entender o problema do mal de forma diferente de qualquer resposta sugerida pela perspectiva evolucionista.³⁴

Como se nota, desenvolver uma cosmovisão cristã nos ajuda a termos as crenças mais básicas, mais fundamentais, mais abrangentes da narrativa bíblica nos permitindo que essas crenças se tornem tanto uma lente por meio da qual podemos

que têm um valor duradouro. Muitas vezes as escolhas sábias não serão aquelas que aparentemente são as melhores nos padrões do mundo (Bíblia de Estudo Plenitude, 2009, p. 713).

³² Não conseguimos nem estar satisfeitos com o que somos nem entender o propósito de Deus em tudo isso. Conseguimos apenas aceitar com humildade o que somos neste mundo e confessar nossa fé em que o caminho de Deus é correto (3.11-14). De acordo com esse texto, é claro o significado da ressurreição de Cristo como a vitória sobre a morte (Manual Bíblico Vida Nova, 2010, p. 405).

³³ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.52-53.

³⁴ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 54.

ver o mundo quanto um mapa que irá nos orientar no mundo. Seu desenvolvimento é uma maneira de medirmos as categorias mais básicas do evangelho para todos os aspectos da vida, equipando dessa forma a Igreja para sua tarefa missional. Também irá estabelecer uma base sólida para um desenvolvimento cultural intenso, capacitando a Igreja com percepções úteis e ferramentas conceituais para execução de suas tarefas no mundo, no lar e na esfera pública.³⁵

Além disso, outro ponto importante para uma cosmovisão cristã é entendermos que o Reino de Deus será restaurador e abrangente, pois toda a vida humana e toda a criação serão restauradas para servir ao Senhor de acordo com o propósito para qual foram criadas, e que Deus ama a sua boa criação e nunca desistiu de seu plano de retomá-la para si.³⁶

Para contribuir com o entendimento de uma cosmovisão bíblica cristã, Wolters nos traz uma definição da cosmovisão reformada, a saber:

A estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas”, no sentido mais abrangente possível, englobando o mundo, a vida humana em geral, o significado do sofrimento, o valor da educação, a moralidade social e a importância da família. Também diz respeito às crenças de uma pessoa. As crenças são diferentes de sentimentos ou de opiniões porque fazem uma “reivindicação cognitiva”, isto é, pressupõem algum tipo de conhecimento. Eu posso dizer, por exemplo, que “creio” na instrução como um caminho para a felicidade. Isso significa que eu estou afirmando algo sobre o modo como as coisas são, qualquer que seja o caso. Eu estou disposto a defender essa crença com argumentos. Os sentimentos não pressupõem conhecimento nem podem ser discutidos. (WOLTERS, 2019, p.16).

Assim, a nossa cosmovisão molda, a um grau significativo, o modo como valorizamos os acontecimentos, os temas e as estruturas da nossa civilização e do nosso tempo. Ela nos permite “classificar” ou “situar” os vários fenômenos que entram no nosso raio de visão. Não há dúvida de que outros fatores exercem influência nesse processo de orientação (interesse pessoal econômico ou psicológico, por exemplo), mas não eliminam o papel orientador da cosmovisão de uma pessoa; eles frequentemente exercem a sua influência precisamente via nossa perspectiva de vida. E, portanto, não são apenas as nossas visões e os nossos argumentos que são decisivamente afetados pela nossa cosmovisão, mas todas as decisões específicas que somos forçados a tomar.³⁷

³⁵ Ibid., 2016, p. 60.

³⁶ Ibid., 2016, p. 108.

³⁷ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 18.

Defende o autor que do ponto de vista cristão, nossa cosmovisão deve ser moldada e testada pelas Escrituras. Que constantemente devemos checar nossa cosmovisão à luz das Escrituras, porque quando falhamos em checá-las, tendemos de forma poderosa a nos apropriarmos das crenças, mesmo sendo básicas, de uma cultura que tem se secularizado a uma grande velocidade por gerações.³⁸

Ressalta-se que as Escrituras representam muitas coisas para o cristão, mas, no centro do seu propósito, está a instrução. Todas as passagens bíblicas nos trazem ensinamentos preciosos sobre como nos relacionarmos com o nosso Deus e com o próximo.³⁹ Devemos abordar as Escrituras como estudantes, particularmente quando começamos a pensar criticamente sobre a nossa cosmovisão. “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito”, diz Paulo a respeito do Antigo Testamento (Rm 15.4), e o mesmo se aplica ao Novo Testamento. É mediante esse tipo de ensino que a estabilidade e o encorajamento que a Escritura traz que seremos capacitados, como Paulo prossegue, mostrando na mesma passagem, que não devemos nos desesperar, mas persistir na nossa esperança em Cristo.

De acordo com Stott, a intenção no ensino do apóstolo é atual, vejamos o que expressa o autor:

É obvio que os livros da Escritura se destinavam primordialmente àqueles para quem foram escritos no passado. Mas o apóstolo está persuadido de que eles foram escritos também para nos ensinar. Que seu valor é abrangente. Após citar apenas a metade de um versículo de um salmo, Paulo declara que tudo que foi escrito no passado é para nós, se bem que obviamente nem tudo é de igual valor. O próprio Jesus falou sobre “os preceitos mais importantes da lei”. Seu enfoque é cristológico, pois a maneira como Paulo aplica o salmo 69 a Cristo é um ótimo exemplo de como o Senhor ressurreto conseguiu explicar aos discípulos “o que constava a respeito dele em todas as Escrituras. Também tem propósito prático, pois, além de “tornar-nos sábios para salvação mediante a fé em Cristo Jesus”, a Escritura pode trazer-nos bom ânimo, a fim de que mantenhamos nossa esperança, enxergando além dos tempos rumo a eternidade, vislumbrando a glória futura que nos espera além dos sofrimentos presentes. Por fim, sua mensagem é divina, porque o surpreendente fato de que “a perseverança e o bom ânimo” que no versículo 4 são atribuídos à Escritura são, no versículo 5, atribuídos a Deus, só pode significar uma coisa: que é o próprio Deus que nos enche de coragem através da voz que nos fala por meio das Escrituras, pois Deus continua a falar por intermédio daquilo que já falou no passado.⁴⁰

³⁸ Ibid., 2019, p. 20.

³⁹ Desprovida da sua doutrina, a Igreja é levada por modismo culturais e intelectuais. O que a Igreja tem a dizer e fazer com exclusividade não pode ser reduzido a filosofia ou política. A responsabilidade exclusiva da Igreja é proclamar e praticar o evangelho, dando no discurso e na vida testemunho da realidade da presença e da ação de Deus em Jesus Cristo e no Espírito Santo. A responsabilidade exclusiva do teólogo é garantir que o discurso e a ação da Igreja correspondam à Palavra de Deus, regra de fé e prática do cristão (WANHOOZER, 2016, p. 19-20).

⁴⁰ STOTT, John, R, W. **A Mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S Steuernagell. São Paulo: Abu Ed. 2000, p. 448.

O apóstolo também nos ensina que precisamos ser transformados em nossas mentes (Rm12.2)⁴¹, pois quando somos transformados em nossas mentes somos conformados à imagem de Cristo. E conseqüentemente, poderemos discernir, desejar e aceitar a vontade de Deus que é boa e santa; é suficiente para toda a necessidade⁴². Precisamos dessa renovação se quisermos discernir a vontade de Deus em toda a extensão da nossa vida – “sua boa, agradável e perfeita vontade”. Testar a nossa cosmovisão à luz da Escritura e revisá-la de acordo com a Bíblia é parte da renovação da mente. (Wolters, 2019, p. 20).

Na concepção de Wolters, uma cosmovisão bíblica não fornece respostas ou mesmo uma receita para encontrarmos respostas para a maioria dos problemas confusos com os quais a nossa cultura nos confronta nos dias de hoje. O que ela nos fornece é um modo de estruturar a questão, portanto, abordar o fenômeno do mundo com base em *estrutura e direção*⁴³ é olhar a realidade através das lentes corretivas das Escrituras, que falam por toda a parte de uma boa criação e do drama da sua regeneração pelo Criador em Jesus Cristo. Neste sentido, são esses dois temas, que estabelecem a base da cosmovisão do pensamento bíblico genuíno, que tem sido negado ou marginalizado na tradição dominante do humanismo que molda a civilização ocidental desde a Renascença.

Por tais razões, a recuperação dessa ênfase dual nas Escrituras, em uma palavra – recriação cósmica em Cristo, com base numa análise e reflexão cristã pode nos ajudar a ver com olhos novos o mundo que nos condicionamos a interpretar em

⁴¹ Transforme-se, Paulo replica, pela renovação da sua mente. Isso porque somente uma mente renovada pode experimentar e comprovar, ou seja, discernir, analisar e optar por obedecer a vontade de Deus. Embora Paulo não nos diga aqui como se dá essa renovação da nossa mente, nós sabemos, pelos seus outros escritos, que é por meio de uma conjunção entre o Espírito e a Palavra de Deus. A regeneração por intermédio do Espírito Santo implica, sem dúvida alguma, na renovação de cada parte do ser humano que foi corrompida e deturpada em consequência da queda - e isso inclui nossa mente. Mas, além disso, nós necessitamos da Palavra de Deus, que é a “espada” do Espírito e que atua como uma revelação objetiva da vontade de Deus. Eis aqui, portanto, os estágios por que passa a transformação moral do cristão: primeiro a nossa mente é renovada pela Palavra e pelo Espírito de Deus; depois nós nos tornamos aptos para discernir e desejar a vontade de Deus; então vamos sendo cada vez mais transformados por ela (Stott, 2001, p. 392).

⁴² Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 723.

⁴³ A *estrutura* é ancorada na lei da criação, o decreto criacional de Deus constitui a natureza dos diferentes tipos de criatura; a *direção* designa a ordem do pecado e da redenção, a distorção ou perversão da criação pela queda por um lado e da redenção e restauração da criação em Cristo por outro. Qualquer coisa na criação pode ser direcionada para Cristo ou para longe de Cristo, ou seja, direcionada para obediência ou a desobediência a sua lei. (Wolters, 2019, p. 91- interpretação reformada).

categorias humanistas. Um novo olhar que não oferece respostas fáceis, mas dá uma esperança bem fundamentada de respostas sadias.

Oportuno ressaltar que as Escrituras não fornecem um atalho para dispensar a pesquisa e a análise, mas estabelecem parâmetros fundamentais, impositivos, para que essa pesquisa e análise sejam feitas com proveito, como podemos observar no encorajamento de Paulo a Timóteo em sua segunda carta, no capítulo 3, versos 14-17, que nos ensina sobre a “inspiração divina das Escrituras” e como somos habilitados por ela para termos uma cosmovisão bíblica cristã,

Quanto a você, permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu e que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.⁴⁴

Vejamos o que a Confissão de Fé de Westminster nos ensina neste sentido, a saber:

Sob o nome de Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Antigo e do Novo Testamento, todos dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e prática do cristão. A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu Autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a Palavra de Deus.⁴⁵

Assim, somos motivados a confiar nas Escrituras como nosso guia, pois o apóstolo está afirmando o envolvimento ativo de Deus na redação da Bíblia, que tudo que está escrito é palavra verdadeira de Deus plena de autoridade.

O apóstolo Pedro também nos exorta a crescermos na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (2Pd. 3.18). Esse conhecimento é a experiência progressivamente mais profunda de Cristo e a compreensão da sua verdade que deveria caracterizar toda a vida dos cristãos, e que podemos proteger-nos espiritualmente pelo amadurecimento desse conhecimento. Logo, o “conhecimento” que mais precisamos é o desenvolvimento de um relacionamento com Cristo.⁴⁶

⁴⁴ Essa é uma das mais importantes expressões no Novo Testamento da doutrina da divina inspiração da Escritura: ela foi inspirada por Deus (2Pe 1.21). Deus é tanto a fonte como o principal autor das Escrituras. Apesar de ter sido escrita por autores humanos, ela é inspirada por Deus e revela o total peso da sua autoridade (Bíblia de Estudos de Genebra, 2009, p. 1632).

⁴⁵Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 1786.

⁴⁶ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 819.

A identidade missional da Igreja: propósito na criação

Antes de tudo, é importante entendermos qual o propósito pelo qual fomos criados. O apóstolo Paulo nos ensina, por meio das Escrituras, que nós existimos por causa do Criador, para o louvor da sua glória (Ef 1.6). E que o Senhor tem prazer em suas obras. No Salmo 104, o salmista diz: “A glória do Senhor seja para sempre! Exulte o Senhor por suas obras!” (v.31). Assim como o artista se alegra em sua obra prima, Deus se alegra nas coisas que criou, portanto, todas as coisas existem por causa de Deus e não por nossa causa. Toda criação dá testemunho da bondade de Deus e do poder de Deus. Esse salmo está baseado em Gênesis 1.3-19.⁴⁷

No Breve Catecismo de Westminster aprendemos que “o fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre”.⁴⁸ Logo, existimos para glorificá-lo e para nos alegrarmos nele, pois Deus nos criou para ter prazer em nós, e nós, da mesma forma, devemos ter prazer nele. Portanto, é preciso considerarmos que o propósito da nossa criação está centrado em Deus, porque fomos criados para o louvor da sua glória. Somente quando entendemos esse propósito podemos compreender o significado por trás do trabalho e do lazer, do prazer e da restrição, da vida e da morte, do riso e do temor. E na criação podemos observar que Deus tem um imenso propósito para cada ser humano que é chamado para ser um imitador do seu Criador.⁴⁹

Notamos também, que o Senhor idealizou três relacionamentos que fariam com que o sentido da existência humana fosse completo, pois teriam os seguintes aspectos: *o espiritual, o social e o cultural*. E que nessa integração o homem encontraria sua plena realização e felicidade. No *aspecto espiritual*, somos orientados em nosso relacionamento pessoal com Deus, pois sua origem está na própria criação. Ele precisa ser o mais importante de nossa vida porque Deus deve ocupar o lugar central em todas as áreas de nossas vidas; no *aspecto social*, a responsabilidade social do homem é uma bênção de Deus para sua vida. Assim como diz a Palavra: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, e enchei as águas dos mares; ...” (Gn 1.22). Deus lhes deu a bênção de serem

⁴⁷ Ibid., p. 386.

⁴⁸ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 1828.

⁴⁹ www.institutoreformado.com.br. O propósito da Criação, p.3. Acesso: 09/06/25, às 11h42.

fecundos, de poderem se multiplicar e povoar a terra, também a fim de dominá-la. Portanto, constituir família, ter filhos e educá-los no caminho do Senhor é uma grande bênção para a vida das pessoas; por fim, vemos na criação o *aspecto cultural* que envolve a vida comum. Deus disse para o homem que sujeitasse a terra, dominando sobre “os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28). Nessa ordem vemos a imensa responsabilidade que o homem tem com relação a esse mundo. Cabe a ele ser o administrador de todos os bens que Deus lhe confiou. O trabalho se encaixa nisso como um dom de suprema importância. Isso tem implicações sociais, econômicas, culturais e ecológicas.⁵⁰

Ao criar o ser humano o Senhor delega a ele o domínio sobre a terra. O poder e a autoridade do ser humano para o exercício deste governo tem a sua origem no desejo de Deus de o fazer conforme a sua imagem e semelhança, mas essa habilidade para manter o seu papel delegado como governador da terra repousará na sua obediência contínua ao governo de Deus como o Rei de tudo. Portanto, o seu poder para reinar irá até onde vai a sua fidelidade em obedecer à lei de Deus.⁵¹

Com efeito, os dois relatos da criação (Gn 1.1-2.3 e 2.4-25) tem como propósito demonstrar, respectivamente, a soberania de Deus caracterizada pela sabedoria e pelo poder absoluto (primeiro relato) e pela sua criação especial da humanidade para governar em seu lugar todas as demais criaturas (segundo relato). Assim, notamos que a humanidade foi criada para representar Deus sobre a terra e para dominar todas as coisas em seu nome, que a sua vontade era abençoar a humanidade e relacionar-se com ela.⁵²

Podemos aprender com o profeta Isaías que como criaturas “o Senhor é o nosso Pai, nós somos o barro, e o Senhor, o nosso oleiro; e todos nós, obras das suas mãos” (Is 64.8).⁵³ Se Deus é o oleiro e nós somos o barro, então isto demonstra nossa absoluta dependência de Deus. Neste texto fica evidente que, especialmente a criação do homem, repousa sobre a deliberação, sobre a soberania, bondade e onipotência de Deus, pois o conselho e a decisão de Deus são mais claramente

⁵⁰ Ibid., p. 4.

⁵¹ Bíblia de Estudo Plenitude. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 6.

⁵² Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 157.

⁵³ Esta metáfora aponta para a soberania de Deus, que molda o indivíduo, as nações e a história da humanidade (Bíblia de Estudos Plenitude, 2009, p. 778).

manifestos na criação do homem do que na criação de todas as outras criaturas. Portanto, a imagem divina, é uma característica exclusiva da humanidade.⁵⁴

Notamos também, que a princípio a Bíblia menciona a criação do homem (Gn.1.26-27; repetido em 5.1; 9.6; Tg.3.9) como semelhante a Deus de maneira que não se pode aplicar a nenhuma outra criatura. E no hebraico, a expressão “a nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn.1.26) significa que Deus criou os seres humanos para serem sua imagem e semelhança. Portanto, somos “portadores da imagem” de Deus, mas não de uma maneira que essa característica possa ser separada de nós, mas de forma intrínseca e irrevogavelmente, sua imagem e semelhança.⁵⁵

No entendimento de Goheen e Bartholomew (2017, p. 47), no reino de Deus, o qual o Senhor o estabeleceu criando-o, o papel especial que foi atribuído a humanidade é que devemos servi-lo como seus “sub-reis”, vice regentes e administradores. E conseqüentemente, temos o domínio sobre a criação com o propósito de que a reputação do Senhor Deus seja realçada em seu reino cósmico.⁵⁶

Ainda contribui os autores dizendo,

Embora seja criado (e portando, nunca deve ser colocado no mesmo nível que o Deus incriado), ele sempre será descrito como “bom”. Ao longo de Genesis 1, a repetição da palavra “bom” é um lembrete de que toda a criação procede de Deus e, que em seu estado inicial, ela reflete de modo maravilhoso o seu próprio desígnio e plano para ela. A criação tem grande diversidade: luz e escuridão, terra e mar, rios e minerais, plantas, animais, aves e peixes, ser humano do sexo masculino e feminino. Essa liberdade faz parte da intenção de Deus e sugere uma harmonia das coisas criadas. (Goheen e Bartholomew, 2017).

Assim, no entendimento dos autores, a criação como uma orquestra produz uma sinfonia harmônica maravilhosa das coisas criadas, pois há uma ordem nessa diversidade, e que a palavra de criação divina lhe concede estrutura.

Também podemos entender, segundo Wolters que,

A palavra criação” tem duplo significado, pois ao falarmos sobre “a história da criação” estamos nos referindo à atividade de Deus ao criar o mundo; e quando falamos sobre “as belezas da criação” estamos nos referindo à ordem

⁵⁴ O valor humano é distinto do restante da criação. O conselho divino e Triuno determinou que o ser humano deveria ter a imagem e semelhança de Deus. O homem é um ser espiritual que não é apenas corpo, mas também alma e espírito. Ele é um ser moral cuja inteligência, percepção, e autodeterminação excedem em muito os de qualquer outro ser terreno. Estas propriedades ou características possuídas pela humanidade e a sua proeminência na ordem da criação implicam no valor intrínseco, não somente da humanidade, mas também de cada indivíduo humano (Bíblia de Estudos Plenitude, 2009, p. 6)

⁵⁵ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 10.

⁵⁶ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história Bíblica. Tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017, p 44.

criada como o cosmo resultante (a palavra grega para “ornamento”, “arranjo bonito”).⁵⁷

E assim, observa o autor, que a atividade criativa e a ordem criada não devem ser confundidas. Concluindo que ao considerarmos a ideia bíblica da criação, não devemos por um só momento perder de vista a atividade soberana do Criador ao originar, sustentar, guiar e dominar o mundo. Portanto, se queremos fazer justiça ao ensino da Bíblia a respeito da soberania de Deus sobre todas as coisas, devemos dar como definição de criação “a correlação entre atividade soberana do Criador e a ordem criada”.

A queda do homem em pecado e suas consequências para criação

Cumpramos observarmos que o relato bíblico da criação faz referências ao homem por ter sido criado segundo a “imagem e semelhança de Deus”, e que a ele foi delegada a responsabilidade de cultivar e guardar o jardim, responsabilidade essa que tem a conotação de atividade sacerdotal no jardim sagrado e, também tem como tarefa guardá-lo da invasão do inimigo. Notamos, que as primeiras palavras do Senhor Deus ao homem pressupunham a habilidade de escolha, bem como a sua capacidade moral e a sua responsabilidade (Gn. 2. 15-16).⁵⁸ E que a árvore no meio do jardim da qual o homem não devia comer representava as áreas de domínio reservadas somente ao Criador. Porém, no relato bíblico, o homem e a mulher desobedeceram a Deus e, como consequência, eles “morreram” no que diz respeito aos privilégios da aliança (Gn. 2-17), e foram alvos de acusação e julgamento do Soberano (3.14-19, 22-24). E assim, seus atos acarretaram sofrimento, tristeza e consequente morte física, pois Deus havia criado o homem e a mulher para desfrutarem comunhão com ele e entre si, mas a desobediência fez com que se apartassem do Criador e também um do outro.⁵⁹

Nesse sentido, é notável que a tragédia da tentativa humana de se autogovernar é vista na advertência de Deus: *certamente morrerás*. Logo, nesta advertência, o autogoverno humano inclui tudo, de modo que a morte está inclusa na

⁵⁷ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p.26.

⁵⁸ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 13.

⁵⁹ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 157.

existência espiritual, moral, social e relacional do ser humano e, principalmente, na sua existência física (Gn. 2.17).⁶⁰

Por tais razões, aprendemos que a entrada do pecado no mundo perfeito de Deus é o conflito cósmico descrito em Génesis, vindo essa calamidade sobre a criação logo depois que o Criador deu forma a ela, ameaçando corromper a virtude da própria criação e infectar com o mal todos os acontecimentos depois dela. Esse conflito descrito na história bíblica em Genesis capítulo três é chamado por muitos teólogos de a história da “Queda”.⁶¹

Aqui encontramos um grande desafio, pois a recusa do ser humano em admitir sua condição decaída impede que ele se conheça realmente e trate do verdadeiro problema de sua alma. Assim, notamos que quando passamos a entender a verdade bíblica dos fatos relatados na queda isso nos trará uma grande contribuição para vivermos melhor neste mundo, pois somente quando o ser humano reconhece suas limitações e descansa em Deus é que ele encontra a paz verdadeira e herda a salvação de sua alma.⁶²

Ao contrário do que parece, o relato bíblico da queda não tem intenção de diminuir o valor humano, mas antes de qualquer coisa, colocá-lo no seu lugar próprio. Nota-se, portanto, que todas as explicações dadas pela filosofia, pela psicologia, ou mesmo pela genética, para os problemas enfrentados pela humanidade, sem o entendimento da queda no pecado, falham em diagnosticar o verdadeiro mal que assola a humanidade. E conseqüentemente, sem um diagnóstico preciso o tratamento está comprometido.⁶³

Cumpramos observarmos que os efeitos do pecado também tocaram toda a criação; toda coisa criada está, em princípio, tocada pelos efeitos corrosivos da queda. Se examinarmos as estruturas da sociedade como o Estado ou a família, ou as atividades culturais como a arte ou a tecnologia, ou as funções físicas como a sexualidade ou a alimentação, ou ainda qualquer coisa no vasto âmbito da criação, descobriremos que o bom trabalho da mão de Deus foi arrastado para a esfera da

⁶⁰ Bíblia de Estudo Plenitude. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p.8.

⁶¹ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história Bíblica. Tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 49.

⁶² Deus não oferece, no Evangelho, apenas uma anestesia para a dor, mas uma cura definitiva, que pode até mesmo causar algum desconforto a princípio, mas que extirpa completamente a doença. Ignorar o pecado, como o mundo moderno tem feito, só piora as coisas. É como negar a existência de uma doença gravíssima. A negação não a fará desaparecer. www.institutoreformado.com.br. A Queda do ser humano, p.32. Acesso, 03/07/25, às 17h17.

⁶³ Ibid., p. 5.

rebelião humana contra Deus. “Toda a criação”, Paulo escreve numa passagem profunda em Romanos, “a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22).⁶⁴ Somos ensinados pelo apóstolo sobre o sofrimento que redime, e a esperança que transforma o sofrimento. E que há um destaque do anseio da criação por sua redenção e a expectativa do cristão pela adoção e redenção no fim, pois, aqui vemos o plano de Deus do sofrimento que redime sendo cumprido no fim dos tempos.⁶⁵

Essa rebelião, segundo os relatos bíblicos, nos ensina que a região que fora escravizada é a região terrena dos domínios de Deus, a esfera comum da vida e da experiência humana, portanto, é a criação, nesse sentido terreno, que está totalmente corrompida pelo pecado. E conseqüentemente, todos os lugares para os quais nos voltamos, as boas possibilidades da criação de Deus são mal usadas, estão distorcidas e são exploradas para fins pecaminosos.

Nos ensinamentos de Wolters, aprendemos que,

Uma das características singulares e distintas do ensino da Bíblia para a situação humana é a de que todo mal e toda perversidade no mundo são basicamente resultados da queda da humanidade, da sua recusa em viver de acordo com a boa ordem da criação de Deus. A desobediência humana e a culpa encontram-se, em última análise, na raiz de todos os problemas da terra. Que a queda está na raiz do mal é mais claro para o mal humano especificamente quando manifesto, por exemplo, nas distorções pessoais, culturais e sociais. Visto que todos caíram em Adão, o mal na vida humana, em geral, tem origem na inimizade para com Deus (Wolters 2019. p. 61).

Inclusive, a esse respeito, o autor entende que toda a criação participa do drama da queda do homem e da libertação completa em Cristo. Embora as implicações não sejam fáceis de entender, esse princípio é um claro ensino escriturístico, pois na realidade, todos os tipos de mal – doença ou morte, imoralidade ou desajustes – estão relacionados, na Escritura, à culpa humana.

Ressalta-se, porém, que mesmo no relato trágico da entrada do pecado no mundo, Deus não desiste de seus propósitos para sua criação e seu Reino. E que o homem depende inteiramente de Deus para a salvação. De tal forma a queda afetou o homem que ele não pode se salvar por si mesmo e depende inteiramente de Deus querer e usar a Sua misericórdia para salvá-lo. Essa convicção é necessária para a igreja hoje. Temos perdido a visão realística do homem conforme a Bíblia a demonstra. Vivemos no tempo em que os crentes idolatram líderes religiosos e se

⁶⁴ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 59.

⁶⁵ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 721.

surpreendem quando veem esses homens caírem em pecado. A Palavra também nos ensina que não há pessoa boa do ponto de vista de Deus. Deus não olha para o que nós tentamos fazer, mas para o que nós somos. Por isso, precisamos abandonar nossa justiça própria e deixar que Deus mesmo nos vista com a justiça de Cristo.⁶⁶

Finalmente, este relato bíblico glorifica a graça de Deus, pois conhecendo bem o diagnóstico de nossa doença podemos nos maravilhar diante da cura. Deus não oferece, no Evangelho, apenas uma anestesia para a dor, mas uma cura definitiva, que pode até mesmo causar algum desconforto a princípio, mas que extirpa completamente a doença. Ignorar o pecado, como o mundo moderno tem feito, só piora as coisas. É como negar a existência de uma doença gravíssima. A negação não a fará desaparecer.⁶⁷

Com efeito, vimos que a queda afeta toda a extensão da criação terrena; que o pecado é um parasita sobre a criação, e não parte dela; e que, à medida que afeta toda a terra, o pecado profana todas as coisas, tornando-as “mundanas”, “seculares”, “terrenas”. Consequentemente, cada área do mundo criado clama por redenção e pela vinda do reino de Deus.⁶⁸

A vinda do Rei: salvação como restauração

Todo o relato bíblico até aqui abordado foi uma preparação para chegarmos ao ponto básico de que a redenção obtida por Jesus Cristo é cósmica no sentido em que restaura toda a criação. Portanto, quando a boa criação foi corrompida pela rebelião humana, o Senhor Deus, imediatamente deu início a uma missão de salvamento. Por ser obra das suas mãos, toda criação pertence a ele por direito, por isso, iria redimi-la, comprá-la de volta para que fosse restaurada aos propósitos designados a ela.

Corroborando com esse entendimento Goheen e Bartholomew, entende que,

O antigo testamento conta a respeito da ação de Deus entre o povo de Israel para avançar em relação e esse objetivo, sobre seus primeiros atos de redenção e restauração e sobre suas repetidas promessas de que um dia ele concluirá para toda a criação o que iniciou com essa pequena nação. No propósito de Deus, por fim os próprios céus e terra serão renovados e restaurados. Em Jesus Cristo, essa renovação e restauração é revelada em sua forma final como o *reino de Deus*.⁶⁹

⁶⁶ www.institutoreformado.com.br. A Queda do ser humano, p.32. Acesso 05/07/25, às 15h36.

⁶⁷ Ibid., p.32.

⁶⁸ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p.71.

⁶⁹ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história Bíblica. Tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017, p.153.

Assim, podemos entender que a redenção significa restauração no sentido de voltarmos à bondade de uma criação originalmente conservada, e não meramente a adição de algo supracriacional, e que essa restauração afeta toda a criação, e não apenas algumas de suas áreas. E o conceito-chave bíblico da “regeneração” infere um retorno à vida depois da entrada da morte, e a humanidade, que estragou o seu mandato original e toda a criação, recebe outra oportunidade em Cristo; somos restabelecidos como administradores de Deus sobre a terra. A boa criação original deve ser restaurada. E como consequência, tais informações são decisivas para uma cosmovisão bíblica integral para o discipulado cristão.

Wolters também contribui com seu entendimento, nos ensinando que:

É toda a criação que está incluída no escopo da redenção de Cristo: esse escopo é verdadeiramente cósmico. Por meio de Cristo, Deus determinou que “reconciliasse consigo mesmo todas as coisas”, escreve Paulo (Cl 1.20), e as palavras que o apóstolo usa (ta panta) excluem qualquer entendimento limitado ou personalista de reconciliação que ele tivesse em mente. Pode parecer estranho a nós que o apóstolo use a palavra reconciliasse nesse contexto, pois ele não tinha apenas os seres humanos em mente, mas esse uso simplesmente confirma o que já aprendemos sobre a abrangência da queda: “todas as coisas” são arrastadas para o motim da raça humana e sua inimizade para com Deus, e seus relacionamentos quebrados com o Criador devem ser “remendados”, levados mais uma vez à harmonia com ele. A abrangência da redenção é tão grande quanto a da queda; ela compreende toda a criação. A raiz de todo o mal sobre a terra – ou seja, o pecado da raça humana – é expiada e conquistada na morte e ressurreição de Cristo e, conseqüentemente, em princípio, a sua redenção também remove todos os efeitos do pecado. Onde quer que haja quebra da boa criação – e essa quebra, como vimos, é irrestrita na sua abrangência – aí Cristo fornece a possibilidade de restauração. Se toda a criação está afetada pela queda, é também recuperada em Cristo.⁷⁰

Neste sentido, Cristo em sua vida, nos mostra que a salvação é o poder de Deus para curar e renovar, e que esse poder está vividamente presente em suas palavras e ações. E que em sua morte, o Senhor Jesus, realiza essa salvação na cruz, guerreando contra os poderes do mal e os derrota, e em sua ressurreição, abre a porta a nova criação e conseqüentemente deixa essa porta aberta e nos convida a nos unirmos a ele.

Assim, importante entendermos, que a implicação óbvia para a nova humanidade (os que foram escolhidos por Deus) é que fomos chamados para promover a renovação em cada departamento da criação, pois se Cristo é o

⁷⁰ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p.74.

reconciliador de todas as coisas, e se recebemos a incumbência do “ministério da reconciliação” em seu favor de acordo com 2Corintios, capítulo 5.18, temos uma tarefa redentora onde quer que a nossa vocação nos coloque no mundo.⁷¹

Portando, o “ministério da reconciliação” nos convoca a anunciar a mensagem do que Deus, que estava em Cristo, fez para consumir a expiação do pecado, pois nós que já fomos conciliados, segundo versículo 17, temos a missão de levar essa mensagem a todos aqueles que não a conhecem verdadeiramente. Anunciando que, o Senhor Deus, recusou-se a computar nossos pecados contra nós.

Com efeito, aprendemos que nenhuma linha divisória invisível na criação limita a aplicabilidade de conceitos bíblicos básicos como a reconciliação, a redenção, a salvação, a santificação, a renovação, o reino de Deus, e assim por diante. Em nome de Cristo, devemos nos opor à distorção em todos os lugares – na cozinha e no quarto, no palco e no ar, na sala de aula e na oficina. Em todos os lugares, a criação nos chama para honrarmos os padrões de Deus. Em todos os lugares, a pecaminosidade do homem quebra e deforma. Em todos os lugares, a vitória de Cristo está prenhe da derrota do pecado e da recuperação da criação.⁷²

Logo, evangelho significa “boas novas/boas notícias”, e esta é a melhor notícia que pode haver: em Jesus Cristo, o Reino de Deus chegou! Com efeito, Deus está agindo em amor e com poder por meio de Cristo e pelo Espírito para restaurar toda a criação e toda comunidade, formada por ele, para viver novamente sob o reinado benevolente do próprio Senhor Deus, que está se tornando Rei novamente.⁷³

Notadamente, aprendemos com o apóstolo Paulo que a nossa motivação no “ministério” para o serviço é o amor de Cristo, pois ninguém deve viver para si, mas apenas para Cristo (2 Co 5.11-15), e que assim como o apóstolo, devemos proclamar a reconciliação efetuada por Cristo, pois como beneficiários da reconciliação divina, temos o privilégio, à semelhança de Paulo, de sermos arautos que proclamam a mensagem de Deus pelo mundo (2 Co 5.16-20). E que possamos entender que reconciliação é a eliminação da inimizade entre Deus e o ser humano, e que essa

⁷¹ WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p.75.

⁷² Bíblia de Estudo Plenitude. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 1318.

⁷³ GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história Bíblica. Tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 159-160.

reconciliação foi consumada por Cristo, “que não conheceu pecado”, mas foi “feito pecado por nós, para que, nele, fossemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21).⁷⁴

Por tais razões, oportuno ressaltar que o Reino é estabelecido pela graça soberana de Deus, e suas bênçãos devem ser recebidas como dons dessa graça. Portanto, a tarefa dos seus escolhidos, não é trazer o reino para existência, mas ingressar nele pela fé, em oração para que seja mais e mais capacitado a submeter-se ao governo beneficente de Deus, em todas as áreas da sua vida. E que o Reino não deve ser entendido apenas como a salvação de certos indivíduos ou como o reino de Deus no coração de seu povo; significa o Reino de Deus todo sobre o universo criado. E que o Reino não é uma escalada ascendente do homem para a perfeição, mas a irrupção de Deus na história humana para estabelecer seu reinado e para levar adiante seus propósitos. E que de forma resumida, podemos dizer que tanto no ensino do Senhor Jesus, quanto no ensino de Paulo, o Reino é uma realidade tanto presente quanto futura.⁷⁵

Essa realidade, de acordo com Ferreira e Myatt (2007, p. 1044): “É a tensão entre o ‘já’ e o ‘ainda não’ que nos ajuda a entender o papel do sofrimento na vida dos cristãos, e que a presença da dor na vida do cristão é o resultado direto do ‘ainda não’”. Logo, o sofrimento ainda acontece na vida do cristão porque o pecado ainda não foi eliminado, e conseqüentemente, os cristãos continuarão a sofrer com o pecado e injustiças até o fim desta era, mas por ocasião da inauguração do novo céu e nova terra, Deus “enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap. 21.4). Ali não haverá mais noite, não haverá mais nenhuma maldição, pois o trono de Deus e do cordeiro está presente, e seus servos o servirão e reinarão com ele para todo o sempre (Ap. 21.1-5).⁷⁶

Contudo, podemos concluir, segundo Hoekema que,

Toda a vida cristã é vivida à luz da tensão entre o que já somos em Cristo e o que esperamos ser. Por isso, “olhamos, no passado, com gratidão, para a obra concluída e a vitória decisiva de Jesus Cristo”. E olhamos para o futuro com ansiosa antecipação da segunda vinda de Cristo, quando instauraremos

⁷⁴ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p.738.

⁷⁵ HOEKEMA, Antony A. **A Bíblia e o futuro**. Tradução Karl H. Kepler. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p.56.

⁷⁶ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 853.

a fase final de seu reino glorioso, e traremos à plenitude a boa obra que ele começou em nós.⁷⁷

Finalmente, como podemos aprender com o Senhor Jesus, devemos buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, pois essa busca implica em tornar o governo soberano de Deus e o nosso relacionamento com ele a maior prioridade em nossas vidas, pois o Senhor Deus proverá todas as necessidades daqueles que arriscam tudo por ele (Mt 6.33).⁷⁸

Igreja Bíblica Missional

Para que possamos entender os princípios bíblicos que regem a Igreja bíblica missional é importante sabermos qual a missão de Deus no mundo, pois como cristãos, devemos amar a Deus e obedecê-lo porque isso nos ajudará a entender o que ele está fazendo no mundo. Por isso, o Senhor Deus nos deixou a sua Palavra que nos diz exatamente o que ele está fazendo. Portanto, para que possamos entender a missão de Deus, o primeiro passo é entender que a Bíblia não é um depósito de fatos aleatórios sobre o Senhor Deus, Israel e o Mundo. Também não é uma coleção de regras, mas, em vez disso, é a história fascinante e poderosa sobre Deus que fora contada nos atos mencionados: ***Criação, Queda e a Salvação como restauração.***

Nesse sentido, podemos então dizer que a missão de Deus é cumprida por meio da vida, morte e ressurreição de seu Filho. Sua missão é nos salvar de nossos pecados e restaurar sua boa criação que foi prejudicada pelo pecado. Assim, passamos a entender que a vida comunitária dos discípulos do Senhor Jesus afirma que nós somos o prenúncio de um novo dia, de um novo mundo, pois um dia o mundo viverá como um só. Por esse motivo, a Igreja foi escolhida e experimentou o que é salvação. E essa maneira de compreender e expressar o papel e a identidade da Igreja recebeu a designação de “missional”.

Para Goheen, (2014, p.20) “A palavra ‘missional’ descreve não uma atividade específica da Igreja, mas a própria essência e identidade da Igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo”.

⁷⁷ HOEKEMA, Antony A. **A Bíblia e o futuro**. Tradução Karl H kepler. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 85-89.

⁷⁸ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 1240.

Logo, entende o autor que, o termo “missional” lembra a Igreja de que ela deve estar orientada para o mundo e permanecer fiel a sua identidade como uma agente da missão de Deus e participante na história de Deus, pois somente quando a Igreja é uma encarnação fiel do Reino como parte da cultura ao seu redor, mas em contraposição à sua idolatria, é que sua vida e suas palavras produzirão um testemunho atraente e convincente a favor das boas-novas de que em Jesus Cristo um novo mundo é chegado e está chegando.⁷⁹

Conseqüentemente, a palavra “missão” desafia a igreja local a assumir seu papel e deixar para trás sua preocupação com seus próprios interesses e sua acomodação pecaminosa à sua história cultural. Portanto, a igreja tem uma função importante a desempenhar na recuperação desse papel e identidade, pois por meio dela compreendemos nossa identidade, quem somos e porque o Senhor Deus nos escolheu e a quem pertencemos.

Além disso, como nos ensina Chris Wright (2012, p.30), “não é tanto a questão de Deus ter uma missão para sua Igreja no mundo, mas sim o de ter uma Igreja para sua missão no mundo. A missão não foi feita para a Igreja, mas a Igreja foi feita para a missão – a missão de Deus”.

Para o autor, o próprio Deus tem uma missão, um propósito e um alvo para toda a criação, por isso, como parte dessa missão divina, Deus chamou a existência um povo para participar com ele na realização dessa missão. Portanto, toda a nossa missão procede da previa missão de Deus, pois a missão surge no coração do próprio Deus e é transmitida de seu coração para o nosso.⁸⁰

Inclusive, a esse respeito, Van Engen entende que a Igreja existe para o mundo, para a humanidade no sentido de ser o corpo espiritual de Cristo e, à semelhança de Jesus é enviada como serva. Portanto, como o Pai enviou Jesus, assim Jesus envia seus discípulos ao mundo por causa do mundo.⁸¹

Assim, como se nota, a Igreja é constituída por uma comunidade de fé a quem o próprio Senhor Jesus afirma: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5.14-16)⁸². Logo, a Igreja

⁷⁹ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 21.

⁸⁰ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 30/31.

⁸¹ ENGEN, Charles Van. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p.93.

⁸² As beatitudes descrevem o caráter essencial dos cidadãos do Reino, e as metáforas do **sal** e da **luz** demonstram a influência benéfica dos cidadãos à medida que eles penetram a sociedade secular (Bíblia de Estudos Plenitude, 2009, p. 1042).

torna-se missionária ao seguir o Senhor como comunidade apostólica em movimento dinâmico constante, anunciando o evangelho do Reino da luz em meio ao reino das trevas.

Aprendemos também com Chris Wright, o significado da missão, vejamos o que diz o autor:

Missão é uma questão de lealdade, pois o embaixador deve ter completa lealdade ao governo que ele representa, e que o mensageiro confiável entregará fielmente a mensagem dita por aquele que o enviou, e não suas próprias opiniões. Da mesma forma, a missão do povo de Deus tem que começar e terminar comprometida com Deus, cuja missão somos chamados a compartilhar. Isso por sua vez, depende de conhecermos o nosso Deus em profundidade, pela experiência de sua revelação e de sua salvação.⁸³

Por tais razões, a missão do povo de Deus decorre da singularidade do Deus da Bíblia, revelado a nós de modo supremo na singularidade de Cristo. Sendo essa a origem de nossa missão, pois é o Senhor Jesus que nos envia ao mundo em seu nome, ele também é o conteúdo de nossa missão, porque tudo que dizemos e fazemos é dar testemunho da verdade: o Senhor é Deus e não há outro; ao Senhor Jesus foi dado o nome que está acima de todo o nome. “E não há salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não há nome entre os homens pelo qual devemos ser salvos” (At 4.12).⁸⁴

Conseqüentemente, a missão da Igreja é disseminar o conhecimento do domínio do Rei, pois ela não pode trazer o reino, somente o Rei pode fazê-lo. Portanto, essa é a missão da Igreja do Senhor, proclamar, ajuntar e crescer na expectativa daquele dia, em que todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é Senhor, segundo Filipenses, 2.10-11.

Hendriksen, nos ajuda a entender o propósito dessa exaltação, vejamos:

O propósito da exaltação é: **para que ao nome de Jesus**, não o nome “Jesus”, mas ao nome completo com que Jesus é agora recompensado e que agora ostenta – nome que treme nos lábios de Paulo, mas que agora ainda não o menciona plenamente, senão que o guarda como clímax -, **se dobre todo joelho, dos que estão nos céus, dos que estão na terra e dos que estão debaixo da terra**. Em seu retorno em Glória Jesus será adorado por “organismos de criaturas inteligentes, em todos os setores do universo. Os anjos e os seres humanos redimidos farão isto com intenso regozijo; os condenados farão isto com profunda tristeza e profundo remorso (não com verdadeiro arrependimento); veja Ap 6.12-17. Porém, tão intensa será sua

⁸³WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 39.

⁸⁴Do mesmo modo que o nome de Jesus era a única esperança para a cura do homem coxo de nascença, assim também esse nome é a única esperança para a cura espiritual da humanidade. Essa confiança total e exclusiva no nome de Cristo para a salvação é o ensinamento claro tanto de Jesus como do Novo Testamento em geral (Bíblia de Estudos de Genebra, 2009, p.1428).

glória que todos se sentirão impelidos a render-lhe homenagem (cf. Is 45.23; Rm 14.11; I Co 15.24; Ef 1.20-22; Hb 2.8; Ap 5.13).⁸⁵

Assim, notamos que as figuras neotestamentárias dessa verdade podem ser encontradas nas parábolas de crescimento do Reino, na parábola dos talentos, na parábola das dez virgens com suas lâmpadas de óleo, na das bodas e no ensinamento do Senhor Jesus a respeito do dia do julgamento em Mateus, capítulos 24 e 25.⁸⁶

Com efeito, a Igreja missionária cresce, não rumo a alguma utopia humana, não em direção à salvação individual, à comunidade perfeita ou a identificação espiritual com os valores de justiça, verdade, alegria e amor. Mas, é remetida para algo muito mais magnífico, o domínio e o governo do Rei sobre o cosmo, simultaneamente para o começo e para o fim. E à medida que toma forma, ela se encaminha para Cristo, o “Alfa e Ômega” (Ap. 1.8), aquele que é Rei de todos e Cabeça da Igreja.⁸⁷

Finalmente, como uma comunidade missional, somos chamados para dar continuidade à missão do Senhor Jesus, pois o rebanho que o Senhor reúne é o núcleo da Igreja, ou a Igreja embrionária. E assim, o Senhor reúne essa comunidade e lhe dá a sua comissão: “Assim como o Pai me enviou, eu vos envio para dar continuidade à minha missão” (Mt 28.18-20⁸⁸; Lc 24.44-53; Jo 20.21). Logo, a Igreja missional dá prosseguimento à missão do Senhor Jesus, pois somos como uma comunidade do Reino que experimenta uma parte da salvação de Deus, mas que também aguarda pela salvação final a ser revelada nos últimos dias.

⁸⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Exposição de Filipenses**. Trad. Valter Graciano Martins. Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1992, p.153.

⁸⁶ Sermão: o julgamento do Reino. Os capítulos 24-25 compreendem o último dos cinco grandes sermões de Jesus em Mateus e focaliza no julgamento do Reino. Essa sessão é chamada de “sermão profético” por causa do seu conteúdo. Esse sermão contém uma mistura de acontecimentos de um futuro próximo e de um futuro distante ou lida com Jerusalém como simbólica do julgamento do mundo de tal maneira que é difícil separá-los com nitidez (Bíblia de Genebra, 2009, p. 1268).

⁸⁷ ENGEN, Charles Van. **Povo missionário, povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 145.

⁸⁸ **Evangelismo mundial: comissionados sob o chamado do Rei**. Como o tema de Mateus é Cristo como Rei, não é de surpreender que a incumbência de Jesus aos seus discípulos reflita sua perspectiva global. Ao ensinar a vida e princípios do Reino (“Reino” aparece mais de 50 vezes em Mateus) Jesus guia seus seguidores a pensar, viver e orar para que seu Reino alcance todo o planeta (6.10). No capítulo 13, suas parábolas ilustram a expansão global do Reino (v.33). Quando seus discípulos começaram a ministrar, ele lhes disse para pregar em todos os lugares: “O Reino de Deus está chegando”. Depois, antes de sua ascensão, o Rei deu a Grande Comissão. Essa incumbência máxima de ir a todas as nações ordenava que o ensinamento e a pregação procurassem trazer todas as nações ao seu Reino (28. 18-20). Profeticamente, ele prevê que o fim somente chegaria quando “este evangelho do Reino” fosse pregado “em todo o mundo” (25.14). (Bíblia de Estudo Plenitude, 2009, p. 1084),

Somos também o povo que deve se posicionar na batalha cósmica entre Deus e poderes alinhados contra o seu governo, incorporados na missão para propagar o Reino de Deus. Também somos instruídos para uma forma de vida em comunidade que é um retrato de como será a vida futura no Reino, envolvidos como instrumento na obra do Reino de Deus, e nossas palavras e ações são usadas por Deus para produzir o futuro de seu Reino vindouro. E assim, a vida do povo de Deus encarna a intenção original que Deus tinha para a humanidade com a criação. O Senhor Jesus é o que ajunta, mas ele emprega uma comunidade de colaboradores para participar dessa tarefa. Por meio da luz da vida deles, de palavras e ações permeadas pela oração e pelo poder do Espírito Santo, por meio de um encontro de amor sacrificial com o mundo, esses cooperadores de Cristo convidam outros a se tornarem parte do povo de Deus e serem ajuntados a uma comunidade que um dia herdará o reino.⁸⁹

⁸⁹ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 233-234.

2

**A IGREJA VITORIOSA DO SENHOR:
UNIDADE NA DIVERSIDADE**

Fundamento para o cumprimento da Missão

*“Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam”.*⁹⁰

(1Pe 2. 9-10 NAA).

Em sua primeira epístola⁹¹, o apóstolo Pedro exorta os cristãos a viverem de acordo com a viva esperança que receberam em Cristo, dando orientações a respeito dos relacionamentos fraternais para que possam enfrentar com alegria o sofrimento por amor a Cristo. Seu principal objetivo era encorajá-los na vida cristã, apresentando a morte de Cristo como um incentivo à perseverança dos cristãos no sofrimento. Afirmando também a ressurreição como principal fonte da esperança e confiança cristã e apresenta sua volta como um incentivo à santidade de vida. E que como casa espiritual edificada em Cristo, a Igreja é retratada como um corpo vivo que presta serviço sacrificial a Deus, Cristo é a Rocha que dá vida, que capacita seus seguidores a oferecerem sacrifícios espirituais tais como a obediência, o louvor e o ministério prático.⁹²

Além disso, descreve a Igreja como um edifício ou estrutura edificada em Cristo como a pedra angular. Portanto, de acordo com os ensinamentos de Pedro, os cristãos devem ver a si mesmos juntos, formando um templo para adorar a Deus, pois todo verdadeiro cristão é um sacerdote no sentido de ter acesso igual e imediato a Deus; servi-lo pessoalmente; interceder pelos outros e levarem outros a receberem o sacrifício definitivo a Deus, Jesus Cristo. Esse sacrifício é visto na vida do cristão, tanto na adoração como na sua maneira de viver.

⁹⁰ Ao falar das pedras que vivem, Pedro revela que está falando sobre pessoas. Os cristãos não são apenas pedras vivas num templo para Deus, mas também são sacerdotes que servem nesse templo. O louvor de Deus é a razão pela qual os cristãos são chamados a serem sacerdotes. Os cristãos adoram a Deus e testemunham às nações mediante os seus louvores. (Bíblia de Estudos de Genebra, 2009, p. 1683).

⁹¹ Segundo Pedro, o impulso exortativo de toda epístola pode ser resumido na fórmula “confiar e obedecer” (Ibid., 2009, 1679).

⁹² Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p.813.

Vejamos o que diz Paulo na carta aos Romanos, capítulo 12, versículos 1-2:

Portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, peço que ofereçam o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o culto racional de vocês. E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

De acordo com Stott, o apelo de Paulo dirige-se ao povo de Deus, baseia-se nas misericórdias de Deus e tem a ver com a vontade de Deus,

Somente uma visão da Misericórdia divina pode nos inspirar a apresentarmos os nossos corpos a ele, permitindo-lhe transformar-nos de acordo com a sua vontade. E sua vontade, então, irá marcar todos os nossos relacionamentos, não só o nosso relacionamento com o próprio Deus, mas também a relação com nós mesmos, uns com os outros, com os malfeitores e inimigos, com o Estado e com os membros “mais fracos” da comunidade cristão.⁹³

Também podemos notar a convocação do apóstolo Paulo à consagração da vida inteira a Deus, pois quando o cristão é transformado em sua mente e conformado à imagem de Cristo, poderá discernir, desejar e aceitar a vontade de Deus que é boa, agradável e perfeita; ela é suficiente para toda necessidade. Portanto, somente com a renovação espiritual o cristão pode fazer a vontade de Deus, e com essa renovação o desejo de agradar os outros em vez de si mesmo fará parte de sua vida. E haverá a compreensão do quanto é necessário receber os outros do mesmo modo como Cristo recebeu gentios e judeus, sem fazer distinção para serem seu povo.

Para Shedd, a vida do servo de Deus, é descrita também como “bom perfume de Cristo”, pois o simples viver, testemunhar e espalhar “o perfume do seu conhecimento” é uma oferta contínua no altar de Deus, segundo seu entendimento,

Uma vez que Cristo nos “amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta de sacrifício a Deus em aroma suave”, dependemos inteiramente dele para nosso perdão e justiça. Somente a oferta desse sacrifício único serve para expiar nosso pecado e remover nossa culpa. O Novo Testamento deixa muito claro que, motivados pela gratidão, devemos oferecer nossos corpos, nosso louvor, nossos bens e nossas vidas. Com isso Deus se agrada.⁹⁴

O autor a carta aos Hebreus, no capítulo 13, versículo 15, também nos orienta dizendo que: “Por meio de Jesus Cristo, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam seu nome”. Esses sacrifícios espirituais incluem louvores a Deus e atos de amor a outras pessoas, e sacrifícios de ações de graça.⁹⁵

⁹³ STOTT, John, R. W. **A Mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: Abu Ed. 2000, p. 392.

⁹⁴ SHEDD, Russell. **Alegrai-vos nos Senhor: uma exposição de Filipenses**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1984, p. 126.

⁹⁵ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1668.

De acordo com Guthrie, a epístola não se encerra sem mais um emprego da linguagem figurada sacerdotal, em seu entendimento,

Tendo exposto com muitos detalhes o cargo sacerdotal de Cristo, o escritor emprega aqui a mesma linguagem para descrever a função dos crentes. Há uma distinção fundamental no tipo de sacrifícios oferecidos, porque ao passo que Cristo ofereceu a si mesmo, o crente deve oferecer sacrifícios de louvor a Deus. Está ideia de ações de graças é frequente no Novo Testamento e pode, na realidade, ser considerada a norma para os cristãos. É especialmente característica a ideia de que semelhante sacrifício dever ser oferecido sempre, em contraste marcante com o caráter de uma vez para sempre do sacrifício de Cristo. Claramente, não era considerado incongruente sugerir que o louvor deve ser oferecido por meio de Jesus, porque através dEle que é aceitável a Deus.⁹⁶

Em suas orações na prisão o apóstolo Paulo menciona as bênçãos que desejava que os cristãos conhecessem, e que seus leitores tivessem a percepção espiritual para ver a verdade oculta em Deus, e que seus corações fossem abertos para reconhecerem o que já tinham em Cristo Jesus. Em sua carta a igreja de Colossos, notamos seus ensinamentos acerca das características da vida cristã que agradam a Deus, a saber:

... não deixamos de orar por vocês e de pedir que transbordem do pleno conhecimento da vontade de Deus, em toda a sabedoria e entendimento espiritual. Dessa maneira, poderão viver de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus. Assim, vocês serão fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e paciência, com alegria, dando graças ao Pai, que os capacitou a participar da herança dos santos na luz (Cl 1. 9-11).

De acordo com Paulo, precisamos desenvolver um conhecimento pleno de Deus, esse conhecimento pleno é aquele que advém de intimidade experimental, pois o homem não pode conhecer nem a si mesmo sem o verdadeiro conhecimento de Deus. E que essas características, todos os cristãos, deveriam esforçar-se para manifestar. Porém, antes do retorno de Cristo, nós não podemos e nem iremos agradar a Deus em todas as coisas que fizermos. No entanto, essa perfeição é o nosso objetivo, e nós poderemos sempre melhorar nas nossas tentativas para servir a Cristo de maneira fiel.⁹⁷

Portanto, desenvolver o conhecimento de Deus é a própria essência da vida eterna, conhecer a Deus pessoalmente é salvação (Jo 17.3 NAA), progressivamente é santificação (Os 6.3 NAA) e perfeitamente é glorificação (1Co 13.9-12 NAA). Essas

⁹⁶ GUTHRIE, Donald. **A carta aos Hebreus**. Trad. Gordon Chown. Ed. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão. Cidade Dutra, SP. 1983, p. 258.

⁹⁷ Ibid., 1593.

três grandes verdades, segundo Paulo, referem-se ao chamamento, à herança e ao poder de Deus.⁹⁸ Por outro lado, a falta de conhecimento de Deus leva os cristãos a destruição, segundo o profeta Oséias (4.6), por isso devemos prosseguir em conhecê-lo, pois “como a alva, a sua vinda é certa; ele descera sobre nós como a chuva, como a chuva serôdia que rega a terra” (6.3). Esse conhecimento nos ajudará a entendermos a missão de Deus e, conseqüentemente, faremos parte dessa missão caminhando juntos em *unidade na diversidade*, pois esse é um dos propósitos da “Missio Dei”⁹⁹.

Podemos observar ainda que a religião é o grande vínculo da sociedade humana, por esse motivo, como cristãos devemos fazer o possível para manter o vínculo da *unidade na diversidade*. Neste sentido, somos exortados, por Paulo em sua epistola aos efésios, no capítulo 4, versos 1-6, a nos esforçarmos da melhor maneira possível para nos mantermos “unidos no Espírito, ligados pelo vínculo da paz”, nos seguintes termos:

Portanto, eu, prisioneiro no Senhor, peço-vos que andeis de modo digno para com o chamado que recebestes, com toda humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando cuidadosamente manter a unidade do Espírito no vínculo da paz. ⁴ Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

A ideia básica desse texto é a unidade dos cristãos em Cristo, ou seja, a graça da unidade. Essa unidade não é externa nem mecânica, mas interna e orgânica. Não é imposta por força exterior, senão que, pela virtude do poder de Cristo que habita o cristão, procedente do organismo da Igreja. Unidade que não é criada, mas preservada, já existe por obra de Deus, não do homem. Porém, essa unidade precisa ser preservada, segundo Paulo, com humildade. Como o cristão é chamado a seguir os passos de Cristo, a humildade ocupa uma parte insubstituível em seu caráter.¹⁰⁰

⁹⁸ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p.40.

⁹⁹ Missio Dei" (em latim, "missão de Deus" ou "envio de Deus") é um termo teológico cristão que descreve a ação de Deus no mundo, sua iniciativa de salvar e reconciliar a humanidade. A Bíblia afirma relatar a verdadeira história do mundo. Tendo como pano de fundo a boa criação que foi corrompida pelo pecado, Deus inicia uma longa jornada para restaurar toda a criação e a vida humana como um todo da devastação causada pelo pecado. A missão de Deus é seu antigo plano de criar céus e terra renovados e restaurados. Por isso, a Bíblia oferece uma grandiosa história que engloba todas as nações e todos os povos de toda a história da terra. A identidade missional da Igreja está fundamentada no papel que Deus designou ao seu povo nessa história (GOHEEN, 2014, p. 229).

¹⁰⁰ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 102.

Portanto, ser humilde é reconhecer que viemos do pó, somos pó e voltaremos ao pó. Que somos desafiados a imitar a Cristo, que é santo e puro, então precisamos ser humildes. Reconhecemos nossa dependência de Deus, e que não podemos pensar a respeito de nós mesmos além do que convém nem aquém¹⁰¹. De acordo com a carta aos Romanos, capítulo 12, versículo 3, Paulo nos instrui da seguinte forma: “Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pensei de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida de fé que Deus repartiu a cada um”.

Nesse sentido, Lloyd-Jones, argumenta dizendo: “Os apóstolos não temiam ser humildes. Não precisavam paramentar-se, ou sentar-se em tronos, assim chamados, ou manter-se tão afastados quanto possível do povo. Eles e todos os demais cristãos eram unidos, eram um, pois havia o elemento comum, que eles nunca esqueciam”.¹⁰²

Precisamos agir com mansidão, porque ser manso é a qualidade de uma personalidade forte que, mesmo assim, é senhora de si mesma e serve de outras pessoas. A mansidão é poder sob controle, virtude daqueles que não perdem o controle. Agir com paciência, ou seja, ser firme no sofrimento ou infortúnio. Também agir com um amor que suporta os irmãos, servir de amparo e suporte para o outro. Fazer isso não por um dever amargo, mas com amor. Suportar em amor é a manifestação prática da paciência. Por tais motivos, devemos ser clemente com as fraquezas dos outros, não deixando de amar o próximo nem os amigos por causa de suas faltas, ainda que talvez nos ofendam ou desagradem.¹⁰³

Com relação ao fundamento da unidade, Hernandes afirma que,

Unidade edificada sobre outra base que não a verdade bíblica é o mesmo que edificar uma casa sobre a areia. A unidade cristã baseia-se na doutrina da Trindade: “Um só Espírito, um só Senhor e um só Deus e Pai de todos. E que só existe uma Igreja verdadeira, o corpo de Cristo, formada por judeus e gentios, a única família no céu e na terra. Nenhuma igreja local ou denominação pode arrogar-se a pretensão de ser a única igreja verdadeira. A Igreja de Cristo é supra denominacional.”¹⁰⁴

John Bunyan argumenta em sua obra que, “a unidade e a paz podem prevalecer apesar da ignorância a respeito de muitas verdades e a despeito da prática de alguns erros. Caso contrário o dever de mantê-las seria impraticável entre

¹⁰¹ BARCLAY, William. **Gálatas y Efésios**, p. 142-143.

¹⁰² Lloyd-Jones, D. Martyn. **Romanos: Exposição sobre o capítulo 12 – O Comportamento cristão**. São Paulo: Ed. Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 195.

¹⁰³ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 104.

¹⁰⁴ Ibid., 105.

indivíduos imperfeitos”.¹⁰⁵ Expressa o autor que é triste ver nosso zelo consumir a nós mesmos e ao nosso precioso tempo com questões duvidosas e discutíveis, enquanto deixamos de nos preocupar e ser afetados pela prática daquilo que é incontestável e com que todos concordamos! Todos sabemos que o amor é o grande mandamento e, no entanto, muito poucos concordam em praticá-lo!

Outro ponto importante que os cristãos precisam observar está relacionado a íntima relação da Igreja com o Reino vindouro de Deus que dispõe de um dinamismo que toma forma, pois a Igreja é corpo espiritual de Cristo no mundo, encontrando sua plenitude completa na qualidade de povo católico e apostólico de Deus. E que foi chamada para crescer rumo à plenitude maior em sua natureza, sua posição no Reino a infunde com uma qualidade singular, que a faz brotar como a criação misteriosa de Deus, tendo sua formação não por forças humanas, mas por Jesus Cristo, mediante a operação do Espírito¹⁰⁶. Que, após o Senhor Jesus ascender aos céus, sua obra começa com o derramamento de seu Espírito.

A princípio, essa promessa se cumpre em Isaías, capítulo 42, versículo 1, quando o Senhor prometeu que traria a salvação por meio do seu Servo ao Israel fiel. Vejamos o texto: “Eis aqui o meu servo; a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios”. Essa restauração de Israel seria o testemunho de Deus a respeito de seu próprio poder e governo, a saber: “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o Senhor, disse isto e o fiz, diz o Senhor”(Ez 37.14 NAA).

Seu derramamento entre todos os povos, que seria a renovação do povo de Deus, ocorre sem precedentes do Espírito de Deus que traria salvação a todos os povos da terra, como dispõe o profeta Joel, capítulo 2, versículos 28 – 32:

E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões. Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor." E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos,

¹⁰⁵ BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz**. Trad. Maurício Zágari- 1 Ed. Rio de Janeiro: GodBooks, 2020, p. 19.

¹⁰⁶ ENGEN, Charles Van. **Povo Missionário, povo de Deus**. Tradução Fabiane S. Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 1996, pag. 31.

como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.¹⁰⁷

Com relação à operação do Espírito, aprendemos com Bartholomew e Goheen que,

O Cristo exaltado agora agirá pelo seu Espírito, sua primeira obra é formar uma comunidade para participar da salvação do reino e para ser um canal dessa salvação a outros. O Espírito envia as boas-novas aos confins da terra, acrescenta novos convertidos à comunidade, guia e capacita os apóstolos e a igreja para executar sua missão e age em juízo tanto dentro e fora da igreja.¹⁰⁸

Essa criação misteriosa de Deus é na verdade o corpo espiritual de Cristo e, como corpo espiritual, cresce mediante o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do serviço desse corpo e para sua edificação em Cristo (Ef. 4.12). De acordo com Hernandez, “A finalidade do exercício dos dons é a edificação da igreja, e que todos os dons são para serviço, ou seja, para servir outras pessoas” (LOPES, 2009.p.111).

A semelhança de uma semente, a Igreja já possui dentro de si o poder gerador necessário para tornar-se a planta da qual se constitui semente, exigindo cuidados no plantio, no regar e no trato para que Deus possa dar o crescimento, de acordo com o que observamos em 1Coríntios 3-6.

Portanto, o alicerce da Igreja não são aqueles que foram constituídos como líderes, mas Jesus o Cristo. Assim, cada cristão constrói sobre esse alicerce e o que é construído pode ser de valor ou sem valor. A avaliação final do trabalho de cada um será revelada no dia do julgamento, pois Paulo explicou as condições para o recebimento da recompensa, de acordo com a primeira carta aos Coríntios, capítulo 3, versículos 10-17, com advertências apropriadas para seus líderes e seguidores, a saber:

Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como sábio construtor, e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo. E, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um se tornará manifesta, pois o Dia a demonstrará. Porque será revelada pelo fogo, e o fogo provará qual é a obra de cada um. Se aquilo que alguém edificou sobre o

¹⁰⁷ A renovação do povo de Deus. Já perto do grande Dia do Senhor, acontecerá um derramamento sem precedentes do Espírito de Deus, trazendo salvação a seu povo. Pedro proclamou que o acontecimento dessa visão se iniciou no Pentecostes com o advento do Espírito Santo (At 2.16-21), com a capacitação dos crentes a darem testemunho de Jesus Cristo (At 1.8). Ao fazer a introdução dessa profecia usando as palavras “nos últimos dia” (At 2.17), Pedro a interligou com outras profecias sobre o futuro messiânico de Israel, e assim, ensinou que o Pentecoste foi fundamental para a inauguração da prometida nova era. (Bíblia de Genebra, 2009, p. 1134).

¹⁰⁸ BARTHOLOMEW, Craig G. Michael W. Goheen. **O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na Bíblia**. Tradução de Daniel Kroker . São Paulo: Vida Nova, 2017, pag.

fundamento permanecer, esse receberá recompensa. Se a obra de alguém se queimar, esse sofrerá dano. Porém ele mesmo será salvo, mas como que através do fogo. Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá. Porque o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado.

Notamos, portanto, que a Igreja está constituída pela ação representativa de Cristo. É a priori a forma de revelação na pessoa de Cristo e no Espírito Santo; em relação à obra, é a criação, que está baseada na *unidade* e na pessoa de Deus. Por isso, a Igreja é a forma de revelação da pessoa e obra de Cristo, tem sua *unidade* na pessoa de Cristo, pois a Igreja é Cristo presente, e a presença de Deus sobre a terra é Cristo.¹⁰⁹ E que Cristo livremente se deu como um substituto para os pecadores, ou seja, pagou o preço necessário a fim de libertar as pessoas de seus pecados. Cristo purifica indivíduos de seus pecados, para que *juntos*, possam constituir seu povo especial (Tt 2.14). Portanto, como membros da Igreja de Cristo, temos deveres uns para com os outros, somos orientados a vivermos em amor intenso uns para com os outros, segundo Pedro, pois o amor cobre multidão de pecados, o amor não guarda recordações dos erros, mas perdoa em resposta ao perdão de Deus (1Pe 4.8 NAA).¹¹⁰

Um povo liberto do “império das trevas”¹¹¹ para caminhar unidos na diversidade

O apóstolo Paulo, em sua carta a igreja de Éfeso, capítulo 2, versículos 1-3, fala sobre a condição do homem que é desesperadora sem Deus, vejamos o que diz o texto:

E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também.¹¹²

Faz menção ao homem caído em uma sociedade caída em todos os tempos, e esse é um retrato da condição humana universal. Retrata o pecado como algo que

¹⁰⁹ BONHOEFFER, Dietrick. **A essência da igreja**. Tradução Dr. Daniel Sotelo. Giânia: Editora Cruz, 2017, p. 50.

¹¹⁰ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 1687.

¹¹¹ Os cristãos são libertos deste mundo perverso (Gl 1.4) e levados para o Reino e a proteção do Filho de Deus (Cl 1.13). Desta forma, Jesus os arrancou da mentalidade maligna da sua época. Palavras fortes para descrever a realidade do mundo caído. E ainda mais fortes para descrever o poder redentor do evangelho. (LIMA, 2019, p. 27).

¹¹² Paulo entendia que Deus revelou agora algo que estivera oculto. O mistério é o fato de que os gentios agora são feitos membros do corpo de Cristo junto com seus companheiros judeus que se tornaram cristãos. (Manual Bíblico Vida Nova, 2001, p. 768).

o ser humano está envolvido e que é culpado, e que o pecado não é uma simples erupção esporádica, mas o estado, a condição universal do homem.

Portanto, em seu ensino o homem está morto, mas a morte que se refere é espiritual. Neste sentido, Hernandes nos ajuda a entendermos que:

Antes de Cristo, o homem está vivo para as atrações do pecado, mas morto para Deus. O homem é incapaz de entender e apreciar as coisas espirituais. Ele não possui vida espiritual nem pode fazer nada que possa agradar a Deus. Da mesma maneira que a pessoa morta fisicamente não responde aos estímulos físicos, também a pessoa morta espiritualmente é incapaz de responder a estímulos espirituais.¹¹³

Continua o autor dizendo que o indivíduo morto em suas transgressões e pecados não se deleita em Deus. E que o mundo é um grande cemitério cheio de pessoas mortas espiritualmente. Embora estejam vivas fisicamente, são desprovidas de vida espiritual. E mesmo que estejam em plena atividade mental, estão completamente mortas espiritualmente. O indivíduo morto em suas transgressões e pecados não se deleita em Deus (LOPES, 2009, p. 49).

Ainda nesse contexto, o apóstolo Paulo continua nos mostrando que o estado natural da humanidade é de mortos que andam. Que o homem é desobediente por natureza, pois esse mundo é regido segundo o príncipe do poderio do ar, que age nos filhos da desobediência. Também trata nessa carta sobre a depravação total do homem, pois todas as áreas da sua vida foram afetadas pelo pecado: razão, emoção e volição. E, por fim, fala sobre a condenação do homem, que à parte de Cristo está morto por causa do pecado, escravizado pelo mundo, pela carne e pelo diabo, além de condenado sob a ira de Deus.¹¹⁴

Mas, por outro lado, Paulo também vai tratar sobre as bênçãos da Igreja, enfatizando que Deus abençoou sua Igreja ao dar aos cristãos a vida eterna, *unindo-os uns aos outros* e dando-lhes a capacidade de perseverar na fé. O Senhor Deus oferece vida aos mortos, libertação aos cativos e perdão aos condenados.

Aprendemos também que os crentes judeus e gentios estão unidos em Cristo, e que essa unidade deve ser demonstrada por seu amor uns pelos outros, e que devemos entender que,

No centro da mensagem de Éfeso está a recriação da família humana segundo o plano original de Deus para ela. A nova criação desautoriza a ideia errada de que Deus aceita os judeus e rejeita os gentios. Paulo declarou que essa distinção foi abolida na morte sacrificial de Cristo. Por isso, não há mais

¹¹³ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 49.

¹¹⁴ Ibid., p. 53.

impedimento para reunir toda a humanidade como o povo de Deus, com Cristo por cabeça. O novo corpo, a Igreja, recebeu o poder do Espírito Santo para capacitá-la a viver a nova vida e a pôr em prática os novos padrões.¹¹⁵

Conseqüentemente, o apóstolo começa a contrastar o que somos por natureza com o que somos pela graça, a condição humana com a compaixão divina, a ira de Deus com o amor de Deus. No capítulo 2, versículo 4, relata sobre o amor de Deus por nós, pois o Senhor é rico em misericórdia, e por natureza Deus é amor. Ele ama seu povo por nenhuma outra razão que não a escolha dele em fazê-lo, certamente não por qualquer virtude que eles possuam. Assim, o próprio Senhor Deus traz a vida os mortos que andam, e oferece seu próprio amor como fundamento, excluindo qualquer consideração de mérito, esforço ou habilidade da parte daqueles que são vivificados.¹¹⁶ Portanto, o último propósito de Deus em nossa salvação é que por toda a eternidade sua graça seja manifestada de forma gloriosa por sua Igreja.

Como se nota, a salvação é a nova criação de Deus, pois não podemos produzir vida em nós mesmos, é uma obra exclusiva de Deus em nós. Logo, Deus está trabalhando em nós, pois ainda não terminou de escrever o último capítulo da nossa vida. Seu propósito eterno não é só nos levar para a glória, mas nos transformar à imagem do Rei da glória, pois, a conversão não é o fim da obra, mas o início dela e, conseqüentemente, o que o Senhor começou na conversão e continua na santificação será consumado na glorificação.¹¹⁷

Por tais razões, somos exortados, segundo Paulo a mantermos e preservarmos a unidade do Espírito no vínculo da paz,

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos (E 4.1-6).

Neste ponto aprendemos que a unidade no Espírito está referida a unidade de pensamento que o Espírito de Deus demanda e exige dos cristãos. Por isso, *somos chamados das trevas* para vivermos firmes e unidos em um só espírito em um só propósito, lutando pela fé proclamada nas boas novas. E que como corpo místico de

¹¹⁵ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001 p.753.

¹¹⁶ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p.1570.

¹¹⁷ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 57.

Cristo, somos lembrados que há um só corpo e um só Espírito. E o que mantém esse corpo coeso é o vínculo da paz mencionado no texto acima citado, onde se diz que todo corpo está adequadamente unido e compactado “por meio de suas juntas e seus ligamentos”. Que o Senhor Jesus, como cabeça da Igreja, é seu conselheiro, e a ele devemos ouvir e nele devemos nos manter ligados.¹¹⁸

Por outro lado, as fraturas do corpo, que é a Igreja, ferem o espírito dos cristãos, e muitas vezes ocasionam o enfraquecimento do espírito e da vida do cristianismo, se não sua morte! Quão necessário é, portanto, nos empenharmos em prol da unidade no Espírito pelo vínculo da paz!¹¹⁹

Quando Paulo inicia sua carta a igreja de Éfeso tem como objetivo falar que a Igreja do Senhor é composta por um povo muito abençoado, pois o “Pai bendito de nosso Senhor Jesus Cristo, nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo”. Portanto, somente o Senhor Deus é digno de ser bendito, os homens são benditos quando recebem a suas bênçãos. E o Senhor Deus é bendito quando é louvado por tudo que gratuitamente confere ao homem e ao seu mundo. (LOPES, 2009, p. 15).

Por tais razões, importante observarmos que a necessidade de termos comunhão com a Igreja do Senhor está expressa no evangelho de Mateus, capítulo 16, versos 16-18, quando Pedro confessa que Cristo é o Filho do Deus vivo, ao que Cristo lhe assegura que “sobre esta pedra, isto é, sobre sua profissão de fé, ou sobre o Cristo que Pedro confessara, ele edificaria sua Igreja, e os portões do inferno não podem prevalecer contra ela.¹²⁰

Portanto, como se pode notar, o pecado dividiu a humanidade, mas Cristo faz dela uma nova nação, pois todos os cristãos das diferentes nacionalidades formam a nação santa que é a Igreja. E pela fé passamos a fazer parte da família de Deus, e Deus tornou-se nosso Pai. Essa família é constituída na terra e no céu (Ef 3.15 NAA). Os cristãos vivos na terra e os cristãos que dormem no céu; não importa a nacionalidade, somos todos irmãos, membros da mesma família. Assim, não deve

¹¹⁸ A posição e chamado privilegiado da Igreja trazem consigo grandes responsabilidades. Paulo exortou a Igreja a viver de modo digno. Enfatizou o caráter e o esforço necessários para essa vida exemplar. Depois, com ênfase trinitária característica, o apóstolo afirmou que a Igreja podia viver assim porque é capacitada pelo Espírito, estabelecida pelo Filho e habilitada pelo Pai. (Manual Bíblico Vida Nova, 2001, p. 757).

¹¹⁹ BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz**. Trad. Maurício Zágari- 1 Ed. Rio de Janeiro: GodBooks, 2020, p.14-16.

¹²⁰ Ibid. p. 21.

haver mais barreira racial, cultural, linguística nem econômica. Somos um em Cristo, pois temos o mesmo Espírito. Fomos salvos pelo mesmo sangue, temos o mesmo Pai, somos herdeiros da mesma herança e iremos morar juntos no mesmo lar.¹²¹

Whitlock, defende que a comunhão dos santos encontra sua explicação na doutrina da Igreja, de acordo com autor,

Especificamente, há apenas uma Igreja e é composta de todos os que, por toda história humana, confiam genuinamente em Jesus Cristo para salvação. Pela graça e misericórdia de Deus, todos os crentes estão unidos a Cristo e um aos outros pela fé. Eles formam uma união exclusiva; ninguém mais pertence a ela. Embora possamos nos encontrar descrevendo qualquer número de grupos e subgrupos cristãos, percebemos que existem essencialmente dois tipos de pessoas no que se refere à fé cristã: crentes e não crentes. Todos os crentes pertencem à única Igreja verdadeira e uns aos outros. A unidade da Igreja nos leva a apreciar ainda mais o maravilhoso tesouro que Deus nos deu como parte de sua família – irmãos e irmãs no Senhor.¹²²

Entende-se nesse sentido, que recebemos a dádiva do Reino, por isso, nosso relacionamento é restaurado com Deus em Jesus, o Cristo. E o próprio Senhor Jesus diz: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (Jo 17.3 NAA). E assim, o Pai do Senhor Jesus se torna O Pai de todos os seus seguidores; eles são ensinados a chamar Deus de “Pai”, como o faz o Senhor Jesus, tornando-se parte de uma grande família.

Recebemos a benção do perdão dos pecados, pois o Senhor Jesus livra seu povo da culpa e do poder do pecado, o que também havia sido prometido pelos profetas do Velho Testamento. Como por exemplo, Jeremias, apresenta a promessa de Deus: “Porque perdoarei a sua maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados” (Jr 31.34, 33.8; Ez 36. 25,33 NAA). Também recebemos, como benção do Reino, o dom do Espírito e um novo coração, como anuncia o profeta Ezequiel de uma só vez, a saber:

Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei de vos o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Também porei o meu Espírito dentro de vós e farei com que andeis nos meus estatutos; e obedecereis aos meus mandamentos e os praticareis (Ez 36.26-27 NAA).

Portanto, a chegada do Reino significa corações novos e circuncidados, e que o chamado do Senhor Jesus é um discipulado caracterizado pela graça divina no qual “a dureza de coração seria curada”. E consequentemente, o poder dinâmico do Reino

¹²¹ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 68.

¹²² WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 89.

de Deus evidente no ministério do Senhor Jesus capacitará igualmente essa comunidade para ser luz para as nações.¹²³

Com relação a missão da Igreja, Goheen também nos ensina sobre a importância cósmica e comunitária da cruz,

Os evangelhos relatam uma batalha entre o poder do Reino de Deus em Jesus e por meio do Espírito, de um lado, e os poderes do mal e das trevas de outro. Esse choque é evidenciado quando Jesus ataca o sofrimento, a doença, a culpa, o pecado pessoal e os modos de vida imorais, a idolatria da riqueza, os relacionamentos quebrados, a morte, a presunção, a natureza hostil, as estruturas e práticas religiosas distorcidas, as estruturas sociais injustas que exploram os pobres e as estruturas políticas injustas que abusam do poder. Jesus confronta esse mal, tanto pessoal como estrutural, com suas palavras, seus grandes feitos poderosos e suas inúmeras ações proféticas e práticas sociais. Ele situa a fonte desse mal no coração humano (Mc 7.14-23), e nos poderes demoníacos e satânicos que estão por trás das estruturas sociais, econômicas e políticas (Lc 22.53; Jo 12.31). A cruz é o evento culminante dessa batalha. Conforme o relato da história nos evangelhos, a cruz “é o preço pago por um desafio vitorioso sobre os poderes do mal.”¹²⁴

Continua defendendo o autor que, na cruz, o Reino de Deus vence o mal, não por meio de uma força superior, mas porque o Senhor Jesus tomou sobre si todo o impacto do pecado e esvazia o seu poder. “Seu chamado é para o caminho de sofrimento, rejeição e morte, para o caminho da cruz, testemunhando da presença do reinado de Deus não mediante subjugação das forças do mal, mas tomando todo o seu peso sobre si. Porém, é nessa aparente derrota que a vitória é alcançada”. E aprendemos que o que domina e derrota o mal e o pecado que corrompem o mundo é a força do amor sacrificial pelo qual o Cordeiro de Deus leva sobre si mesmo o pecado do mundo, inclusive sua culpa e seu poder de destruição.

Consequentemente, a morte de Jesus alcança para o Reino de Deus a vitória decisiva sobre o mal e o pecado, pondo fim à era antiga e alcançando o objetivo da história da redenção. A cruz tem importância cósmica, e a Igreja partilha e participa dessa salvação cósmica. (Goheen, 2014, p.134)

Logo, a missão do povo de Deus inclui ser sacerdócio de Deus no mundo, pois somos um povo representante. Como cristãos temos a tarefa de representar o Deus vivo diante do mundo, e levar o mundo a reconhecer o Deus vivo. Isso está expressamente claro com a forma como o Novo Testamento também apresenta nossa responsabilidade como cristãos.¹²⁵

¹²³ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 113.

¹²⁴ Ibid., 2014, p.133-134.

¹²⁵ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 145.

Cumpra observarmos o ensino de Pedro aos cristãos, afirmando que somos a casa espiritual edificada em Cristo, por isso, temos a mesma identidade, a mesma missão e a mesma responsabilidade ética:

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes, vocês nem eram povo, mas agora são povo de Deus, antes não tinham alcançado misericórdia, mas agora alcançaram misericórdia. Amados, peço a vocês, como peregrinos e forasteiros que são, que se abstenham das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, tendo conduta exemplar no meio dos gentios, para que, quando eles o acusarem de malfetores, observando as boas obras que vocês praticam, glorifiquem a Deus no dia da visitação (1Pe 2.9-12 NAA).

Nesta passagem, Pedro aplica Êxodo, capítulo 19, versículos 4-6, diretamente aos cristãos dizendo que: “Vocês tiveram a sua experiência de êxodo [das trevas]”, diz ele. “Vocês provaram a graça e misericórdia de Deus, pois agora vocês são sua propriedade exclusiva e valiosa, o seu próprio povo. Portanto, vivam essa história e essa identidade. E vivam-na na obediência atraente de uma “vida exemplar” para que as pessoas sejam atraídas para o Deus a quem adoramos, e tudo que elas disserem sobre nós venha a glorificar o Senhor Deus.¹²⁶

Vejamos o que dispõe a Confissão de Fé de Westminster e sua declaração, sobre a comunhão dos santos:

Os santos são, pela profissão de fé, obrigados a manter santa sociedade e comunhão no culto de Deus e na realização de outros serviços espirituais que contribuam para sua mútua edificação, bem como a socorrer uns aos outros em coisas materiais, segundo, respectivamente, as suas necessidades e meios; esta comunhão, conforme Deus oferecer ocasião, deve estender-se a todos aqueles que, em qualquer lugar, invoquem o nome do Senhor Jesus (CFW, 26, 2).¹²⁷

Portanto, não apenas precisamos uns dos outros, somos obrigados a fazer o que podemos para abençoar e beneficiar uns aos outros. Somos obrigados a encorajar uns aos outros, a edificar uns aos outros, a orar com e uns pelos outros; também somos obrigados a fazer o que for possível para dar exemplo certo a eles e fornecer ajuda onde for necessário.¹²⁸

Os Cidadãos do Céu Unidos na Diversidade

¹²⁶ Ibid., p. 152.

¹²⁷ Bíblia de Estudo de Genebra. 2ª Ed. Barueri, São Paulo: Cultura Cristã. 2009, p. 1800.

¹²⁸ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 90-91.

Após entendermos o que recebemos do Senhor Deus por meio da salvação em Cristo, e reconhecermos o que erámos antes de Cristo, podemos nos conscientizar da importância de vivermos unidos mesmo sendo diversos em nossas culturas e dons, termos como propósito anunciar o evangelho de Cristo, pois essa é a principal motivação da missão de Deus para o seu povo. E essa missão se cumpre por meio da excelência da união fraternal, como nos ensina Davi, no salmo 133.

Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos! É como o óleo precioso sobre a cabeça, barba de Arão, e desce para a gola de suas vestes. É como o orvalho do Hermom, que desce sobre os montes de Sião. Ali o Senhor ordena a sua bênção e a vida para sempre.

Este salmo nos convida a uma meditação sobre as bênçãos da *união* entre o povo de Deus. E numa perspectiva cristã podemos entender como uma bênção sobre a unidade em Cristo com outros cristãos, tanto na igreja local como na universal. E que a *unidade* do povo de Deus é um rico perfume que faz com que a sua adoração seja aceitável para o Senhor Deus. E este ensinamento nos remete aos ensinamentos de Paulo em sua epístola aos colossenses, quando o apóstolo diz: “Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Que a paz de Cristo seja o árbitro no coração de vocês, pois foi para essa paz que vocês foram chamados em um só corpo. E sejam agradecidos” (Cl 3. 14-16). A *unidade* também é comparada, pelo salmista, ao orvalho que refresca e alegra. E que Deus dá a bênção da *unidade* por meio do dom do Espírito Santo, como também aprendemos na epístola paulina a Igreja de Éfeso, capítulo 4, versículo 3, vejamos o texto: “esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”.¹²⁹

Portanto, podemos notar que, a unidade do povo de Deus se dá debaixo da obra e poder do Espírito Santo, e da mesma forma como o povo de Israel era abençoado na unidade nacional, o povo de Deus é abençoado na unidade espiritual, quando com unanimidade, em um só Espírito, uma só fé, nos aproximamos do único Senhor. Neste sentido, Meister, entende que:

Fala-se muito na igreja contemporânea a respeito de unidade, e não há como negar diante da interpretação deste Salmo que a bênção de Deus vem sobre o povo unido. Entretanto, é importante reconhecermos que, assim como a unidade de Israel se dava, em vários níveis (social, cultural e espiritual) debaixo de princípios claros da Escritura, a Igreja do Senhor deve buscar esta

¹²⁹ Paulo nos ensina que Deus criou “um novo homem” em seu filho; há um padrão duplo da vida que pertence a esta nova criação: unidade e pureza. Embora os crentes possuam diferentes dons e vocações, eles estão unidos em Cristo e pela sua fé comum. Seus diferentes dons e vocações são complementares, permitindo que os que estão na igreja ministrem uns para os outros e se desenvolvam em maturidade. (Bíblia de Estudo de Genebra, 2009, p. 1572).

unidade debaixo de princípios semelhantes, que reflitam a verdade da Escritura e seus princípios básicos de autoridade.¹³⁰

Assim, fica comprovado pelas Escrituras que manter a *unidade* é um dever agradável a Deus, pois o próprio Senhor Deus é apresentado a nós como autor da paz e não da confusão (1 Co 14-33). E que em todas as igrejas, o Espírito de Deus se regozija na unidade de nossos espíritos; mas, por outro lado podemos entristecer o Espírito de Deus com conflitos e confusões. Como podemos observar nas orientações de Paulo ao pedir aos efésios que não entristeçam o Espírito de Deus, prescrevendo um remédio contra esse mal: “que se livrem de toda amargura, raiva, ira, das palavras ásperas e calúnias, e de todo o tipo de maldade, mas que sejam bondosos e tenham compaixão uns dos outros, perdoando-se como Deus os perdoou em Cristo, segue o texto:

E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, no qual vocês foram selados para o dia da redenção. Que não haja no meio de vocês qualquer amargura, indignação, ira, gritaria e blasfêmia, bem como qualquer maldade. Pelo contrário, sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês (Ef 4.30-32 NAA).¹³¹

Como se nota, a *unidade* e a paz entre cristãos agradam a Deus e também alegra o coração e o espírito do povo de Deus. Somos chamados a viver uma nova vida com renúncias e restauração interior. Nossos relacionamentos devem ser harmoniosos, sem julgarmos uns aos outros e sem influenciar os outros desrespeitando a consciência deles. Quem é maduro não deve, com sua liberdade, prejudicar quem é fraco, e o fraco deve evitar impor restrições àquele que descobriu a liberdade cristã. Portanto, o amor e respeito mútuos são as características dos verdadeiros discípulos de Cristo.¹³² E assim, a *unidade* e a paz trazem o céu à terra, entre nós, como Paulo diz: “o reino de Deus não diz respeito ao que comemos ou bebemos, mas a uma vida de justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).

Consequentemente, onde há *unidade* e paz, o céu se faz presente na terra, pois por meio delas saboreamos os primeiros frutos daquele estado abençoado de que um dia desfrutaremos, quando chegarmos “à congregação dos filhos mais velhos,

¹³⁰ MEISTER, Mauro F. “**Pregação no Antigo Testamento: É Mesmo Necessária?**”, em Fides Reformata 1/1(1996), 1-5. Acesso em 28/05/25 às 15h.

¹³¹ Paulo exortou os crentes a viver a realidade da sua nova posição, com renúncia e restauração interior. E que os crentes devem livrar-se de maus hábitos como “amargura, ira e calúnia”, e imitar a bondade compassiva de Cristo. (Manual bíblico vida nova, 2001 p. 758-759).

¹³² Manual bíblico vida nova/autor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p.723.

cujos nomes estão escritos no céu, e a Deus, que é juiz de todos, aos espíritos dos justos no céu, agora aperfeiçoados” (Hb 12.23 NAA).

Para Bunyan, o resultado e os benefícios da *unidade* e paz extensível da Igreja se desdobra em paz de consciência e transforma leituras e escritos controversos em tratados de mortificação e devoção. A *unidade* e a paz da Igreja tornam a comunhão dos santos desejável. Porém, são as divisões que tornam a comunhão da Igreja amarga e carregada. Onde a *unidade* é mais forte, a comunhão é mais doce e desejável, e assim, a paz e a união enchem o povo de Deus do desejo de estar em comunhão.¹³³

Na obra Igreja Sinfônica, Pedro Dulci e seus colaboradores, fazem uma analogia a Igreja de Cristo com uma orquestra, pois assim como uma orquestra é composta por vários instrumentos e seu regente, também a Igreja de Cristo tem a diversidade em seu DNA, junto com a seriedade bíblica e a Trindade como a regente da diversidade de dons. Para o autor uma das maiores contribuições da dinâmica de uma orquestra é celebrar a harmonia de suas diferenças pelo reconhecimento da igualdade e de sua importância, pois em uma orquestra ideal, todos são músicos e estão posicionados lado a lado, harmonizados na mesma afinação e submetidos ao mesmo tempo, partitura e regência. E que simultaneamente, estão conscientes de suas diferenças específicas e contribuições particulares, que executarão em momentos distintos da música.¹³⁴ Portanto, esse entendimento da dinâmica de uma orquestra nos ajudará a compreender a recomendação bíblica de unidade da Igreja.

De acordo com Dulci, a Igreja Sinfônica representa Unidade e harmonia de acordo com as Escrituras, vejamos o que diz o autor:

A unidade e a harmonia do corpo de Cristo não decorrem de uma uniformização em formas de atuação, ministérios e dons espirituais. Pelo contrário, é precisamente porque na unidade da divindade há três pessoas de mesma substância, poder e eternidade que sua Igreja precisa demonstrar tal dinâmica no mundo por meio de sua atuação variada, coesa e bela. Qualquer tentativa de impor uma unidade artificial, pela adoção de um padrão monótono, representa distanciamento dos planos originais de Deus para a sua Igreja, sem falar em um empobrecimento dela (DULCI, 2016, p. 20).

Quando observamos as orientações de Paulo à igreja em Corinto, é notável seu zelo que é semelhante ao do maestro em uma orquestra. Assim, aquela igreja era

¹³³ BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz**. Trad. Maurício Zágari- 1 Ed. Rio de Janeiro: GodBooks, 2020, p. 35-36.

¹³⁴ **Igreja Sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos**. Organizador: Pedro Lucas Dulci. 1ª Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p.18.

conduzida no uso de seus dons que eram comparados ao funcionamento das várias partes do corpo humano, para o bem de todos. Todos os crentes, “em um só Espírito”, foram “batizados em um só corpo”. Logo, o mesmo Espírito traz refrigério e *unidade* ao corpo todo. Paulo enfatiza a *unidade* da igreja expressa na *diversidade*, pois assim como o caos tomaria conta do corpo humano se cada membro tentasse fazer o trabalho dos outros membros, a igreja se encheria de problemas se cada membro não desse sua contribuição própria para o bem de todo o corpo.¹³⁵ E assim, passamos a entender que os dons espirituais são dados ao povo de Deus para que possam edificar a Igreja, dar testemunho de Cristo e se tornar luz para todas as pessoas segundo o evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 14: “Vos sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre o monte”.

Vejamos o que dispõe a Confissão de Fé de Westminster, no tocante as boas obras:

Estas boas obras, feitas em obediência aos mandamentos de Deus, são os frutos e as evidências de uma fé viva e verdadeira; por elas, os crentes manifestam a sua gratidão, reforçam a sua confiança, edificam os seus irmãos, adornam a profissão do evangelho, fecham a boca dos adversários e glorificam a Deus, de quem são feita, criados em Jesus Cristo para isso mesmo, a fim de que, tendo o seu fruto em santidade, tenham no final a vida eterna (CFW, 16. 2)¹³⁶

O desejo de Paulo referente a Igreja do Senhor é que o Deus trino nos ajude e opere em nós seu evangelho até que todos alcancemos a *unidade* da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. Por isso, o propósito de suas orientações é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para o outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo o vento de doutrinas e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, sejamos guiados pela verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo (Ef 4.13-15 NAA).

De acordo com a Confissão Belga, temos o dever de nos unirmos à Igreja,

Essa santa assembleia é a congregação daqueles que são salvos e fora dela não há salvação. Cremos então, que ninguém, qualquer que seja a posição ou qualidade, deve viver afastado dela e contentar-se com sua própria pessoa, mas cada um deve se juntar e se reunir a ela, mantendo a unidade da Igreja, submetendo-se à sua instrução e disciplina, curvando-se diante do jugo de Jesus Cristo e servindo para a edificação dos irmãos, conforme os dons que Deus concedeu a todos como membros do mesmo corpo. Para observar melhor tudo isso, o dever de todos os fiéis é, conforme a Palavra de

¹³⁵ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 732-733.

¹³⁶ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 1794.

Deus, separar-se daqueles que não pertencem à Igreja e juntar-se a essa assembleia em todo lugar onde Deus a tenha estabelecido. Esse dever deve ser cumprido, mesmo que os governos e as leis das autoridades o contrariem, e a morte ou a pena física, sejam a consequência disso. Por isso, todos os que se separam dessa Igreja ou não se juntam a ela contrariam a ordem de Deus (CB, 28).¹³⁷

E esse crescimento, segundo Paulo, é por meio da Palavra que é o grande instrumento para edificação da Igreja do Senhor, pois Cristo concede os dons para aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.12). O sentido aqui é de “aperfeiçoar o que está deficiente na fé dos cristãos e dá a ideia de levar os santos a se tornarem aptos para o desempenho de suas funções no corpo, sem deixar implícita a restauração de um estado desordenado. Também tem como objetivo o desempenho do serviço, para a obra do ministério. A palavra serviço (diakonia), é usada não para descrever a obra de pastores, mas, sim, a obra do chamado laico, ou seja, de todo povo de Deus sem exceção. Portanto, como podemos testificar pelo Novo Testamento, o ministério não é prerrogativa de uma elite clerical, mas, sim, a vocação privilegiada de todo o povo de Deus.¹³⁸

Os dons também são concedidos para a edificação do corpo de Cristo (Ef 4.12c NAA), pois a finalidade do exercício dos dons é a edificação da Igreja. E essa edificação ocorrerá quando os dons forem usados para servir as outras pessoas e não para o benefício próprio. E assim, podemos notar as evidências do crescimento espiritual da Igreja quando há maturidade espiritual (Ef 4. 13), ou seja, nossa meta é o crescimento espiritual. Cristo é a nossa vida, nosso exemplo, nossa meta e nossa força. Quando há estabilidade espiritual (Ef 4. 14), pois, naturalmente, devemos ser semelhantes as crianças em sua humildade, segundo nos ensina o evangelho de Mateus, capítulo 18, versículo 3, mas não em sua ignorância nem em sua instabilidade.¹³⁹

Devemos seguir a verdade em amor (Ef 4.15), pois a verdade sem amor é brutalidade, mas o amor sem verdade é hipocrisia. E por fim, quando há cooperação espiritual, pois “nele o corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta cooperação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo no amor”. Portanto, cada membro do corpo, não importa o

¹³⁷ Ibid., 2009, p. 1756-1757.

¹³⁸ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 110/111.

¹³⁹ Não porque supostamente as crianças sejam inocentes, mas porque elas são dependentes e não fingem ser de outra maneira. (Bíblia de Estudos de Genebra, 2009, p. 1558).

quão insignificante pareça ser, tem um ministério importante a exercer para o bem do corpo. O corpo cresce, quando os membros crescem. (Lopes, 2009, p.112).

Oportunamente, Paulo nos mostra sua visão para Igreja do Senhor, que constitui a nova sociedade de Deus, portanto deve demonstrar amor, unidade, diversidade e maturidade sempre crescente. Assim, devemos ter essas características, pois correspondem a uma vida digna da vocação do nosso chamado.

Cumpramos ressaltar outro ponto importante na obra Igreja Sinfônica, no que se refere ao termo catolicidade, pois esse termo nos remete as dimensões da missão. Para os autores, a catolicidade é um aspecto essencial da Igreja do Senhor Jesus. Não se tratando de meras palavras, mas de uma convicção de que nossa fé não pode ser verdadeiramente cristã se não for católica. O Senhor Jesus era católico, a Igreja é católica, a fé é católica e, por isso, a missão cristã também é católica. Entende os autores que, a linguagem teológica da catolicidade é mais uma condição para a unidade harmônica da Igreja. E que a noção de fé católica tem potencial para superar os desentendimentos sobre as dimensões que a missão da Igreja precisa assumir, relacionando integralidade, retorno a ortodoxia evangélica e avivamento espiritual.¹⁴⁰

O termo catolicidade compreende: universalidade horizontal, geográfica e multicultural, uma referência ao seu alcance em todo mundo. E no que se refere a presença e o poder católico de Deus, é que antes de tudo, ele é universal, pois o Senhor Deus é o fundamento pessoal e a fonte de inteligibilidade do mundo. Nele temos a concepção da vida e o estabelecimento da realidade, pois não há vida nem contato com a realidade fora dele. Ele é a luz de todos os homens, e toda a luz que os homens podem experimentar vem dele.¹⁴¹ Paulo nos ensina sobre essa suficiência de Cristo ao dizer que: “Pois em Cristo habita toda plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude” (Cl 2. 9-10 NAA).

Nesse sentido, a afirmação da fé em Cristo implica então, uma afirmação ampla da universalidade: a plenitude de Deus em Cristo, na plenitude do cosmo, na plenitude de cada um de seus entes. Paulo recorrerá ao fundamento da catolicidade divina, que são os dons espirituais na Igreja: “Há diferentes tipos de dons, mas o espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes

¹⁴⁰ **Igreja Sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos.** Organizador: Pedro Lucas Dulci. 1ª Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 72.

¹⁴¹ Ibid., 73.

formas de atuação, mas é o mesmo Deus que efetua tudo em todos” (1Co 12.4-6 NAA).

Para Dulce e seus colaboradores, Deus em Cristo é a substancia da catolicidade,

A afirmação “o mesmo Deus quem efetua tudo em todos”, mostra que Deus, em Cristo, é a substancia da catolicidade. Como é tudo em todos, Deus é a efetividade dessa catolicidade. Portanto, há aqui uma declaração mais sintética da presença católica de Deus. “Todos” é o aspecto objetivo da universalidade, o que significa que nada há na Igreja que se dê de forma autônoma, uma vez que a extensão total dos membros se encontra sob o poder divino. “Tudo” é o aspecto substantivo da universalidade, o que significa que cada obra realizada em cada pessoa e por cada pessoa é obra divina: é a “plenitude”.¹⁴²

Com efeito, embora Paulo se refira ao “mesmo Deus” para destacar a unidade que fundamenta a universalidade, sugere ao mesmo tempo nessa unidade uma diversidade divina, pois diz que o Espírito Santo, Jesus e o Pai estão engajados de forma diferente, mas coordenada, na vida do corpo de Cristo. Logo, os “carismas”, ou dons; “diaconias”, ou serviços; e os “trabalhos”, ou operações, resultam da presença total e trinitária de Deus – e a unidade divina não elimina a diversidade divina.¹⁴³

E assim, de acordo com a sugestão de Guilherme,

Assim, sugiro, como mais básica declaração do que chamamos de catolicidade: “a plenitude trinitária de Deus, na plenitude universal da Igreja, na plenitude de seu ser e de suas obras, Ou seja: Deus inteiramente presente e trabalhando em tudo e por meio de tudo o que consiste no ser do seu povo. É a unidade da Igreja regida pela maestria trinitária”.¹⁴⁴

Horton também contribui com esse entendimento nos ensinando que,

Não há muitos evangelhos, mas um só. E não há muitas Igrejas católicas (universais), mas uma só Igreja católica que está presente numa vasta pluralidade de congregações locais ao longo de todos os tempos e em todos os lugares. O que torna a Igreja católica não é que haja uma só organização subordinada a um único chefe humano, nem haja uma pluralidade descentralizada constituída de microteologias baseadas em culturas locais ou em condições socioeconômicas. É a obra de Deus – proclamar, batizar e ensinar – que torna as muitas em uma, sem desistir da sua diversidade.¹⁴⁵

Unidade e Paz na Diversidade: fundamentos bíblicos

A princípio podemos observar a promessa do Senhor Deus em Isaías, capítulo 45, versículo 17-18, que nos traz a convicção do cumprimento da sua missão. Aqui

¹⁴² Ibid, p.75.

¹⁴³ Ibid., 75.

¹⁴⁴ Ibid., p. 76.

¹⁴⁵ HORTON, Michael. **A grande comissão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2024, p. 133.

temos a confirmação da soberania e superioridade de Deus em relação aos deuses pagãos, o Senhor exortou todas as nações a se voltarem para ele a fim de obter salvação. Portanto, é sábio nos submetermos a Deus, pois ele lançou um decreto imutável pelo qual um dia todos se curvarão diante dele, reconhecendo sua soberania.¹⁴⁶

Vejamos o que nos diz o profeta:

Israel, porém, será salvo pelo Senhor com salvação eterna; não sereis envergonhados, nem confundidos em toda a eternidade. Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não criou para ser um caos, mas para ser habitada: Eu sou o Senhor, e não há outro.

Diante desse ensinamento, as conclusões a respeito da Igreja missional pela história bíblica nos leva ao entendimento de que ser Igreja missional implica em participar da missão de Deus; dar continuidade à missão de Israel no Velho Testamento; dar continuidade a missão do Senhor Jesus e também dar continuidade ao testemunho da Igreja primitiva. Por tais razões, a Bíblia oferece uma grandiosa história que engloba todas as nações e todos os povos de toda a história da terra. Portanto, a identidade da Igreja está fundamentada no papel que Deus designou ao seu povo nessa história.

Vejamos o que Dulci argumenta em sua teologia sinfônica, que é comparável a uma montanha alta e íngreme:

A Igreja precisa ser mais unida. Para isso, em vez de os evangélicos encararem suas diferenças internas como obstáculos à unidade, precisam tratar cada uma das tradições como perspectivas ou, ainda como caminhos que igualmente sobem a montanha. Cada um de nós pode identificar a trilha de que mais gosta ou a que está mais habituado. Todavia, nunca poderemos dizer que conhecemos toda a montanha chamada cristianismo se não reconhecemos suas várias rotas de escalada ou se acreditarmos que apenas o nosso caminho preferido traduz a montanha toda.¹⁴⁷

Como povo escolhido, nosso papel é, de acordo com as Escrituras, vivermos para a glória de Deus e participarmos na sua obra redentora. Somos um povo escolhido por ele em favor do mundo, pois por meio do seu chamado nos dá sentido e direção, temos uma tarefa como seus parceiros na aliança para mediarmos sua bênção para as nações.

¹⁴⁶ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001 p. 446/447.

¹⁴⁷ **Igreja Sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos.** Organizador: Pedro Lucas Dulci. 1ª Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 51.

Neste sentido, Goheen nos ajuda a compreendermos nosso chamado como povo escolhido de Deus, a saber:

Consequentemente, a vida do povo de Deus é, desde o início, dirigida para fora em favor do mundo. Deus age em seu povo e por meio dele a fim de restaurar as bênçãos de sua boa criação para pessoas de todas as nações e, finalmente, para toda criação. A Igreja é o lugar da obra de renovação divina, e seu povo é o primeiro a experimentar a salvação divina – mas não exclusivamente para si mesmo. A Igreja é chamada a ser agente ou instrumento de redenção no mundo e em favor do mundo, escolhida a fim de convidar outros para a bênção da aliança que ela experimenta. Os cristãos são um povo “venha e junte-se a nós” cuja própria vida aponta para a culminação da história.¹⁴⁸

O autor continua, de acordo com seu entendimento, a nos ensinar que há uma notável continuidade entre o povo de Deus no Velho Testamento e no Novo Testamento, pois o relacionamento fundamental estabelecido na história do Velho Testamento entre o povo de Deus e as nações continua operante para a Igreja após a vinda do Senhor Jesus, portanto, nós também fomos escolhidos em favor do mundo (Goheen, 2024, p. 230).

Além disso, a relação do povo de Israel com outros povos do Velho Testamento estabelece para todos os tempos o papel do povo de Deus em favor das nações. Logo, a Igreja missional dá prosseguimento à missão de Israel para com as nações.

Nossa responsabilidade, como comunidade com um chamado no mundo, nos faz entender que a nossa vida institucional é essencial para a Igreja missional, pois à medida que a Igreja se dedica de forma resoluta à Palavra de Deus, à comunhão, à ceia do Senhor e a oração, ela é edificada na vida escatológica do Espírito. E à medida que os membros da igreja vivem juntos em comunidade, exercendo os dons do corpo, essa nova vida é nutrida. A vida em comunidade na Igreja manifesta a vinda do Reino, pois a própria Igreja deve ser um corpo transformado, um retrato da ordem social que o Senhor Deus pretende para a vida humana.¹⁴⁹ Portanto, a missão é antes de mais nada a vida de um povo de contraste, a demonstração vivida do plano de criação divino para a vida humana e o objetivo do propósito redentor de Deus, à medida que seu povo se posiciona contra a idolatria cultural. Essa comunidade tem uma tarefa no mundo, pois de sua vida em comunidade fluem palavras e ações que apontam para Cristo, a fonte dessa nova vida.

¹⁴⁸ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 229/230.

¹⁴⁹ Ibid., 2014, 237.

Como a Igreja missional é uma Igreja evangelizadora que proclama as boas-novas apontando para Cristo, demonstra as boas-novas com ações de misericórdia e justiça. E em todas as nossas ações devemos seguir a Cristo, que tornou conhecidas as boas-novas do Reino com suas próprias palavras e ações. E conseqüentemente, a missão dessa comunidade escatológica vai “até os confins da terra”, pois a missão do Senhor Deus é proclamar as boas-novas a todos os povos, e as congregações locais precisam assumir sua própria responsabilidade nessa tarefa.¹⁵⁰

Porém, nosso cenário não condiz com os ensinamentos bíblicos, pois atualmente somos o grupo religioso mais dividido no mundo. Temos milhares de denominações e ministérios, cada um acreditando que sua teologia ou metodologia é superior. E quando observamos esse cenário nos entristecemos, pois o lado mais triste de toda essa divisão é que nosso Salvador foi crucificado para pôr fim em nossas discórdias, ordena que sejamos unidos e diz que exerceremos impacto sobre o mundo quando nos tornarmos um.

Conforme entendimento de Chan, precisamos resgatar o hábito de adorarmos a Deus,

Nossa falta de louvor pode, na verdade, ser a maior causa de nossas discórdias. Uma vez que tenhamos parado de adorar, toda esperança de unidade se perde. Isso é o que nos une: não conseguimos parar de falar sobre o tesouro que temos em Jesus. É difícil começar a brigar com alguém que está de joelhos gritando louvores a Jesus, principalmente quando você também está ocupado bendizendo o Senhor. Muitos de nossos problemas poderiam ser pacificados se discutíssemos nossas preocupações de joelho diante do Deus santo. Não podemos permitir que o Inimigo ou nossos inimigos interrompam o nosso louvor. A adoração é nosso caminho para a unidade.¹⁵¹

Para o autor, a sabedoria de evitar o discurso não amoroso precisa começar com o temor de Deus e seus mandamentos. E que na Palavra encontramos orientações para buscarmos a humildade e o temor, conforme diz o profeta Isaías, capítulo 66, versículos 1-2.¹⁵²

Assim diz o Senhor:
 “O céu é meu trono, a terra é o suporte dos meus pés.
 Acaso construíram um templo para mim assim tão bom?
 Que lugar de descanso me poderiam fazer?
 Minhas mãos criaram o céu e a terra;
 Eles e tudo que neles há são meus.

¹⁵⁰ Ibid., 2014, 237.

¹⁵¹ CHAN, Francis. **Até que sejamos um**. Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 14.

¹⁵² Uma vez que o novo cosmos, em sua totalidade, será o templo de Deus, e a terra será parte desse templo cósmico, não haverá necessidade de um templo construído por homens na terra. (Bíblia de Estudos de Genebra, 2009, p.957).

Eu, o Senhor, Falei!
 Abençoarei os de coração humilde e o oprimido,
 Os que tremem diante de minha Palavra”.

De acordo com o texto citado, as bênçãos do Senhor estão sobre aqueles que são humildes e tremem diante de sua Palavra, pois as Escrituras são ordens sagradas de um Deus amoroso, porém, justo. Assim, importante para o nosso entendimento, que não devemos apenas temer diante das ordens relacionadas às imoralidades e questões éticas, mas, também, daquelas que exigem unidade.

Como se nota, a unidade tem sido encarada como um assunto atraente para aqueles que não dispõem do conhecimento teológico necessário para lidar com questões mais profundas. Também, tem sido vista como uma opção amena para aqueles que não se importam com a verdade. Somos exortados pela Palavra a abandonarmos essa mentalidade e simplesmente tremer a cada versículo diante de um Deus santo. Portanto, só quando levamos as Escrituras a sério entenderemos que o Senhor Deus se preocupa mais com a *unidade* do que qualquer ser humano jamais tenha se preocupado.¹⁵³

Vale lembrar que, também temos como fundamento bíblico o *grande mandamento* para que possamos fazer parte dessa missão. Quando nos referimos ao grande mandamento, logo nos reportamos para o Evangelho de Mateus quando o Senhor Jesus é abordado pela seguinte pergunta: “Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?” (Mt 22.36 NAA). Em seguida “Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo teu coração, te toda tua alma e de todo entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. O segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os profetas “(Mt 22.37-40 NAA). Neste contexto, o Senhor Jesus só estava repetindo Moisés (Lv 19.18; Dt 6.5 NAA). Podemos notar que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro, pois o amor de Deus está intrinsecamente ligado ao amor ao próximo.

Corroborando com esse entendimento, Horton, nos ensina que,

O Grande Mandamento conclama cada pessoa – crente e não crente igualmente – para a prática de obras de amor e serviço na nossa vida cotidiana. Os cristãos e não cristãos tem igual obrigação em face da mesma lei moral que exige justiça pessoal e social – até mesmo amor – entre todas as pessoas. No entanto, como as bem-aventuranças que o precedem, o Sermão do Monte é a lei do amor da nova aliança dada especificamente à comunidade dos santos, não um projeto para a sociedade mais ampla.¹⁵⁴

¹⁵³ CHAN, Francis. **Até que sejamos um**. Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 17.

¹⁵⁴ Horton Michael. **A Grande Comissão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, pg. 251.

Portanto, o nosso viver como cidadãos do Reino testemunha acerca do poder restaurador de Deus. Podemos ver umas das frases mais simples, porém importante, do Senhor Jesus para designar a missão da Igreja: “que vos ameis”. Esse era o estilo de vida esperado do povo de Deus e essa era a tarefa mais antiga da Igreja, expressar esse amor.

Com efeito, o Senhor Jesus deu uma dimensão nova à verdade do Antigo Testamento. “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também ameis uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35).

Bruce, corrobora com seu entendimento, acerca desse ensinamento, a saber:

O padrão do amor que os discípulos devem ter uns pelos outros é o daquele que o Senhor derramou em abundância sobre eles. “Ele sempre amou os seus que estavam neste mundo e os amou até o fim”. O mandamento do amor não era totalmente novo; toda lei e os profetas foram resumidos no mandamento duplo: “Amarás o Senhor teu Deus...” e “amarás o teu próximo como a ti mesmo; mas com seu ensino e ainda mais com seu exemplo Jesus lhe deu uma nova profundidade de significado. Quando o mandamento é retomado e repetido em 1 João 2.7-8, ele não é “mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual desde o princípio tiveste”, mas é ao mesmo tempo “novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando e a verdadeira luz já brilha”. Se a comunhão cristã for caracterizada por este tipo de amor (amor uns pelos outros), então ela será reconhecida como comunhão dos seguidores de Cristo; apresentará a marca indiscutível do seu amor.¹⁵⁵

Será por meio desse amor refletido entre os cristãos que a Igreja do Senhor Jesus se fortalecerá no mundo. Isso significa um tipo transbordante de vida, que por meio do amor mútuo o amor que o Pai mostrou ao enviar seu filho, o amor que o filho mostrou ao entregar sua vida. Esse sentimento não é proferido com base em emoções, mas sim um tipo de ação que o Pai e o Filho assumiram para si por amor ao mundo.¹⁵⁶

Portanto, o amor cristão segue o modelo do sacrifício amoroso de Cristo e a comunidade dos cristãos é o contexto principal no qual esse amor é expresso. E por meio desse sacrifício amoroso uma função importante da Igreja é, portanto, ser um retrato, uma breve representação, uma amostra do que o futuro no Reino de Deus será. Que possamos lembrar, que a Grande Comissão tem como fundamento a autoridade de Cristo, por isso, o Evangelho deve ir a todo mundo, sendo essa

¹⁵⁵ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. São Paulo, 2002, p. 253-254.

¹⁵⁶ Engen, Charles Van. **Povo Missionário, povo de Deus**. Tradução Fabiane S. Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 1996, pag. 113.

autoridade a nossa principal razão para o evangelismo e missões. E que como discípulos não devemos somente ensinar a pura verdade, mas também ensinar a obediência a essa verdade, pois doutrina e obediência não podem andar separadas¹⁵⁷. Além disso, o Senhor Jesus não colocou sobre nós a responsabilidade de ensinarmos o mundo sem prometer a sua presença em nossa caminhada. Logo, temos a confiança de que não estamos sozinhos, mesmo nos momentos mais desanimadores, porque ele estará conosco “sempre” (Mt. 28.20).¹⁵⁸

Oportuno lembrar que o Senhor Jesus inaugurou o seu Reino e nos envia para espalha-lo para longe e para todo o mundo, e o objetivo no qual colocamos toda a nossa esperança é o de que o Reino levará este mundo a um fim e introduzirá a plenitude do Reino glorioso de Cristo quando ele retornar.¹⁵⁹ Como podemos notar, uma importante dimensão do registro bíblico da obra de Cristo é sua ênfase no fato de a cruz e a ressurreição terem apagado as distinções terrenas entre os povos, sendo uma característica singular apresentada pelo evangelho a um mundo dividido por preconceitos e desavenças.

Assim, cumpre observarmos que, no Novo Testamento, a “missão” é mais que uma questão de obedecer a uma ordem, pois trata-se, mais precisamente, do que resulta de um encontro com Cristo. Ou seja, conhecer a Cristo significa tornar-se parte de uma missão para o mundo, porque a missão é um privilégio do qual todos devemos participar, tendo como exemplo a forma como Paulo se apresenta à igreja em Roma, declarando que por meio de Cristo, recebeu “graça e apostolado por amor de seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios” (Rm 1.5 NAA).

Stott comenta que, essa obediência mencionada por Paulo é que vem pela fé, vejamos o que diz o autor:

Uma fé verdadeira e viva em Jesus Cristo traz um elemento consigo de submissão, especialmente porque seu objetivo é “Jesus Cristo nosso Senhor” ou “o Senhor Jesus Cristo”; além disso, ela conduz, inevitavelmente, a uma vida de obediência. É por isso que o que a resposta de Paulo visava era um compromisso total e irrestrito com Jesus Cristo – isso é que ele chama de “obediência por fé”. É essa a resposta que damos para quem afirma que se pode aceitar Jesus Cristo como Salvador sem submeter-se a ele como Senhor. Isso é impossível. Os cristãos romanos certamente creram e

¹⁵⁷ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, p. 1277.

¹⁵⁸ As palavras do Senhor Jesus no Evangelho de Mateus dirigem a atenção para a grande esperança de todos aqueles que seguem a Cristo. (Ibid., 2009, p. 1277).

¹⁵⁹ Ibid., 2009, p. 1277.

obedeceram, pois Paulo refere-se a eles como aqueles que estão entre os chamados para pertencerem a Jesus Cristo.¹⁶⁰

Portanto, para Paulo a missão é consequência lógica de seu encontro com o Cristo ressurreto, na estrada de Damasco. E que, conseqüentemente, a missão está fundada na cristologia como a mensagem da reconciliação do mundo com Deus (2Co 5.18-20; Ef 2.14-18 NAA).

Vejamos o que nos ensinou o apóstolo Paulo em sua segunda carta aos coríntios, capítulo 5, versículos 18-20:

Ora, tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos seres humanos e nos confiando a palavra da reconciliação. Portanto, somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por meio de nós. Em nome de Cristo, pois, pedimos que vocês se reconciliem com Deus.¹⁶¹

Assim, a obra da reconciliação confiada a Igreja procede do fato de que Jesus, entre judeus e gentios, quebrou, em seu corpo de carne, “a parede da separação que estava no meio, à inimizade” que existia entre eles, para assim criar em si mesmo um novo homem.

Logo, podemos entender que a Igreja está envolvida com missões, porque ao Senhor Jesus foi dado um nome que está acima de todo o nome (Fp 2.9 NAA), e se declarou Filho de Deus com poder, pela sua ressurreição dentre os mortos (Rm 1.4 NAA), porque Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo (2 Co 5.19) e judeus e gentios em um só corpo para si mesmo, por meio da cruz (Ef 2.16).¹⁶²

Corroborando com seu entendimento acerca da exaltação de nosso Senhor, na carta do apóstolo Paulo aos Filipenses, capítulo 2, versículo 9, Hendriksen afirma que,

Deus, o Pai, enalteceu o Filho de uma forma transcendentemente gloriosa. Como rei, tendo por meio de sua morte, ressurreição e ascensão consumado e exibido seu triunfo sobre seus inimigos, Ele agora sustenta em suas mãos as rédeas do universo e domina todas as coisas no interesse da sua Igreja (Ef 1.22-23). Como profeta, através de seu Espírito, Ele guia os seus a toda a verdade. E como sacerdote (Sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque), sobre as bases de sua expiação consumada, Ele não somente intercede, mas realmente vive sempre para interceder por aqueles que se aproximam de Deus por seu intermédio (Hb 7.25).¹⁶³

¹⁶⁰ STOTT, John, R. W. **A Mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagell. São Paulo: Abu Ed. 2000, p. 64.

¹⁶¹ Paulo usou o termo técnico para o cargo político de alguém que representava um reino para o outro. Ele e os outros apóstolos eram embaixadores num sentido especial, dotado de autoridade, mas todos os cristãos que imitam Paulo merecem a honra de representar Cristo para o mundo. (Bíblia de Genebra, 2009. p. 1542).

¹⁶² Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

¹⁶³ HENDRIKSEN, William. **Filipenses: comentário do Novo Testamento**. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo, 1992, p. 152.

Por tais razões, se a Igreja está “em Cristo”, ela está envolvida na missão, o que faz com que toda a sua existência tenha caráter missionário. E tornar-se discípulo do Senhor Jesus significa partilhar com ele sua morte e ressurreição, unir – se a ele na marcha rumo à revelação final do seu Reino. Somos ordenados a fazermos discípulos, ou seja, levarmos pessoas a se submeterem à sua autoridade libertadora que seguirão voluntariamente para marcha, já em andamento, rumo a uma nova ordem das coisas, a saber, seu Reino. Estamos em missão com o Senhor Jesus, pois somos súditos do Reino, e o próprio Cristo é o Rei eterno sobre seu Reino. Nosso Senhor “nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai” (Ap 1.6), portanto, fazemos parte dessa missão divina de reconciliar o mundo perdido com Deus. Não podemos firmar um relacionamento com o Senhor sem fazermos parte da sua obra, porque ele é o exemplo supremo de evangelismo e missões. Disse o Senhor: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21).¹⁶⁴

Notamos que a vida e a obediência da Igreja são em favor do mundo, pois quando expressam esse modo de viver no Espírito, convencem os não cristãos da verdade dessa “boa notícia”, os atraindo para Cristo. Portanto, a Igreja é um povo que vive em um novo mundo com uma nova identidade e um novo relacionamento com Deus, e com essa nova vida vem um chamado para vivermos em obediência em todas as esferas, e que essa obediência esteja arraigada em amor. Assim, essa nova vida de obediência está em Cristo, como podemos observar, na carta de Paulo aos Efésios, capítulo 4, versículos 15-16: “Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo de quem todo o corpo, bem – ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”.¹⁶⁵

Para Bartholomew e Goheen: “O modo de vida dos cristãos deve ser não somente exemplar, mas também atraente. Deve atrair os de fora e convidá-los para fazer parte da comunidade. (...) Sua ‘existência exemplar’ é um ímã poderoso para atrair os de fora para Igreja”.¹⁶⁶

¹⁶⁴ João, indica que os discípulos agora se tornaram efetivamente apóstolos no sentido de “enviados”. A missão do Filho no mundo é confiada a eles, pois Ele está voltando para o Pai; mas assim como o filho receberá o Espírito em plenitude para o desempenho da sua missão, eles agora o receberam da mesma maneira e com a mesma finalidade (BRUCE, 2002, p. 334).

¹⁶⁵ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

¹⁶⁶ Bartholomew, Craig G. **O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na Bíblia**. Craig G. Bartholomew; Michael W. Goheen: tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017, pag.234/235.

Neste sentido, a Igreja missional torna-se “a justiça de Deus” em Cristo, ao exercer o ministério da reconciliação, ou seja, o trabalho de trazer a reconciliação de Deus ao mundo é o cerne do testemunho da Igreja. Este testemunho se consolidará por meio da comunhão amorosa, que expressa sua fé, confessando em palavras e atos que Jesus Cristo é o Senhor, servindo uns aos outros e testemunhando o maior acontecimento – Deus conosco¹⁶⁷.

Além disso, oportuno observarmos a importância de interpretarmos corretamente a mensagem do evangelho, compreendendo que os padrões cultural-linguísticos têm de ser avaliados pela palavra de Deus, não sendo totalmente aceitos ou totalmente rejeitados, pois todas as culturas são escravas do pecado e da morte, mas também, oferecem ricos tesouros, dados pelo Espírito na graça comum. Porém, notamos que muitas vezes a sensibilidade em face de contextos culturais diversos se transforma em uma ideologia que leva a distorções ou desvios do evangelho. E quando se permite que outra coisa que não o evangelho determine a identidade da Igreja, a nossa missão tornar-se-á uma extensão dos poderes da era atual em vez do irromper da era por vir. Tendo como resultado privar-se daquela genuína diversidade cultural que reflete a nova criação. Contudo, que possamos entender que a Igreja que o Senhor Jesus está edificando é um meio de fidelidade de Deus “de geração a geração” e “provêm de toda tribo, povo, língua e nação”. (Ap 7. 9-10).

Cumpramos ressaltar, um dos fundamentos mais claro referente a nossa busca por paz em meio a unidade na diversidade está na oração feita pelo Senhor Jesus no evangelho de João, capítulo 17, quando na primeira parte da oração o Senhor observa que a cruz lhe traria glória¹⁶⁸, pois ela era a vontade de Deus e meio de salvação de todos os que viessem a crer. Além disso, o Senhor ora especificamente pela proteção de seus discípulos na questão da unidade, enfatizando mais uma vez a importância da unidade no corpo de Cristo. Vejamos o que diz o Senhor em sua oração:

Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico, para que eles também sejam santificados na verdade. Não peço somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti,

¹⁶⁷ Engen, Charles Van. **Povo Missionário, povo de Deus**. Tradução Fabiane S. Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 1996, pag. 124/125.

¹⁶⁸ CARSOM, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 163.

também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17. 15-21, NAA).

Contribuindo para o nosso entendimento, Bruce, em seu comentário nos traz uma explicação, a saber:

Avida eterna, então, consiste no conhecimento de Deus. Já que tal conhecimento é concedido pelo revelador que Deus enviou, e na verdade é personificado nele, o conhecimento do revelador é a mesma coisa que o conhecimento do Deus que é revelado. Este conhecimento também não é uma simples questão de conhecimento intelectual; ele envolve um relacionamento pessoal. O Pai e o Filho se conhecem em amor mútuo, e através do conhecimento de Deus as pessoas são admitidas ao ministério deste amor divino, amando a Deus, sendo amadas por ele e, em resposta, amando umas as outras, pois esta é a base da unidade pela qual Jesus orou nos versículos 20-23.¹⁶⁹

Essa unidade não é orgânica, mas relacional, entre seus discípulos. Também pediu em sua oração pela proteção de seus discípulos para que fossem protegidos do mal, e tudo aquilo que se opõe amargamente às coisas de Deus. E conseqüentemente, pede ao Pai que os santifique pela sua Palavra que é a verdade, pois a santificação é o processo divino pelo qual o Senhor Deus nos amolda a sua santidade. Esse processo traz para nossa vida absolutos morais do Deus vivo de tal maneira que eles venham afetar nossa forma de viver e de pensar. Portanto, santificação e revelação estão inseparavelmente ligadas, pois sem a Palavra de revelação de Deus em nossa vida o processo de santificação não pode começar.¹⁷⁰

Quando ora pela unidade da Igreja está pedindo não somente por seus discípulos, mas, para todos aqueles que viriam crer com a mensagem e com o testemunho dos discípulos, pois os cristãos, unidos, formam o corpo de Cristo e a família da fé. E que seu pedido pela unidade está mais ligado às controvérsias tolas e as divisões marcadas pela amargura, que tantas vezes atormentam os relacionamentos. Mas, o amor que une os cristãos deve superar todos esses males, demonstrando para o mundo que o povo de Deus é especial e sem precedentes em sua comunhão, atraindo o mundo incrédulo para a fé em Cristo.¹⁷¹

Notamos, portanto, que o propósito dessa oração é que o Senhor Deus queria que as verdades desses versículos fossem gravadas na nossa memória, pois é um raro e santo privilegio observar o divino filho de Deus formulando não só suas orações,

¹⁶⁹ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. São Paulo, 2002, p.281.

¹⁷⁰ CARSOM, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 179.

¹⁷¹ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 664.

mas também os fundamentos de suas petições. Esses fundamentos refletem a unidade essencial do Pai e do Filho e revelam que as orações do Senhor Jesus por seu povo remetem seu argumento de volta aos propósitos inescrutáveis da Divindade. Assim, como se demonstra na oração do Senhor, os discípulos constituem um meio de trazer glória a Jesus, que explicitamente afirma: "...glória veio a mim por meio deles" (17. 10b). Logo, os cristãos glorificam o Senhor Jesus com sua confissão, sua alegre obediência, sua fé, sua vontade de sofrer e servir.¹⁷²

Carson, em seu argumento, nos ajuda a entender que:

Se o Senhor Jesus está junto com o Pai em revelação e autoridade em relação aos homens, simultaneamente está junto com o homem em dependência e obediência em relação ao Pai. Neste sentido, o Pai e o Filho desfrutam de perfeita unidade de amor, de propósito, de santidade e de verdade. E assim, na oração do Senhor, projetada a esses que me destes que iriam crer, além de seus discípulos, sejam um assim como nós somos um: um no amor, um no propósito, um na santidade e um na verdade, pois eles, diferentemente do mundo, vieram a reconhecer a verdade fundamental de que Jesus é a revelação de Deus. (CARSON, 2019, p.176).

Bruce, também corrobora com seu entendimento acerca da oração pelos discípulos, vejamos o que diz o autor:

Agora Jesus ora pelos seus discípulos. Ele deixa de orar pelo mundo não porque não se preocupe com ele; na verdade, ele é o salvador do mundo. Todavia, a salvação do mundo depende do testemunho daqueles que o Pai tirou do mundo para lhe dar, e são eles que precisam de intercessão neste sentido. Se foi o Pai quem os deu ao Filho, originalmente eles pertencem ao Pai; e já que este os deu ao Filho, eles também pertencem ao filho. No amor recíproco que os une, o Pai não deixa de dar nada ao Filho: Todas as minhas coisas são tuas, diz Jesus, e as tuas coisas são minhas. E que pela graça capacitadora do Pai e a direção do Espírito haveriam de cumprir a missão que agora lhes estava sendo confiada, e glorificariam seu Mestre ao fazê-lo.¹⁷³

Por outro lado, se a oração do Senhor é um pedido para que seus discípulos sejam protegidos de modo que possam ser um em amor, propósito, verdade e santidade, os maiores perigos a serem observados, estão naquelas ações que buscam destruir a unidade em amor, propósito, santidade e verdade. Essa proteção desejada pelo Senhor seria contra o ciúme, ódio, atrito, isolamento arrogante, egoísmo, amargura, um espírito rancoroso, uma língua iníqua, pois vícios como esses buscam destruir a unidade em amor. Também é alvo de destruição o espírito de superioridade e de falta de cooperação, a provocação e impaciência, toda sorte de

¹⁷² CARSON, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p.117.

¹⁷³ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. São Paulo, 2002, p.282.

pecado e mentiras, meias-verdades dogmáticas, a resistência a admitir os erros ou aprender uns com os outros de forma aprazível, a incredulidade crônica, que conspira para suprimir a unidade na verdade. E assim, orou o Senhor: de todos esses males, bom Senhor, livra-nos.¹⁷⁴

Com efeito, a unidade desfrutada pelos discípulos de Cristo é baseada em mútua habitação: a morada do Espírito em cada um deles e sua morada em Deus, dependentes dele, confiando nele, obedientes a ele, preservando o evangelho sagrado que lhes foi confiado e pelo qual são salvos. Assim como a santificação, essa unidade é simultaneamente algo que precisa ser aperfeiçoado. O primeiro ponto a nos unir é termos a mesma experiência da graça, o mesmo objeto de fé, o mesmo destino eterno, a mesma regeneração, a mesma rejeição do “mundo”, a mesma percepção da glória do Senhor. Por meio desses laços nos tornamos um, pois os vínculos que nos unem são tão profundos e eternos que transcendem as diferenças que nos dividem, porque os verdadeiros cristãos são um em Cristo.¹⁷⁵

Para Whitlock, aqueles que desejam agradar ao Senhor não podem ignorar sua obrigação de buscar uma igreja alegremente unida até que todos os crentes sejam finalmente unidos em louvor em torno do trono celestial. Em seu argumento, entende que, é essencial perceber que Jesus ora para que os crentes, por causa do seu sacrifício expiatório, se tornem um como ele e o Pai são um, e, ao fazê-lo, que sejam aperfeiçoados na unidade, segue o autor dizendo:

João já havia mencionado o desejo de Cristo por apenas um rebanho com um só pastor (10.16). Esta petição, particularmente tão perto do fim de sua vida na terra, marcou claramente a prioridade que Jesus colocou na necessidade de unidade entre todos os crentes. Esta unidade espiritual, que transcende qualquer tipo de unidade organizacional, é primordial para os crentes que são um só em e através de Cristo, e da verdade revelada nele. Essa unidade pertence a todos os crentes em diversas nações, etnias, culturas e organizações eclesialísticas. Sem ele, estamos sem Deus e sem esperança. Em João 10.11-18, Jesus se referiu a si mesmo como o bom pastor que dá sua vida por suas ovelhas. Sua ovelha ouve a sua voz, a reconhece e o segue, a fim de que haja apenas um rebanho.¹⁷⁶

¹⁷⁴ CARSON, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 177.

¹⁷⁵ Ibid., p. 184.

¹⁷⁶ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 34.

Cumpramos observarmos que, mesmo estando unidos pelos laços que foram acima citados, os cristãos precisam crescer em sua unidade, pois o Senhor Jesus também orou para que sejamos levados à unidade completa ... (17.23)¹⁷⁷, pois, embora essa unidade seja real, não é perfeita. E podemos notar que, com muita frequência, os cristãos não apreciam profundamente os valores que os unem a outros verdadeiros cristãos, mas em vez disso apreciam os elementos que geram divisão. Por isso, no tocante a prática, na atitude, no amor, na apreensão da verdadeira doutrina – em todos esses níveis a Igreja do Senhor precisa ser aperfeiçoada. E nesse sentido também o Senhor ora, e segundo as Escrituras um dia ele verá essa oração ser respondida plenamente, pois a unidade em expansão um dia se tornará a unidade perfeita.

Carson, contribui para o nosso entendimento, orientando-nos acerca dessas questões, a saber:

Os elementos que unem os verdadeiros cristãos são muito mais significativos do que os que os dividem. Os elementos que dividem não são necessariamente sem importância: às vezes são questões de fé ou prática que tem efeitos de vasto alcance na igreja para o bem ou para o mal, refletindo talvez algum equívoco ou compreensão importante a respeito da verdade. Mesmo assim, os itens que nos unem são de importância ainda mais fundamental. Independentemente da afiliação denominacional, precisa haver entre o povo de Cristo uma irmandade sincera, um amor mútuo, um compromisso comum, um desejo profundo de aprender uns com os outros e alcançar, se possível, uma compreensão compartilhada da verdade acerca de toda questão. Essa unidade deve ser tão transparente e convincente que outros sejam atraídos a ela. A esse ecumenismo bíblico (se posso rotulá-lo assim) não há nenhuma objeção. Aliás, ele é ordenado pela última Oração do próprio Senhor Jesus.¹⁷⁸

Além disso, o Senhor Jesus ora para que seus discípulos desfrutem da benção suprema: ‘Pai, quero que aqueles que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam a minha glória, a glória que me deste porque me amou antes da criação do mundo (17.24).¹⁷⁹ Como podemos ser indiferentes, diante dessa oração? É impossível que aquele que foi alcançado pela maravilhosa graça não seja comovido em seu

¹⁷⁷ Anteriormente o evangelista observa que Jesus, com sua morte, iria “reunir em um só corpo os filhos de Deus”. É por esta mesma unidade que Jesus ora e sua terminologia deixa claro que a unidade que ele tem em mente é feita em amor- uma unidade que têm suas raízes no fundo do coração, mas que se manifesta através de ações visíveis. De outra forma, o mundo não poderia vê-la e ser convencido por seu testemunho da revelação divina em Cristo. Jesus não está orando por uma unidade invisível (BRUCE, 2002, p.286).

¹⁷⁸ CARSON, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p.189.

¹⁷⁹ A segunda petição de Jesus pela Igreja é para que seus membros estejam com ele em glória. Ele não pede prosperidade temporal para os discípulos nem para a Igreja; antes, pede santidade e unidade na terra e a reunião dos santos no céu. (Bíblia de Genebra, 2004, p.1408).

coração por essa oração! O Senhor Jesus escolheu caminhar entre nós com uma glória um tanto paradoxal de humilhação, para nos salvar e nos elevar às alturas do céu, nos capacitando a ver o brilho irrestrito da gloria divina que é sua por direito.

Conseqüentemente, temos o amor da Divindade como fundamento dessa benção, pois essa obra contínua se dará por meio do prometido Espírito Santo. Portanto, o amor do Pai pelo Filho será estendido aos seus discípulos e os preencherá, e o próprio Senhor Jesus estará presente neles por meio da ação do Conselheiro (Jo 14- 23 NAA).

Neste sentido, Boor, em seu argumento, entende que:

Jesus fala a respeito do envio dos discípulos ao mundo. Porém somente poderão cumprir esse envio como “testemunhas” se eles próprios estiverem em ordem, se sua própria vida for uma vida repleta de Jesus. Dirija o olhar para a coisa grandiosa que Jesus está mostrando a você e aos outros discípulos. Somente desse modo se tornará uma “testemunha” da nova vida que lhe cabe levar ao ser humano que vive em morte. Jesus reitera sua promessa, conferindo-lhe a expressão máxima que se pode encontrar. O discípulo torna-se “morada” do Deus vivo! Vimos que Deus não é um “objeto”, algo que possa ser “mostrado”. Apenas quem “vem ao Pai” pode realmente encontrar a realidade do Pai. “Reconhecer” e “ver” depende de uma maneira radical de “ser”. Esse novo ser é presenteado completamente quando não mais apenas a pessoa vem a Deus, mas quando Deus agora “vem” ao ser humano “e faz morada nele”. E isso não é prerrogativa de um determinado círculo de pessoas eleitas. “Se alguém me ama” é a frase que abre para cada pessoa essa inaudita possibilidade de se tornar morada do Deus trino. A condição previa para isso, porém, é imprescindível e está fundamentada no cerne da questão. Esse “alguém” tem de amar a Jesus. Trata-se, no caso, de “amor” verdadeiro, que se ascende no amor redentor de Jesus por nós e que enche nosso coração. “Amor” que nunca é frio e sem sentimentos, mas não deve se esgotar em meros sentimentos. O amor genuíno se expressa claramente em guardar a palavra de Jesus. Quem ama o Filho e guarda a palavra do Filho, está no amor do Pai. E esse amor busca toda a proximidade e ligação com aquele que ele ama, levando ao “vir e fazer morada”.¹⁸⁰

Assim, podemos observar que, a partida do Senhor Jesus não tem por objetivo abandonar os discípulos ao isolamento solitário, mas seu objetivo é trazer aqueles que o Pai lhe entregou à riqueza do amor que existe entre as pessoas do Deus trino. Portanto, aprendemos com a oração do Senhor que, o padrão de unidade das pessoas da Trindade é o exemplo supremo para a unidade dos cristãos uns com os outros mediante sua união com Cristo. E que essa unidade perfeita a ser manifestada gloriosamente no dia da volta de Cristo, deve estar sempre formando e moldando o caráter do povo escolhido do Senhor Deus “para que o mundo creia”.

¹⁸⁰ BOOR, Werner de. **Evangelho de João II: comentário esperança**. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 94.

De acordo com a Confissão de Fé de Westminster, essa perseverança dos santos não depende do livre-arbítrio deles,

Mas da imutabilidade do decreto da eleição, precedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito, da semente de Deus neles e da natureza do pacto da graça; de todas essas coisas, vêm a certeza e infalibilidade. (CFW. XVII-II).

Conseqüentemente, o Senhor Jesus disse que quando experimentarmos a unidade perfeita, o mundo acreditará que ele foi enviado por Deus e que Deus ama o mundo tanto quanto ama seu Filho. E assim, por mais difícil que seja, a Igreja não pode deixar de prosseguir nesse caminho, isso não significa que não devemos tentar outras formas de abordagem, mas estas precisam ser acompanhadas por um esforço igual, se não maior, de encorajar a Igreja a buscar essa unidade na diversidade que as Escrituras prometem que alcançará os perdidos. Portanto, a mensagem do evangelho é incompleta sem o quadro da Igreja unificada, pois não há plano B.¹⁸¹

Em sua Epístola aos Romanos, Paulo nos ensina um caminho onde há esperança,

Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Ora o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. (Rm 15.4-6 NAA).¹⁸²

De acordo com Stott, nestes versículos a oração de Paulo assumem a forma de uma bênção, vejamos o que defendo o autor:

É que o Deus que concede perseverança e ânimo (através das Escrituras, como já vimos) lhes dê um espírito de unidade – literalmente, “vos conceda pensarem a mesma coisa entre vós”. Isto dificilmente seria um pedido para que os cristãos de Roma venham a concordar uns com os outros acerca de tudo; afinal, Paulo vem despendendo um esforço enorme para admoestar fracos e fortes a aceitarem -se mutuamente, mesmo que de sã consciência discordem em assuntos secundários. Portanto, esta deve ser uma oração pela unidade deles – unidade de mente no que tange ao essencial. Quando Paulo pede a Deus que ... lhes dê um espírito de unidade, segundo Jesus Cristo, isto parece indicar que a unidade cristã é a unidade em Cristo, que a própria pessoa de Jesus Cristo é o foco de nossa unidade, e que, portanto, quanto mais concordamos com ele e acerca dele, mais iremos concordar uns com os outros. O propósito dessa unidade, é para que possamos dispor-nos

¹⁸¹ CHAN, Francis. **Até que sejamos um**. Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p.75.

¹⁸² As Escrituras (aqui, naturalmente, as Escrituras do Velho Testamento) dão ampla evidência da fidelidade de Deus, principalmente quando lidas à luz do cumprimento delas feito por Cristo; daí, os leitores dessas Escrituras são incentivados a pôr sua confiança no Senhor e a esperar pacientemente por Ele (BRUCE, 1981, p. 206).

a uma adoração conjunta a Deus: para que com um só corpo e uma só boca glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, essa “uma só mente” se expressa através de um só coração e uma “só boca”. Aliás, sem essa unidade de mente acerca de Cristo é impossível haver unidade de coração e de boca na adoração a Deus.¹⁸³

Aprendemos com o apóstolo que, a unidade da Igreja é essencial para que Deus seja glorificado, demonstrando nesta Epístola, que a humanidade, a qual ficou destituída da glória de Deus, é restaurada a ela por meio da obra reconciliadora de Cristo. E que as Escrituras foram escritas, tanto o Velho, como o Novo Testamento, para beneficiar os cristãos, por isso, temos essa esperança de nos fortalecermos, pelo ensino das Escrituras para que possamos caminhar unidos na diversidade por meio do processo de santidade. E que devemos meditar dia e noite sobre as incomparáveis promessas de Deus, as quais dão esperança. Como o versículo acima citado nos mostra, foi dessa forma que Paulo manteve seu coração cheio de esperança, alegria e amor.

A plena certeza da esperança vem a partir da meditação nas promessas da Palavra de Deus. Isso acontecerá porque o Espírito Santo é o autor divino da Escritura. Assim, não é contraditório para nosso entendimento que, a maneira como ele nos enche de esperança é enchendo-nos com sua própria palavra de promessa. Logo, a esperança é a confiança de que o futuro maravilhoso prometido pela Palavra do Espírito realmente se tornará realidade. Portanto, o modo de ser cheio com o Espírito é ser cheio com sua Palavra, e o caminho para ter o poder do Espírito é crer nas promessas da sua Palavra. Pois é a Palavra da promessa que nos enche de esperança, a esperança nos enche de alegria e a alegria transborda no poder e na liberdade de amarmos o próximo.¹⁸⁴

Conclui-se, portanto, que o passo mais importante para construir pontes em favor da *unidade na diversidade*, é chegar-se mais perto de Deus, pois esse processo de amadurecimento espiritual nos aproxima de Deus e uns dos outros. Descobrimos que quando outros pertencem a Cristo, temos um parentesco com eles que ofusca todas as diferenças de nacionalidade, cultura ou denominação. A percepção de que somos irmãos e irmãs no Senhor, uma família, é a chave para esse sentimento de pertencimento. Assim, o Senhor espera que expressemos afeto e boa vontade para

¹⁸³ STOTT, John, R. W. **A Mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: Abu Ed. 2000, p. 449.

¹⁸⁴ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1500.

com outros cristãos nos níveis individual, congregacional e denominacional, demonstrando nossa transformação espiritual. Porém, nem sempre precisamos concordar, mas devemos sempre reconhecer os laços que nos unem.¹⁸⁵

Piper, em sua abordagem a carta de Paulo aos Romanos, capítulo 15, versículo 11, nos ensina que quando o apóstolo diz:

Louvai ao Senhor, vós todos os gentis, e todos os povos o louvem”, ele está expondo que há alguma coisa acerca de Deus que é tão universalmente digna de louvor, tão profundamente bela, tão compreensivelmente digna de louvor e tão profundamente satisfatória, que encontrará admiradores apaixonados em todo grupo diverso de pessoas no mundo. A sua verdadeira grandeza será manifesta na amplitude da diversidade daqueles que percebem e apreciam sua beleza. Sua excelência será mostrada mais elevada e mais profunda que as preferencias limitadas que nos fazem felizes a maior parte do tempo. Seu apelo será para as mais profundas, mais elevadas e mais amplas capacidades humanas. Portanto, a diversidade da fonte de admiração testificará a sua incomparável glória.¹⁸⁶

Por tais razões, como Horton nos ensina, que possamos erguer com fé os nossos olhos para Deus, alcançando nossos companheiros santos e nossos próximos com nosso coração e com nossas mãos, em amor. Assim, como Deus nos atende com seus dons celestiais por meio do ministério da igreja em sua Grande Comissão, assim também ele atende os nossos próximos com bênçãos comuns por meio das nossas vocações terrenas. Vivamos nosso discipulado como quem sabe que toda a autoridade no céu e na terra pertence ao Redentor, que ele está conosco até o fim das eras e que por fim voltará fisicamente para julgar vivos e mortos e para tornar novas todas as coisas. “Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo virá outra vez.”¹⁸⁷

E que possamos, juntos, crescermos na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno (2 Pe 3.18 NAA). Esse conhecimento é a experiência progressivamente mais profunda de Cristo e a compreensão da sua verdade que deve caracterizar toda a vida dos cristãos.¹⁸⁸ Que a paz de Cristo seja o arbitro em nosso coração, pois foi para essa paz que fomos chamados em um só corpo. E que sejamos agradecidos. E que a Palavra de Cristo habite ricamente em nós! (Cl 3.15 NAA).

¹⁸⁵ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 165.

¹⁸⁶ PIPER, Jon. **Alegrem-se os povos**. Trad. Rubens Castilho e Vagner Barbosa. São Paulo, Cultura Cristã, 2012, p.200.

¹⁸⁷ Horton Michael, **A Grande Comissão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 342.

¹⁸⁸ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1696.

3

**A IGREJA SANTIFICADA:
UNIDOS NO PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO**

“Procurem viver em paz com todos e busquem a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12-14 NAA).

Após abordarmos a importância de desenvolvermos uma cosmovisão bíblica cristã sobre um dos principais propósitos da Igreja Missional, que tem como um dos seus fundamentos a *unidade e comunhão na diversidade*, passaremos a desenvolver, de acordo com a Palavra, os meios que nos ajudarão nessa caminhada.

A princípio importante entendermos que nosso principal exemplo está diretamente relacionado com a comunhão e o relacionamento entre a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, pois Deus é um, esse Deus uno é Pai, Filho e Espírito Santo. E no que diz respeito a essa relação mútua, eles são distintos um do outro. Portanto, nada mais é requerido de nós, senão que consistamos com as declarações e testemunhos de Deus concernentes a si próprio, de acordo com o sentido natural e genuíno deles, sobre como ele deve ser conhecido, crido, temido e adorado por nós, sendo ele nosso Criador, Senhor e Galardoador, e porque ele mesmo, por sua revelação, não só nos deu segurança para assim proceder, mas também fez disso nosso dever necessário e indispensável.¹⁸⁹

Com efeito, aprendemos que Deus é um, no que diz respeito à sua natureza, substância, essência, divindade ou ser divino; sendo Pai, Filho e Espírito Santo, ele subsiste nessas três pessoas *distintas* ou *hipóstases*, através das quais se dá os seus mútuos relacionamentos, na medida em que proporcionam as peculiaridades e a maneira de sua subsistência, são distintas umas das outras; com várias outras coisas que são consequências necessárias da revelação mencionada.¹⁹⁰

Assim, encontramos na doutrina correta o fundamento para a Igreja, e essa doutrina deve ter seu ponto de partida no Deus trino e uno, que atua na história e nos chama a sermos agentes nela também. E que na teologia, a principal questão é a identidade do Deus a quem adoramos, pois essa adoração nos prepara para ver Deus, o mundo e nós mesmos como realmente somos e nos equipa para vivermos

¹⁸⁹ OWEN, John. **A doutrina da Trindade provada pela Bíblia**. Trad. Fernando Batista. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2021.p. 6.

¹⁹⁰ Ibid., p. 8.

corretamente com os outros diante de Deus. Portanto, como cristãos devemos evitar de pensar no cristianismo como uma filosofia ou um sistema moral, pois antes de tudo, o cristianismo é um teodrama, um relato do que Deus Pai, Filho e Espírito, diz e fez na Criação e na Redenção.¹⁹¹

De acordo com Vanhoozer,

Deus é o autor trino e uno no drama da redenção; em última análise, a doutrina de Deus envolve tudo o que Deus diz e faz no palco da história humana mundial. Uma concepção teodramática de Deus combina as melhores partes da herança evangélica – teologia que é igualmente escolástica (intelectual), pietista (coração) e ativista (vontade)- a fim de encarnar a sabedoria cristã e demonstrar o que significa conhecer e amar a Deus em expressões pessoais e comunitárias da vida. Evangélicos em diferentes culturas, podem formular e “atuar” a doutrina de Deus de diferentes maneiras, cada uma sendo adequada aos seus respectivos contextos e cenários culturais; no entanto, os juízos teológicos implícitos nessas formas estão fundamentados no único roteiro bíblico e no único evangelho: um só Senhor, uma só fé, um só batismo.¹⁹²

O autor nos ajuda a entender que a Bíblia se apresenta como um dos principais meios da revelação de Deus à humanidade, por tais razões, é de extrema importância darmos atenção às Escrituras, tanto como registro da autoapresentação divina na história quanto como um excelente exemplo dessa autoapresentação. E que as Escrituras descrevem a Palavra de Deus em termos trinitários e pactuais, ou seja, como parte da missão do Filho e da missão do Espírito de transmitir a luz, a vida e o amor do Pai a seu povo escolhido. (VANHOOZER, 2015, p.44).

Como se nota, a boa notícia é que os seres humanos não foram excluídos dessa divina atuação, mas convidados a participar. Logo, o povo de Deus tem papéis importantes a desempenhar, tanto de fala quanto de ação. E assim, em última análise, a doutrina de Deus tem uma função pastoral em conduzir os cristãos a participar da vida e da missão de Deus, glorificando-o e desfrutando-o para sempre.

Portanto, para os cristãos, as doutrinas que estão expressa na Palavra, deverão nortear seu modo de viver, e assim, nos apresentaremos “a Deus aprovados, como obreiros que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade” (2 Tm 2.15). Neste versículo Paulo está orientando Timóteo acerca dos falsos mestres, pois muitos haviam se distanciado da verdade. Em nosso contexto estamos vivendo o mesmo dilema enfrentado pelo apóstolo, pois muitos estão se distanciando da verdade e corrompendo a igreja local com seus falsos ensinamentos. Por

¹⁹¹ VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras e a função do Teólogo**. Trad. Marcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 37/38.

¹⁹² Ibid., p. 38.

isso, devemos resgatar o ensino da verdade buscando na Palavra de Deus, que é nossa regra de fé e prática, a transformação e renovação das nossas mentes¹⁹³. A doutrina da Trindade nos guiará e nos ajudará a entendermos a missão de Deus e os seus propósitos, pois a doutrina da Trindade não é uma especulação abstrata, mas, sim, a resposta da Igreja à revelação de Deus na história e nas Escrituras¹⁹⁴.

Conseqüentemente, a santificação da Igreja do Senhor depende dessa busca pela verdade, como nos ensina o Senhor Jesus em sua oração no evangelho de João, capítulo 17, versículo 17: “Santifica-os na verdade; a tua Palavra é a verdade”. Aprendemos por meio dessa oração que ser santificado significa ser separado para Deus e seus propósitos; e aqui o Senhor Jesus ora para que Deus possa santificar, separar para seu próprio uso os cristãos. E que o meio dessa santificação é a verdade, a Palavra de Deus.¹⁹⁵ Como podemos perceber, não há santificação sem esse meio, porque só a Palavra de Deus pode transformar nossa mente e o nosso caráter, pois à medida que os homens absorvem quantidades crescentes da Palavra de Deus, apreciando-a porque ela é verdadeira, eles vão sendo separados para os propósitos de Deus. Afinal, o homem é aquilo que pensa; portanto, a reflexão perpétua a respeito da Palavra de Deus inevitavelmente faz com que o homem realmente pertença a Deus. (CARSON, 2009, p. 179).

Nesse sentido, aprendemos com Paulo, que a santificação não é meramente a vontade do Senhor para os discípulos, mas é da vontade de Deus que todo povo seja santo, santificado (1 Ts 4.3), pois devemos nos abster de comportamentos libertinos que nos levam a negligenciar a disciplina, os deveres e as obrigações para com o Reino.¹⁹⁶ Esse processo de santificação tem como propósito o que está expresso no capítulo 17, versículo 18: “Assim como me enviaste ao mundo, eu os envio ao mundo”. Notamos, que o Senhor Jesus precisou separar a si mesmo para essa missão de vir ao mundo e fazer a vontade do Pai. Mas sua própria santificação não é um passo que o torna mais santo, mas, sim, um passo que estabelece a base para a santificação de seus discípulos: “É por eles que eu me santifico...ele ora, “para que eles também sejam verdadeiramente santificados” (17.19); e a santificação deles tem como objetivo o

¹⁹³ Romanos, 12. 1-2, estabelece para os cristãos os grandes princípios que governam a conduta cristã.

¹⁹⁴ VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras e a função do Teólogo**. Trad. Marcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.32.

¹⁹⁵ CARSON, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 179.

¹⁹⁶ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1606.

testemunho ao mundo.¹⁹⁷ O maior desejo do Senhor era que seus discípulos fossem santos e, portanto, indicou o único meio pelo qual a santidade pode ser obtida: “a verdade”. Assim como o erro e o engano são as raízes do mal, a verdade é a raiz da piedade. Aqueles que desejam crescer em santidade devem sujeitar-se não apenas ao desejo do Senhor Jesus de que sejam santos, mas também ao meio que ele providenciou para santificá-los.¹⁹⁸

Notamos, portanto, que a santificação é o processo pelo qual o Senhor Deus nos amolda à sua santidade. É trazer para a nossa vida os absolutos morais do Deus vivo de tal maneira que eles venham afetar a nossa forma de viver e de pensar. Santificação e revelação estão inseparavelmente interligadas, pois sem a palavra de revelação do Senhor Deus em nossa vida o processo de santificação não pode começar.¹⁹⁹ E que temos no Senhor Jesus, conforme aprendemos com as Escrituras, o padrão supremo das missões, pois todo cristão é um missionário enviado ao mundo para dar testemunho de Cristo e alcançar os perdidos onde quer que estejam, a fim de conduzi-los ao Salvador. Assim, seremos aperfeiçoados na unidade e diversidade, observando o padrão de unidade que caracteriza o relacionamento não apenas entre o Pai e o Filho, mas também entre o Filho e o cristão.

Nota-se, portanto, que o Senhor Jesus separa a si mesmo para realizar sua obra redentora na cruz a fim de que os beneficiários dessa obra possam separar a si mesmos para a obra da missão. O Senhor os lembraria, depois da ressurreição, que a santificação deles, pela qual ele orou, não tinha o propósito de ter fins meramente pessoais e pietistas, mas estava longe disso, pois assim como o Pai o enviou, ele também nos envia. (CARSON, 2019, p. 180).

Assim, conforme aprendemos com o Senhor, devemos buscar uma vida de autoconsagração diária e de companheirismo constante com Deus, e que devemos nos esforçar por formar o hábito de nos dirigir ao Senhor Jesus Cristo a respeito de tudo quanto seja uma carga, quer grande quer pequena deixando sob os cuidados dele. E que os detalhes e os ingredientes particulares, que compõe a santidade na vida diária, deveriam ser amplamente expostos aos crentes.

¹⁹⁷ CARSON, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17**. Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 179.

¹⁹⁸ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1408.

¹⁹⁹ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001 p.664.

Contribuindo para o nosso entendimento, sobre o processo de santificação, o bispo Ryle nos ensina que,

A verdadeira santidade não consiste apenas em crer e sentir, mas em realizar e suportar, em uma demonstração prática da graça ativa e passiva. Não consiste meramente em sensações e impressões internas. Ela envolve muito mais do que lágrimas, suspiros e demonstrações físicas, um pulso acelerado e um apego apaixonado aos nossos pregadores favoritos, ou ao nosso próprio grupo religioso, ou, ainda, uma prontidão para debater com qualquer pessoa que não concorde conosco. Antes, ela é algo da “imagem de Cristo”, que pode ser visto e observado em nossa vida particular, em nossos hábitos, em nosso caráter e em nossas ações.²⁰⁰

Logo, temos como dever buscar a santificação, pois como nos adverte o autor da carta aos Hebreus, se não nos empenharmos em viver em paz com todos e buscarmos a santificação, não veremos a Deus. Assim, a partir do exemplo do Senhor Jesus, teremos coragem para perseverar, pois ele é o autor e consumidor da nossa fé (Hb 12. 1-11 NAA). Ele também correu a corrida da fé, e Deus o entronizou. Como cristãos, precisamos pensar no sofrimento que ele passou para encontrarmos força e coragem. Deus permite o sofrimento na vida do cristão para que ele desenvolva a santidade. O caráter de Cristo trouxe outro incentivo para a perseverança, pois Deus deseja que todos os cristãos busquem santidade, não tolerando um estilo de vida desobediente e egocêntrico.²⁰¹

Seguem os ensinamentos do autor aos Hebreus, mostrando-nos que ao falar no Sinai, Deus produziu temor, muito mais suas palavras do céu através do Senhor Jesus produzem terror, a saber:

Tenham cuidado e não se recusem a ouvir aquele que fala. Pois, se os que se recusaram a ouvir quem divinamente os advertia na terra não escaparam, muito menos escaparemos nós, se nos desviarmos daquele que dos céus nos adverte. Naquele tempo, a voz dele abalou a terra, mas agora ele promete, dizendo: "Mais uma vez eu farei tremer não só a terra, mas também o céu." Ora, as palavras "mais uma vez" significam a remoção dessas coisas abaladas, ou seja, das coisas criadas, para que permaneçam as coisas que não podem ser abaladas. Por isso, recebendo nós um Reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e temor. Porque o nosso Deus é fogo consumidor. (Hb 12. 25-29).

Com efeito, nossa gratidão deriva do conhecimento de que o nosso nome está escrito no céu e da nossa experiência com o “dom inefável” de Deus: Jesus Cristo. A reverência e o santo temor vem do conhecimento de quem é Deus e a adoração combina esses motivos. E o Senhor Jesus dá a fé a todos aqueles que se aproximam

²⁰⁰ RYLE, J.C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o senhor**. Trad. João Bentes & Valéria Coicev. 2 Ed., 5 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2016, p. 17.

²⁰¹ Manual bíblico vida nova/ editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001 p. 804.

de Deus por meio dele para prestar adoração agradável que é aceitável para Deus e ofertada em sua presença.²⁰²

Há certos aspectos da adoração expressos neste contexto: que ela deve ser agradável no sentido de aceitável, embora a adoração plenamente aceitável seja difícil, senão impossível de conseguir, o escritor está convicto de que o ideal deva ser colocado diante de seus leitores. Além disto, a adoração deve ser com reverência, ou seja, uma atitude mental que reconheça a grandeza de Deus. Conseqüentemente, deve haver o santo temor, que é especialmente apropriado tendo em vista a ideia de Deus como um fogo consumidor, ecoando as palavras de Dt. 4.24.²⁰³

João Calvino, em seu comentário a carta aos Hebreus, entende que “os homens já nascem com uma tendência acentuada que parecem fugir da paz, pois que todos correm atrás de seus próprios interesses, pretendendo seguir seus próprios caminhos e não se preocupam em adequar-se à linha de conduta de outros”. Portanto, segundo o autor, a menos que energeticamente sigamos a paz, jamais a reteremos, pois a cada dia tantas coisas sucedem, que infindáveis discórdias se suscitam. Assim, essa convocação para seguirmos a paz não está relacionada em somente cultivá-la, mas também que devemos esforçar-nos com todo o empenho por conservá-la em nosso meio.²⁰⁴

Continua corroborando Calvino, nos ensinando a importância de que a santificação deve ser seguida com a paz, a saber:

Visto que a paz não pode ser mantida com os ímpios, a não ser sob a condição de aprovarmos seus vícios e crimes, o apóstolo imediatamente adiciona que a santificação deve ser seguida juntamente com a paz, como se nos recomendasse a paz com essa exceção, ou seja: que não permitamos que a amizade dos perversos nos contamine ou corrompa. A santificação é o vínculo especial que nos une a Deus. Mesmo que o mundo se abraze com guerra, não devemos permitir que a santificação se extinga, porquanto ela é o vínculo que nos mantém em união com Deus. Em suma, fomentemos tranquilamente a paz com os homens, mas somente até onde a consciência o permita, segundo o provérbio. Ele afirma que ninguém pode ver a Deus fora do âmbito da santificação, uma vez que só veremos a Deus com aqueles olhos que já passaram pela renovação em consonância com a imagem divina. (CALVINO, 1997, p.364).

De acordo com o bispo Ryle, esse é um assunto de máxima importância para nossa alma, pois se a Bíblia diz a verdade, então é certo que a menos que nos

²⁰² Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p 1665.

²⁰³ GUTHRIE, Donald. **A Carta aos Hebreus: Introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão. São Paulo, 1983, p.249.

²⁰⁴ CALVINO, João. Exposição de Hebreus. Vereda Cristã – Livraria Evangélica Ltda. São Bernardo do Campo- SP: 1997, p. 363/364.

“santifiquemos”, não seremos salvos. Assim, em consonância com a Bíblia, a justificação, regeneração e santificação são absolutamente necessárias para salvação de todo homem e mulher na cristandade. E todas são encontradas no Filho de Deus: ele igualmente nasceu de novo, está justificado e está santificado. Logo, segundo o autor, aquele a quem falta qualquer dessas três coisas não é um verdadeiro crente aos olhos de Deus e, assim, quem for achado nessa condição não será glorificado no último dia.²⁰⁵

Nesse sentido, o bispo Ryle nos ensina sobre a natureza da santificação que decorre de uma ação espiritual interna que o Senhor Jesus Cristo realiza em uma pessoa pelo Espírito Santo, quando ele a chama para ser um cristão verdadeiro,

Ele não somente a lava dos seus pecados, mediante o seu próprio sangue, como também a separa de seu apego natural ao pecado e ao mundo, colocando um novo princípio em seu coração e tornando-a piedosa na vida prática. O instrumento mediante o qual o Espírito efetua essa obra geralmente é a Palavra de Deus, embora algumas vezes use as aflições e as visitas providenciais “sem palavra alguma”. O beneficiário dessa operação de Cristo, mediante o seu Espírito, é chamado nas Escrituras de homem “santificado”.²⁰⁶

Consequentemente, a santificação é o inevitável resultado da *união vital com Cristo*, que a verdadeira fé confere a um cristão, como nos ensinou o Senhor: “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto” (Jo 15.5). Portanto, o ramo que não produz fruto não faz parte da videira como uma porção viva. E essa união com Cristo que não produz qualquer efeito sobre o coração e a vida não passa de uma união meramente formal, indigna diante de Deus. Logo, a única evidência segura de que estamos unidos a Jesus Cristo e Ele a nós é uma vida santa, pois aqueles que vivem para o Senhor geralmente são as únicas pessoas que morrem no Senhor.

Diante desse entendimento, devemos ser santos porque essa é a única prova de que amamos o Senhor Jesus Cristo com sinceridade, pois o próprio Senhor falou nos termos mais claros em João 14 e 15: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”. “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”. Se alguém me ama, guardará a minha palavra”. “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (Jo 14. 15,21,23 e 15.14). Portanto, amar a Jesus equivale

²⁰⁵ RYLE, J.C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o senhor**. Trad. João Bentes & Valéria Coicev. 2 Ed., 5 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2016, p. 43.

²⁰⁶ Ibid., p. 44.

a obedecer a Deus e quando não obedecemos é falta de amor, pois obediência e amor não podem ser separados no cristão.²⁰⁷

Assim, como nos ensina as Escrituras, a santificação é a única evidencia segura de que somos verdadeiros filhos de Deus, pois se os homens não demonstram qualquer semelhança com o Pai celeste, é inútil chamá-los de “filhos” de Deus. O apóstolo Paulo nos advertiu em sua carta aos romanos, capítulo 8, versículo 14, dizendo: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”.

Corroborando com esse entendimento, diz Stott,

A vida nova, rica e abundante que é desfrutada por aqueles que fazem morrer os seus atos pecaminosos consiste justamente na experiencia de se tornarem filhos de Deus. É, pois, evidente que a conhecida noção acerca da “paternidade universal de Deus” não é verdadeira. Na verdade, todos os seres humanos são descendência de Deus por criação, mas filhos reconciliados com ele, nós só nos tornamos por adoção ou por meio do novo nascimento. Assim, como só quem é habitado pelo Espírito é que pertence a Cristo, da mesma forma somente aqueles que são guiados é que são filhos e filhas de Deus. E, como filhos, é-nos concebido um relacionamento especial, íntimo e pessoal com nosso Pai celestial, acesso amplo e imediato a sua presença através da oração, participação em sua família no mundo e nomeação como herdeiros seus.²⁰⁸

Por tais razões, não podemos viver neste mundo somente para nós mesmos, pois nossas vidas estarão sempre fazendo o bem ou o mal para aqueles que a contempla. Nossas vidas são como um sermão silencioso que todos podem ler, e que por meio delas muito pode ser feito em prol do Reino de Deus, quando buscamos a santidade, do que é por nós percebido. Como podemos aprender com o apóstolo Pedro, o dia do julgamento mostrará que muitos, além de maridos, serão conquistados por uma vida “sem palavra alguma” (1Pe 3.1).

Não obstante, podemos falar com as pessoas a respeito das doutrinas do evangelho, e poucas pessoas nos darão ouvido, e um número ainda menor nos compreenderá, mas, a nossa vida é um argumento do qual não se pode escapar, pois há um significado na santidade que nem mesmo os mais ignorantes podem evitar. “Talvez não compreendam a doutrina da justificação, mas poderão compreender o amor”.²⁰⁹

²⁰⁷ Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001 p.662.

²⁰⁸ STOTT, John, R, W. **A Mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S Steuernagell. São Paulo: Abu Ed. 2000, p. 279.

²⁰⁹ RYLE, J.C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o senhor**. Trad. João Bentes & Valéria Coicev. 2 Ed., 5 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2016, p. 75.

Assim como Paulo, que era um autêntico homem de Deus, um homem santo, um cristão que crescia e se desenvolvia, pois ele era alguém para quem Cristo era “tudo em todos”. Ele nunca desviava a vista para longe de Jesus, e disse: “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Hb 12.2; Fp 4.13; Gl 2.20 NAA). Portanto, nosso principal incentivo é encontrado na pessoa e obra do Senhor Jesus, que, tendo ido antes de nós como o “Autor e consumidor da fé”, é o exemplo supremo na corrida. E como consumidor da fé, o Senhor Jesus, dá a fé a todos aqueles que se aproximam de Deus por meio dele para prestar adoração agradável que é aceitável para Deus e ofertada em sua presença.²¹⁰

União com Cristo: desenvolvendo a santidade unidos na diversidade

A princípio devemos considerar a suprema verdade de que *a união com Cristo* é a *raiz da santidade* e nos ensina o grande encorajamento que Cristo concede a todos quantos se esforçarem para viver em santidade.²¹¹ Logo, a união com Cristo significa que ele nos representa em sua morte e ressurreição, pois, entende-se por isso que Cristo expiou os nossos pecados e nos garantiu a salvação. Conseqüentemente, a união com Cristo é uma unificação vital com o Salvador, pois o Senhor está presente com o cristão e, por meio do seu Espírito, vive em íntima comunhão com os que lhe pertencem, e os cristãos retiram suas forças para viver a partir dessa união efetiva.²¹²

Defende Aquino que essa é a doutrina mais bela e importante de todas, a saber:

É possível defender que a doutrina da união com Cristo é a doutrina mais bela de todas, pois ela expressa a profundidade do amor de Deus na aliança, eleição, encarnação e salvação humana. A união com Cristo é ilustrada com as mais belas imagens da Bíblia e da vida e é o centro a partir do qual fluem todas as demais doutrinas das Escrituras. Pela fé, somos unidos ao Salvador e, conseqüentemente, ao Deus triúno, e passamos a receber dele toda sorte de benção espiritual, tudo o de que necessitamos para a vida e a piedade, para o dia a dia e para a adoração.²¹³

²¹⁰ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 1665.

²¹¹ RYLE, J.C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o senhor**. Trad. João Bentes & Valéria Coicev. 2 Ed., 5 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2016, p. 9.

²¹² Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 1559.

²¹³ AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas**. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023, p. 25.

De acordo com o autor, à Trindade é a rica comunhão da Igreja, por meio de Cristo, que perpassa o propósito de Deus, o tempo e a eternidade. A justificação subjetiva, recebida pela fé, obra do Espírito, se consumam em nossa união com Cristo, em quem somente há a justiça perfeita exigida por Deus.

Com efeito, podemos observar que as Escrituras abordam em vários textos²¹⁴ a doutrina da união mística, como por exemplo na carta de Paulo aos romanos, capítulo 8, versículos 9-11, nos ensinando que,

Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que habita em vós.

Aprendemos no texto acima que quem habita nos cristãos e é habitado pelos cristãos é o Espírito, o Espírito de Deus, o Espírito de Cristo, Cristo e o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Assim, existe uma grande intercambialidade entre a habitação de Cristo nos cristãos, que causa a morte deles para as coisas deste mundo e vida para a justiça.²¹⁵

Cumpramos ressaltar, que o próprio Senhor Jesus, no evangelho de João, capítulo 15, versículos 1-8, nos ensina sobre a união mística que tem como fundamento permanecermos nele e frutificarmos nele, vejamos o texto:

Eu sou a videira verdadeira, e o meu Pai é o lavrador. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto ele limpa, para que produza mais fruto ainda. Vocês já estão limpos por causa da palavra que lhes tenho falado. *Permaneçam* em mim, e eu *permanecerei* em vocês. Como o ramo não pode produzir fruto de si mesmo se não *permanecer* na videira, assim vocês não podem dar fruto se não *permanecerem* em mim. Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem *permanece* em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada. Se alguém não *permanecer* em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se *permanecerem* em mim, e as minhas palavras *permanecerem* em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será feito. Nisto é glorificado meu Pai: que vocês deem muito fruto; e assim mostrarão que são meus discípulos

Como podemos notar, o Senhor Jesus, nesse texto, se compara a uma videira, a árvore que dá uvas e que era totalmente central na cultura e economia de Israel. A videira é usada como símbolo para a nação de Israel algumas vezes no Antigo

²¹⁴ Algumas referências bíblicas: Gl. 2. 19-20; Jo 17.20-24; Rm 8.9-11; 2 Pe 1.3-4, etc.

²¹⁵ AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas**. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023, p.28.

Testamento (Salmo 80. 8-18; Isaías 5.1-7). Infelizmente, como esses textos do Antigo Testamento deixam claro, Israel falhou como videira, pois nunca produziu os frutos que Deus esperava que ela produzisse. É neste sentido, portanto, que o Senhor Jesus se apresenta como a videira verdadeira! A videira agradável a Deus não é a nação de Israel, o povo judeu, mas o próprio Senhor Jesus Cristo é a videira que agrada a Deus. Jesus é a videira e o Pai é o agricultor. E nós, somos unidos a Cristo como ramos em uma videira.²¹⁶

Portanto, o ramo que está em Cristo e produz, será podado, cuidado, limpo pela Palavra de Deus e produzirá ainda mais frutos. É aí que entra a fundamental palavra “permanecer”, pois a única maneira de continuamente produzirmos fruto é por meio da permanência em Cristo. A palavra fruto é uma metáfora para aquilo que um cristão produz em sua vida prática por ser um cristão. Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo é um tipo fundamental de fruto cristão.

Permanecer em Cristo é ter um relacionamento pessoal com ele por meio do Espírito Santo. Permanecer em Cristo é continuar crendo nele, não somente como Deus, Salvador e Senhor, como o meu Deus, o meu Salvador e o meu Senhor. Permanecer em Cristo é tê-lo como a pessoa mais importante da minha vida, com quem eu converso, a quem eu ouço e aquele que eu mais admiro. É um relacionamento sobrenatural que acontece para aqueles que o receberam e tiveram o privilégio de serem feitos filhos de Deus²¹⁷. Permanecer em Cristo é entender que ele assumiu a natureza humana para possibilitar que nós passemos a desfrutar de um relacionamento pessoal com Deus. Permanecer em Cristo é uma experiência existencial e sobrenatural contínua de ter comunhão com Deus.

Conseqüentemente, o que garante que alguém está em um relacionamento pessoal com Cristo são os frutos produzidos! Quem não produzir frutos, será cortado, lançado fora, seco, lançado no fogo e queimado. É uma imagem terrível, porém verdadeira. E de forma alguma nega a verdade de João, capítulo 10, versículos 28-

²¹⁶ Ibid., 94

²¹⁷ João 1.12: Os seres humanos caídos não são filhos de Deus por natureza. Somente aqueles que possuem a fé redentora, gerada pela ação redentora de Deus é que possuem o privilégio de serem filhos de Deus. Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1370.

30, pois, aqueles que realmente foram unidos a Cristo não o deixarão de ser, porque Cristo, os preservará.²¹⁸

Oportuno observar que, a doutrina da união com Cristo também pode ser encontrada nos catecismos e confissões protestantes, definindo conceitos sobre união, comunhão e participação, como por exemplo, podemos notar na Confissão de fé de Westminster (26.1);

Todos os santos que pelo seu Espírito e pela sua fé estão unidos a Jesus Cristo, seu cabeça, tem com ele comunhão nas suas graças, nos seus sofrimentos, na sua morte, na sua ressurreição e na sua glória, e, estando unidos uns aos outros no amor, participam dos mesmos dons e graças e estão obrigados ao cumprimento dos deveres públicos e particulares que contribuem para o seu mútuo proveito, tanto no homem interior como no exterior.²¹⁹

Entende-se, portanto, que de maneira sucinta e muito apropriada, os teólogos dos catecismos e confissões protestantes expressam diferentes aspectos dessa realidade como união, comunhão e participação, bem como diversos benefícios, realidades práticas e deveres que os cristãos passam a experimentar a partir de sua união com o Salvador.

Outro ponto importante a ser abordado sobre a união com Cristo está na continuação do capítulo 15, versículos 9-17, onde somos exortados a *permanecermos* no amor, pois esse é um ingrediente fundamental na doutrina da união com Cristo. Na união com Cristo, somos chamados para entrar em um relacionamento de amor por toda a eternidade, o amor de Deus por seu Filho e por todos aqueles que o Pai escolheu dar ao Filho.

Uma vez conscientes desse amor, somos chamados a responder em amor e distribuir esse amor para outras pessoas. Fomos feitos amigos de Cristo a fim de cumprirmos o mandamento do amor. O amor para com Deus e o próximo é o vínculo fundamental da permanência em Cristo.

Com efeito, somos unidos como corpo de Cristo, pois quando cremos no Senhor Jesus, nos tornamos membros do corpo de Cristo e, juntos, formamos esse corpo. Esse aspecto da união com Cristo também é chamado de incorporação em Cristo.

²¹⁸ AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas**. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023, p. 95.

²¹⁹ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1800.

Portanto, essa é uma das identidades mais fundamentais de cada cristão e da Igreja como um todo, a ponto de a Igreja ser chamada Corpo Místico de Cristo.²²⁰

O apóstolo Paulo apresenta pela primeira vez o uso desse conceito e metáfora do corpo de Cristo em sua carta aos romanos no capítulo 12, exortando os cristãos a apresentarem seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12. 1-2 NAA), e a pensarem a respeito de si mesmos com moderação (Rm 12.3NAA). Sua afirmação central nesse trecho da carta é lembrar-nos de que “somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros”²²¹ (Rm 12. 4-8 NAA). Logo, todos estamos unidos uns com os outros como partes diferentes de um só corpo por estarmos unidos com Cristo. E essa união é ilustrada em analogia ao corpo humano, que embora seja uma unidade (um corpo), é composto de vários membros e cada membro tem uma função (dom) específica, mas ainda assim é um só corpo. O foco do apóstolo aqui, é nos ensinar que, ninguém deve se orgulhar contra outros irmãos, pois, por causa da nossa união com Cristo, somos membros uns dos outros.²²²

Entende-se, portanto, que por causa do sangue de Cristo, ou seja, do seu sacrifício, agora judeus e gentios, por meio do evangelho, podem viver como um só corpo. O evangelho traz paz, reconciliação, destrói a inimizade, dá acesso ao Pai, nos faz herdeiros, participantes da promessa e nos transforma em uma nova humanidade, criando unidade na diversidade. O evangelho transforma inimigos em membros do mesmo corpo, o corpo místico de Cristo Jesus.²²³

Calvino nos esclarece dizendo,

Somos chamados com a condição de vivermos unidos em um só corpo, visto que Cristo estabeleceu entre todos os que creem nele a associação e união orgânica que há entre os membros do corpo humano. E já que os homens não podem chegar a tal união por si próprios, o Senhor mesmo se tornou o vínculo dessa união.²²⁴

²²⁰ AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas**. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023, p. 119.

²²¹ Segundo Lloyd-Jones, por definição, o membro da Igreja Cristã, no sentido neotestamentário, é alguém que está em vital e vivida relação com o Senhor Jesus Cristo. Lloyd-Jones, D. Martyn. Romanos: Exposição sobre o capítulo 12 – O Comportamento cristão. São Paulo: Ed. Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 228.

²²² AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas**. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023, p. 125.

²²³ Ibid., p. 136.

²²⁴ CALVINO, João. **Romanos**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2014. P 429.

Nesse sentido, observa-se, que a unidade do corpo, evidentemente, não é somente entre os cristãos, mas Cristo é o elemento fundamental de sua unidade. Como cada cristão está intimamente vinculado a Cristo e é membro do corpo dele, assim os cristãos são membros uns dos outros e estão profunda e intimamente ligados uns aos outros. Assim, Cristo é a cabeça de todo o crente, de toda a congregação e também da Igreja como um todo.²²⁵

Por tais razões, como nos exorta Paulo, em sua carta aos Colossenses, capítulo 3, versículo 15, devemos viver na prática, pensando naquilo que possa promover a paz da Igreja e agir como agentes dessa paz, segundo significado do texto: “Seja a paz de Cristo o arbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sedes agradecidos”. Portanto, como cristãos, devemos considerar a paz do corpo de Cristo como o agente de nossas decisões pessoais que interferem no corpo de Cristo.

Importante ressaltar que, conseqüentemente, quando somos *unidos a Cristo* por meio do Espírito Santo, iniciamos um processo que nos leva a sermos semelhantes a Cristo, pois essa é a vontade do Pai, e para isso ele nos criou: “Porque os que dantes conheceu²²⁶, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29 NAA). O Senhor Deus está em processo de “levar muitos filhos a glória” (Hb 2.10 NAA), e a glória que teremos é a glória de sermos semelhantes ao Filho de Deus, Jesus Cristo. E assim, somos exortados de forma magnífica, pelo apóstolo Paulo, a aprendermos a pensar e sentir como Cristo, para que possamos desenvolver a mente de Cristo, vejamos o texto:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus, que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, ele *se esvaziou*, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos. E, reconhecido em figura humana, ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.5-11 NAA).

²²⁵ BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática**. Trad. Vagner Barbosa. Santa Barbara D'Oeste: SOCEP, 2001, p. 435.

²²⁶ Esse conhecimento implica relacionamento pessoal e íntimo sobre alguma coisa ou alguém. (Bíblia de Estudos de Genebra, 2001, p. 1488).

De acordo com os ensinamentos de Paulo aos Filipenses, ter a “mente de Cristo”, significa mais do que o modo de pensar de uma pessoa; é o controle da sua vontade. Nosso Senhor Jesus, ao “esvaziar-se” transformou sua existência da forma de Deus em simples de escravo na terra. E, este, como podemos confirmar nas Escrituras, é o único caso de total auto-negação e sacrifício completo em toda a história. Para nós cristãos, é o modelo perfeito daquilo que Deus pede a todo homem quando exige auto-negação para que se torne discípulo de Jesus Cristo (Mc 8.34 NAA).

Segundo Shedd, o pronome “se” é muito importante aqui, porque esvaziar-se significa que o cristão não terá mais o maldito egocentrismo em si, pois quando há uma entrega verdadeira, deixamos de nos amar de maneira pecaminosa e egoísta, e assim, abriremos a porta para recebermos a mente de Cristo. E que, “dobrar-se ao nome de Jesus” é; naturalmente, concordar com os passos descendentes e humilhantes que ele tomou, para que fosse exaltado, Senhor sobre tudo. Compromete a quem se curvar para segui-lo com relação às atitudes na vida terrena. Ser como Cristo nosso Senhor, não significa simplesmente fazer o que ele manda, e evitar qualquer pecado, pelo contrário, realmente exige, como seu paralelo aqui na terra, uma disposição de mente equivalente à de Cristo. Essa atitude deve, portanto, influenciar em tudo a vida do cristão.²²⁷

Com efeito, desenvolver a mente de Cristo, no meio do povo de Deus, deve mostrar que somos realmente cristãos, dirigidos pela mente de Cristo, unidos em um Corpo no qual todos os membros servem altruisticamente a todo organismo. Além disso, somos chamados para imitar o exemplo de Cristo que, para salvar outros, renunciou a si mesmo. Esta admoestação está de acordo com muitas regras similares que instam conosco para que sigamos o exemplo daquele que é o Salvador Ungido. E com o auxílio de Deus, podemos e devemos imitar o Espírito que serviu de base para os atos redentivos. Portanto, a atitude de auto-renúncia, com vista a auxiliar outros, deveria estar presente e se expandir na vida de cada discípulo, pois a unidade, a humildade e a solicitude estavam presentes em nosso Salvador, e elas caracterizam também seus discípulos.²²⁸

²²⁷ SHEDD, Russell. **Alegrai-vos nos Senhor: uma exposição de Filipenses**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1984, p. 57-61.

²²⁸ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Exposição de Filipenses**. Trad. Valter Graciano Martins. Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1992, p. 136-137.

Os Teólogos²²⁹ e a missão: a Palavra de Deus nas palavras de homens

Em sua carta a igreja de Éfeso, no capítulo 6, versículo 17a, Paulo fala sobre a “espada do Espírito, que é Palavra de Deus”. A espada do Espírito é arma de ataque, pois vencemos os ataques do diabo e triunfamos sobre ele por meio da Palavra. É pela Palavra que saqueamos o reino das trevas, a casa do valente. É pela Palavra que os cativos são libertos por ser poderosa, viva e eficaz.²³⁰

Vejamos o que nos ensina o autor a carta aos Hebreus, no capítulo 4, versículo 12: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração”.

Calvino corrobora com esse entendimento, nos trazendo um esclarecimento, a saber:

Essa Palavra é algo vivo e cheio de poder secreto, a qual não deixa nada no homem que não seja tocado. A suma de tudo isso é que tão logo Deus abra seus santos lábios, todos os nossos sentidos também devem abrir-se para receber sua Palavra, porque não faz parte da sua vontade permitir que suas palavras sejam semeadas em vão, nem tão pouco feneçam ou desapareçam no solo da vida, senão que desafiem eficazmente as consciências humanas, até que as tragam jungidas ao seu domínio. Ele, pois, dotou sua Palavra com tal poder, para que a mesma prescrite cada área de nossa alma, para revelar os escrutínios dos pensamentos, para decidir entre as afeições e para manifestar-se como juiz.²³¹

Além disso, quando o autor a carta aos Hebreus diz que a Palavra é viva está demonstrando que ela reflete o caráter verdadeiro de Deus, a fonte de toda a vida. Esta qualidade viva é particularmente apropriada a ideia da Palavra, principalmente quando é aplicada ao registro da revelação. A Palavra de Deus, nas suas exigências intelectuais e morais, persegue os homens e clama por decisões pessoais a serem feitas em resposta as suas exortações.²³²

Como podemos notar, de acordo com o autor, a Palavra penetra e julga aqueles a quem ela adverte a respeito do engano do pecado e da possibilidade de não chegar

²²⁹ Teólogos são médicos que cuidam do corpo de Cristo, administrando remédios doutrinários quer para curar o corpo, quer para que ele se desenvolva, como no caso das vitaminas. (VANHOOZER, 2021, p. 88).

²³⁰ LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 185.

²³¹ CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura: exposição de Hebreus**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Vereda Cristã, 1997, p. 110.

²³² GUTHRIE, Donald. **A Carta aos Hebreus: Introdução e comentário**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão. São Paulo, 1983, p. 111.

à salvação, e o poder da Palavra de Deus penetra no mais profundo ser da pessoa, e não a divisão desse ser em suas partes constituintes, separadas.²³³

Vejamos o que nos afirma o Catecismo Maior de Westminster, acerca da veracidade da Palavra de Deus, que tem como autor o Deus triuno:

Demonstra-se que as Escrituras são a Palavra de Deus pela sua majestade e pureza do seu conteúdo, pela harmonia de todas as suas partes e pelo propósito do seu conjunto, que é dar toda glória a Deus; pela sua luz e pelo seu poder que possuem para convencer e converter os pecadores e para edificar e confrontar os crentes para salvação. O Espírito de Deus, porém, ao testemunhar, pelas Escrituras e juntamente com elas, no coração do homem, é o único capaz de completamente persuadi-lo de que são realmente a Palavra de Deus (CMW, 4).²³⁴

Além disso, o salmista afirma que “a Palavra de Deus é lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho” (Sl 119.105 NAA), e assim, a revelação de Deus fornece discernimento para guiar os justos. No salmo 130, aprendemos que a revelação da Palavra de Deus “esclarece e dá entendimento aos simples”.

Nesse sentido, a Confissão de Fé de Westminster ajuda-nos a entendermos que,

Na Escritura, não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura, são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas (CFW, I, VII).²³⁵

Por tais razões, é fundamental o ensino da Palavra de Deus para que haja crescimento espiritual na Igreja do Senhor e, para que a Igreja caminhe unida em sua diversidade desenvolvendo a santidade. Por isso, o Senhor Deus concedeu aos cristãos a dignidade de serem seus agentes comunicadores, privilégio e responsabilidade que incluem a proclamação, mas também vai além disso, pois embora possamos fazer coisas importantes com as palavras, as ações falam ainda mais alto.²³⁶

Vanhoozer, entende que o mundo é um teatro de ação e não simplesmente de contemplação, um teatro de operações em que está sendo travada uma guerra cósmica em várias frentes culturais. Portanto, a tarefa da teologia é equipar os

²³³ Bíblia de Estudos de Genebra. 2ªed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.1649.

²³⁴ Ibid., 1803.

²³⁵ Ibid., 1787.

²³⁶ VANHOOZER, Kevin. O drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2016, p.74.

discípulos para falarem e agirem de formas que correspondam ao evangelho em contextos específicos. E o papel da doutrina é capacitar a Igreja a edificar a casa da sabedoria: um padrão de expressão e de ação, que se encaixa tanto com a criação quanto com a redenção para a glória de Deus. Assim, a palavra que Deus “envia” pelas Escrituras para Igreja também tem uma missão: dar testemunho de Cristo e edificar o povo de Deus. Logo, a missão das Escrituras está vinculada às missões trinitárias do Filho e do Espírito, e a missão da Igreja e da teologia, é participar da missão conjunta da Palavra e do Espírito e a ela dar seguimento.²³⁷

Essa missão se cumprirá quando a Palavra for pregada ao coração de cada ouvinte, e serão transformados onde estiverem, independente do contexto cultural que estão inseridos, pois pregar ao coração significa, em parte, conectar-se às pessoas em seu ambiente cultural.

Keller, nos ensina que devemos pregar com afeições verdadeiras, pois, se queremos pregar ao coração devemos pregar de coração, vejamos o que diz o autor:

É preciso que fique claro que o seu próprio coração foi alcançado pela verdade do texto. Para tanto, requer-se uma transparência genuína. Os pregadores que tocam corações (ao contrário dos que os manipulam) revelam suas afeições pessoais sem a intenção deliberada de fazê-lo. É necessário que, quando você fala, fique evidente de todas as formas que você foi humilhado, ferido, curado, consolado e exaltado pelas verdades que está apresentando, e que elas têm poder genuíno em sua vida.²³⁸

Observa, também, o autor, que a pregação sadia brota de dois amores – amor à Palavra e amor às pessoas, e de ambos brota o desejo de mostrar às pessoas a graça gloriosa de Deus. Assim, mesmo que em nosso entendimento só Deus possa abrir os corações, o comunicador deve proporcionar bons momentos e matéria para reflexão ao apresentar a verdade de forma precisa, explicitando – a para o coração e para a vida do ouvinte. E que um dos elementos necessários para que a pregação tenha afeições verdadeiras consiste em uma vida de oração profunda, rica e particular, pois, se nosso coração não estiver regularmente engajado no louvor e no arrependimento, se não nos sentirmos constantemente maravilhados diante da graça divina quando estamos sós, não há como fazê-lo em público.²³⁹

Além disso, ressalta que temos que pregar Cristo em todos os textos, o que equivale dizer que temos de pregar o evangelho o tempo todo, em vez de nos

²³⁷ Ibid., 75-76, 87.

²³⁸ KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. Tradução de A.G. Mendes – São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 204.

²³⁹ Ibid., p. 206.

contentarmos com as pregações moralistas ou de caráter inspirador genérico. Logo, pregar Cristo sempre é uma forma de mostrar às pessoas de que maneira a Bíblia toda faz sentido, e que ao pregador cabe à responsabilidade de estar comprometido com a verdade da Bíblia, e com as necessidades espirituais dos ouvintes. E que pregar Cristo sempre é também a única maneira de ajudar verdadeiramente as pessoas a mudar de dentro para fora.

Por tais razões, o que chamamos as pessoas a experimentar, devemos experimentar primeiramente. O que o Espírito Santo fará no coração dos ouvintes ele fará primeiramente em nossos corações e por meio de nossas vidas. Devemos ser como vidros transparentes através do qual as pessoas possam ver uma alma arruinada, porém transformada pelo evangelho, de tal modo que elas queiram isso para si também. Neste sentido, podemos dizer que um teólogo cristão é um teólogo da cruz, e isso significa sofrer por dar testemunho verdadeiro.

Para Vanhoozer, “teólogos são mais relevantes do que nunca em uma era que perdeu a sabedoria num mar de conhecimento e o conhecimento num mar de informações”. E que a Igreja atual precisa é de pastores-teólogos, capazes de diagnosticar febres e outras doenças debilitantes no corpo de Cristo antes de elas causarem grandes estragos. Pois, em grande parte, é graças ao trabalho médico de pastores-teólogos que a doutrina, o medicamento celeste oferecido por Deus, entra na corrente sanguínea do corpo de Cristo. Portanto, o pastor, na posição de ministro da Palavra e mestre da doutrina, é o clínico geral da igreja.²⁴⁰

Vale lembrar que, conhecer Cristo e o poder de sua ressurreição (Fp 3.10 NAA)²⁴¹ é a derradeira cura não para morte, mas para o desespero que anda à espreita na porta da morte (1Pe 5.8 NAA)²⁴². Assim, descrever o que está em Cristo é proclamar vitória aos oprimidos e vida eterna aos moribundos, pois, o evangelho é boa notícia de que Cristo derrota até a morte, bem como todas as outras coisas que ameaçam a vida abundante. E neste contexto, passamos a entender a importância e o verdadeiro trabalho da teologia e a atuação dos teólogos.

²⁴⁰ VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo: contribuições para uma teologia evangélica**. Trad. Marco L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 107, 117.

²⁴¹ Paulo ensinou que é pela participação no sofrimento de Cristo que o poder da ressurreição de Cristo é manifestado na vida do cristão. Essa identificação com os sofrimentos de Cristo envolve não somente martírio, mas toda a vida. (Bíblia de Genebra, p. 1587).

²⁴² Pedro exorta os cristãos acerca da força e do poder destruidor do diabo e acentua a necessidade da vigilância por parte dos cristãos. Embora a morte e a ressurreição de Cristo tenham limitado severamente o poder de Satanás, ele ainda não foi domado (Bíblia de Genebra, p. 1688).

De acordo com Madureira, “Quem acredita na Palavra sabe que ela tem poder tanto para transformar pessoas como para criar o universo, pois Deus criou todas as coisas por meio da Palavra”, segue o autor dizendo:

Não é a Palavra que deve se acomodar à mente do teólogo, mas é a mente do teólogo que deve se dilatar para receber a Palavra. Quando a Palavra é editada, reduzida, adulterada, então o teólogo já não pode mais contar com o elemento suprateológico, aquele elemento que é justamente a fonte de todo autêntico labor teológico, a saber, a ferida no coração, causada tão somente pela pregação fiel da Palavra. A fonte de todo o labor teológico não é teológica, e sim suprateológica, ou seja, o ponto de partida da teologia não é o tema central da teologia, mas, ao mesmo tempo, é aquilo sem o qual o tema central da teologia, que é Deus, jamais poderia ser conhecido de forma adequada. Por isso a falta de amor que é reflexo da ausência da ferida no coração provocada pela pregação fiel da Palavra suscita no coração do teólogo o desejo de procurar outras coisas que são, para ele, aparentemente mais interessantes do que o ensino fiel da Palavra.²⁴³

Corroborando para o nosso entendimento, Vanhoozer define o papel dos teólogos e o trabalho da teologia, a saber:

O verdadeiro trabalho da teologia é de fato lavar. Teólogos promovem o crescimento de discípulos saudáveis que sabem como expressar com a vida a ordem criada que foi renovada em Cristo. A teologia envolve o ato de lavar que é escatologicamente determinado: colher as primícias da vida eterna no poder do Espírito. Teólogos servem para ministrar saúde ao corpo de Cristo e para ajudar os membros do corpo a se tornarem pequenos Cristos. Longe de ser perda de tempo, a teologia é a única maneira de resgatar o tempo: mediante cultivo da devoção, o conhecimento vívido de Deus. Corpos que tomam a medicação prescrita pela teologia evangélica se esforçam em harmonizar suas palavras, seus pensamentos e suas ações com a mente e o coração de Jesus Cristo, a fonte e o padrão de toda a verdade, a bondade e a beleza. A verdadeira obra da teologia é a de encarar a realidade. (VANHOOPER, 2015, p. 120-121).

Assim, de acordo com o autor, o corpo de Cristo é edificado e equipado para fazer seu trabalho, sua missão no mundo e em favor do mundo, que é o seu palco de atuação. Consequentemente, quando todos os sistemas do corpo estão funcionando conforme o planejado, o corpo de Cristo, à semelhança do próprio Senhor Jesus, torna-se uma ilustração viva do Reino de Deus.²⁴⁴

Dessa forma, como ficou demonstrado, a Igreja do Senhor Jesus precisa atentar-se para os valores tão importantes que estão explícitos em um dos textos bíblicos mais claros sobre a dinâmica da Igreja em seu princípio, resgatando a simplicidade da Igreja primitiva, a fim de que a Apostolicidade seja uma marca diferencial entre as comunidades humanas. Vejamos o que nos ensina Lucas, em Atos, capítulo 2,

²⁴³ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p.320-321.

²⁴⁴ Ibid., p. 119.

versículo 42: “Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações”.

Pedro Dulci e seus colaboradores, abordam essa questão, a saber:

A Apostolicidade explícita na doutrina da Igreja era a base e fazia parte da vida e da compreensão de toda a comunidade de fé – uma fé firmada em Cristo que causava transformação. A comunhão aqui, não significa apenas “estar juntos”, mas, “ter em comum”, uma referência ao compartilhamento de seus bens materiais praticados na Igreja primitiva. O “partir do pão” é, provavelmente, uma referência às refeições regulares, mas, no final de cada refeição, é bem possível que fizessem uma pausa para se lembrar de Cristo celebrando a Ceia do Senhor.²⁴⁵

Neste sentido, oportuno observarmos que a Igreja do Senhor clama por unidade e paz, e se queremos promover a paz e a unidade em meio a diversidade, devemos considerar como Deus dispôs o corpo, e nos lembrarmos dos dons, das graças e das virtudes que há em uns e outros. E que esses dons, graças e virtudes estejam diante de nossos olhos mais do que as falhas e as imperfeições. Devemos, também, compreender as palavras e ações uns dos outros com as melhores intenções, pois o amor é o melhor juiz e não deseja o mal. E se palavras e ações podem ser interpretadas com bom senso, nunca devemos interpretá-las mal.²⁴⁶

Além disso, se queremos preservar a unidade no Espírito, pelo vínculo da paz, devemos nos lembrar de que o Deus a quem servimos é um Deus de paz (1Co 14.33 NAA), que nosso Salvador é o Príncipe da paz (Is 9.6 NAA), que a sabedoria nos “guiará por estradas agradáveis, todos os seus caminhos levam a uma vida de paz” (Pv 3.17 NAA), e que Cristo foi enviado ao mundo “para iluminar aqueles que estão na escuridão e na sombra da morte e nos guiar ao caminho da paz” (Lc 1.79 NAA).

A esse respeito, John Bunyan, nos faz uma exortação:

Considerem e lembrem-se: o juiz está à porta. Deixem esta realidade moderar seu espírito: O Senhor está próximo. Que triste prestação de contas terão de fazer, quando o Senhor vier, aqueles que feriram os que, como eles, são servos. Os tais tornaram o caminho para o Reino de Deus mais estreito do que ele jamais fez! (BUNYAN, 2020, p. 67-68).

De acordo com Chan, existem mandamentos bíblicos para evitar falsas doutrinas e instruções para corrigir aqueles que ensinam algo diferente da verdade de Deus. São passagens numerosas, e é preciso que sejam levadas a sério, mas, elas não podem ser tomadas isoladamente, assim diz o autor:

²⁴⁵ **Igreja Sinfônica: um chamado radical pelo chamado dos cristãos.** Organizador: Pedro Lucas Dulci. 1ª Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 95-95.

²⁴⁶ BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz.** Trad. Maurício Zágari- 1 Ed.: Rio de Janeiro, 2020, p. 62-63.

A Bíblia apresenta mais mandamentos para amar o próximo, para unir os demais, para evitar brigas e discórdias, e promover a paz. Eles precisam ser levados a sério. Literalmente, até. Entretanto eles exigem algo de nós. Viver em amor é como se realiza a verdadeira maturidade. Porque o amor “se alegra com a verdade” (1 Co 3.6), o amor maduro deve incluir o zelo pela verdade doutrinal. Mas esse amor encontrará formas de não apenas falar sobre isso, mas de ser realmente gentil, paciente, não ter inveja não ter orgulho, não ser arrogante, não ser rude e todas as outras características do amor.²⁴⁷

Como podemos notar, esse caminho para maturidade requer muito maior profundidade de sacrifício, empenho e esforço, pois, como nos ensinou o próprio Senhor Jesus, no evangelho de Mateus, capítulo 7, versículo 14, “A porta para a vida é estreita, e o caminho é difícil, e são poucos os que o encontram”.

De acordo com o Dr. Whitlock, o passo mais importante para construirmos pontes em favor da unidade e comunidade é chegarmos mais perto de Deus, segue o autor dizendo,

O processo de amadurecimento espiritual nos aproxima de Deus e uns dos outros. Podemos não perceber isso imediatamente, mas ocorrerá; à medida que nos conformarmos à imagem de Deus em Cristo, a força desses laços uns com os outros será impressa em nós. Descobrimos que quando os outros pertencem a Cristo, temos um parentesco com eles que ofusca todas as diferenças de nacionalidade, cultura ou denominação. A percepção de que somos irmãos no Senhor, uma família, é a chave para esse sentimento de pertencimento. Assim, o Senhor espera que expressemos afeto e boa vontade para com os outros crentes nos níveis individual, congregacional e denominacional, demonstrando nossa transformação espiritual. Nem sempre precisamos concordar, mas devemos sempre reconhecer os laços que nos une.²⁴⁸

Continua em seu entendimento, o autor, dizendo que é evidente que a Igreja fragmentada do período moderno é uma expressão trágica da pecaminosidade humana, e maior prioridade deveria ter sido dada para alcançar a unidade pela qual o Senhor Jesus orou. Portanto, muito mais importante do que o futuro de qualquer denominação ou organização paraeclesial é o futuro da própria Igreja. Essa deve ser a preocupação primordial de todo o povo de Deus. Pois, chegou a hora do arrependimento, cura e novas iniciativas de união entre os evangélicos, para que, embora permaneçam diversificados e nos beneficiemos de tal diversidade, também nos tornemos uma verdadeira comunhão de santos que fiel e honestamente representam a imagem de Deus a um mundo incrédulo (WHITLOCK, 2023, p. 185).

²⁴⁷ CHAN, Francis. **Até que sejamos um**. Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 105.

²⁴⁸ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 165-166.

Podemos concluir, portanto, que precisamos de um lugar seguro para peregrinos exaustos. É hora de deixarmos em segundo plano as campanhas políticas, os interesses egoístas, os projetos de obras, as atividades da Igreja os cultos inspiradores. Precisamos mergulhar no mundo incontrolável e confuso dos relacionamentos, admitir nossos fracassos, identificar nossas tensões, explorar nossas falhas. Precisamos nos transformar na resposta à oração de nosso Senhor, pois ele orou para que nos tornássemos um, como ele e o Pai são um.

Já é tempo de edificar a Igreja, uma comunidade de pessoas que se refugiam em Deus e encorajam umas às outras a jamais fugirem em busca de outro socorro; uma comunidade de amigos que sabem que a única maneira de viver neste mundo é se dedicando a vida espiritual, a nossa vida com Deus e com os outros. Sabemos que não será fácil, mas valerá a pena, pois está em jogo o nosso impacto sobre o mundo.²⁴⁹

Que possamos refletir sobre os ensinamentos do apóstolo Paulo, referentes a nossa nova natureza:

Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revistam-se de profunda compaixão, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outra pessoa. Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem também uns aos outros. Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Que a paz de Cristo seja o árbitro no coração de vocês, pois foi para essa paz que vocês foram chamados em um só corpo. E sejam agradecidos. Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês. Instruam e aconselhem-se mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão no coração. E tudo o que fizerem, seja em palavra, seja em ação, façam em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3:12-17 NAA).

²⁴⁹ CRAB, Larry. **O lugar mais seguro da terra**. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 48-49.

CONCLUSÃO

Diante dos desafios apresentados nessa geração, a Igreja do Senhor Jesus necessita, à luz das Escrituras, compreender as principais correntes de pensamentos que guiam a nossa época. Entender cada corrente filosófica e sociológica que formam e moldam os hábitos e inclinações do coração. Além disso, a Igreja do Senhor precisa buscar ferramentas bíblicas e pastorais para compreender e responder, a partir de uma prática ministerial missional, a todos esses espíritos da nossa época. Buscar discernimento através do Espírito Santo, pois é Ele quem nos guia à verdade e nos ajuda a distinguir entre o certo e o errado (Jo 16.13 NAA).

A Igreja Missional, que tem um povo escolhido como representantes de Cristo, necessita posicionar-se para caminhar unidos em meio a diversidade, buscando a expansão do Reino de Deus. Buscar a renovação de suas mentes por meio da Palavra, não se deixando amoldar pelos padrões da nossa época. Uma Igreja capacitada por meio da pregação do evangelho, pois a pregação fiel das Escrituras é um meio poderoso pelo qual o povo de Deus pode ser alimentado e capacitado para o chamado missional. E como Paulo destaca, os dons do ministério da Palavra que capacitarão o povo de Deus a crescer até atingir a medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4. 1-16 NAA). Portanto, a pregação que não convida o povo de Deus a encarnar uma história diferente do mundo, diferente da história oferecida pela cultura dominante, o deixará vulnerável à história idólatra da cultura.²⁵⁰

Como Igreja Missional, devemos nos empenhar para vivermos como uma comunidade de contraste, que testemunha humilde e ousadamente da verdade em um mundo de incertezas. Uma comunidade de esperança em um mundo desiludido e saturado, pois a esperança produz um senso de propósito pelo qual vale a pena viver e morrer, é luz em um mundo que afirma de diversas maneiras: “Não há futuro pelo qual valha a pena viver”. Como uma comunidade de contraste devemos demonstrar alegria e gratidão em um mundo hedonista que busca freneticamente o prazer, pois a verdadeira alegria é alcançada quando vivemos da maneira como nosso Criador nos fez para viver.²⁵¹

Além disso, como comunidade de contraste é preciso entender que fomos criados para unidade, salvos para sermos unificados, e passaremos a eternidade

²⁵⁰ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 243.

²⁵¹ Ibid., p.250.

adorando como um corpo único.²⁵² Se queremos preservar a paz, devemos nos lembrar das graças e das virtudes que há em uns e outros. Que esses dons, graças e virtudes estejam diante de nossos olhos mais do que as falhas e imperfeições.²⁵³ Entender que seu propósito, como comunidade de contraste, é atrair as pessoas para Cristo, espelhar Cristo para as pessoas, revelar Cristo aos outros na sua conduta, e que devemos ser uma comunidade de amigos espirituais e orientadores espirituais que juntos caminhamos para Deus.²⁵⁴

De acordo com Whitlock, é evidente que a Igreja fragmentada do período moderno é uma expressão trágica da pecaminosidade humana, vejamos seu argumento: “A maior prioridade deveria ter sido e deve ser dada para alcançar a unidade pela qual Jesus orou. Muito mais importante do que o futuro de qualquer denominação ou organização paraeclesial é o futuro da própria Igreja. Essa deve ser a preocupação primordial de todo o povo de Deus”.²⁵⁵

Por tais razões, chegou a hora do arrependimento, cura e novas iniciativas entre os cristãos, para que, embora permaneçamos diversificados e nos beneficiemos de tal diversidade, também, nos tornemos uma verdadeira comunhão de santos que fiel e honestamente representam a imagem de Deus a um mundo incrédulo.²⁵⁶

“Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más”. (2 Coríntios 5:10 NVI).

²⁵² CHAN, Francis. **Até que sejamos um**. Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 163.

²⁵³BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz**. Trad. Maurício Zágari- 1 Ed.: Rio de Janeiro, 2020, p.63.

²⁵⁴ CRAB, Larry. **O lugar mais seguro da terra**. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p.245-246.

²⁵⁵ WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023, p. 185.

²⁵⁶ Ibid., 185.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, João Paulo Thomas de. **União com Cristo: Uma abordagem bíblica, teológica, histórica, prática e atualizada da mais importante das doutrinas.** Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2023.

BUNYAN, John. **Um clamor por unidade e paz.** Trad. Maurício Zágari- 1 Ed. Rio de Janeiro: GodBooks, 2020.

BARCLAY, William. **Gálatas y Efésios.**

BARTHOLOMEW, Craig G. Michael W. Goheen. **O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na Bíblia.** Tradução de Daniel Kroker . São Paulo: Vida Nova, 2017.

BONHOEFFER, Dietrick. **A essência da igreja.** Tradução Dr. Daniel Sotelo. Giânia: Editora Cruz, 2017.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João II: comentário esperança.** Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário.** Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. São Paulo, 2002.

CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura: exposição de Hebreus.** Vereda Cristã – Livraria Evangélica Ltda. São Bernardo do Campo- SP: 1997.

CALVINO, João. **Romanos.** Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Ed. Fiel, 2014.

CARSOM, D.A. **O Discurso de Despedida e a última oração de Jesus: Exposição de João 14-17.** Trad. Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CHAN, Francis. **Até que sejamos um.** Trad. Claudia Santana Martins. 1Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

ENGLEN, Charles Van. **Povo missionário, povo de Deus.** São Paulo: Vida Nova, 1996.

FERREIRA, Franklin e Alan Myatt. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: Luz para as nações.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. e Craig G. Bartholomew. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.** Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GUTHRIE, Donald. **A Carta aos Hebreus: Introdução e comentário.** Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão. São Paulo, 1983.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Exposição de Filipenses.** Trad. Valter Graciano Martins. Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1992.

HOEKEMA, Antony A. **A Bíblia e o Futuro.** Trad. Karl H. Kleper. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

HORTON, Michael. **A grande comissão.** São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

HORTON, Michael Scott. **O Cristão e a Cultura: Uma perspectiva cristã da cultura e nosso lugar nela.** Trad. Elizabeth Stowel Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 3ª Ed. 2018.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo.** Tradução de A.G. Mendes – São Paulo: Vida Nova, 2017.

Lloyd-Jones, D. Martyn. **Romanos: Exposição sobre o capítulo 12 – O Comportamento cristão.** São Paulo: Ed. Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003.

LIMA, Leandro Antônio de. **Exposição de Gálatas – Comentário Bíblico.** São Paulo: Editora Agathos, 2019.

LOPES, Hernandes Dias. **Efésios: igreja, a noiva gloriosa de Cristo.** São Paulo: Hagnos, 2009.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

CRAB, Larry. **O lugar mais seguro da terra.** Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

OWEN, John. **A doutrina da Trindade provada pela Bíblia.** Trad. Fernando Batista. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2021.

PIPER, Jon. **Alegrem-se os povos.** Trad. Rubens Castilho e Wagner Barbosa. São Paulo. Cultura Cristã, 2012.

RYLE, J.C. **Santidade: sem a qual ninguém verá o senhor.** Trad. João Bentes & Valéria Coicev. 2 Ed., 5 reimpr. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2016.

STOTT, John, R, W. **A Mensagem de Romanos.** Trad. Silêda e Marcos D. S Steuernagell. São Paulo: Abu Ed. 2000.

SHEDD, Russell. **Alegrai-vos nos Senhor: uma exposição de Filipenses**. Edições Vida Nova: São Paulo, 1984.

VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo: contribuições para uma teologia evangélica**. Trad. Marco L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

VANHOOZER, Kevin. **O drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã**. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2016.

WOLTERS, Albert M. **A criação restaurada**. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

WHITLOCK, Luder G. **Para que sejamos um**. Tradução Thiago Machado Silva- São Paulo; Cultura Cristã, 2023.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012.

MEISTER, Mauro F. “**Pregação no Antigo Testamento: É Mesmo Necessária?**”, em Fides Reformata 1/1(1996), 1-5. Acesso em 28/05/25 às 15h.

Igreja Sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos. Organizador: Pedro Lucas Dulci. 1ª Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

Manual bíblico vida nova/editor geral: David S. Dockery; tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.

www.institutoreformado.com.br. **O propósito da Criação**, p.3. Acesso: 09/06/25, às 11h42.

www.institutoreformado.com.br. **Queda do ser humano**, p.32. Acesso 05/07/25, às 15h36.